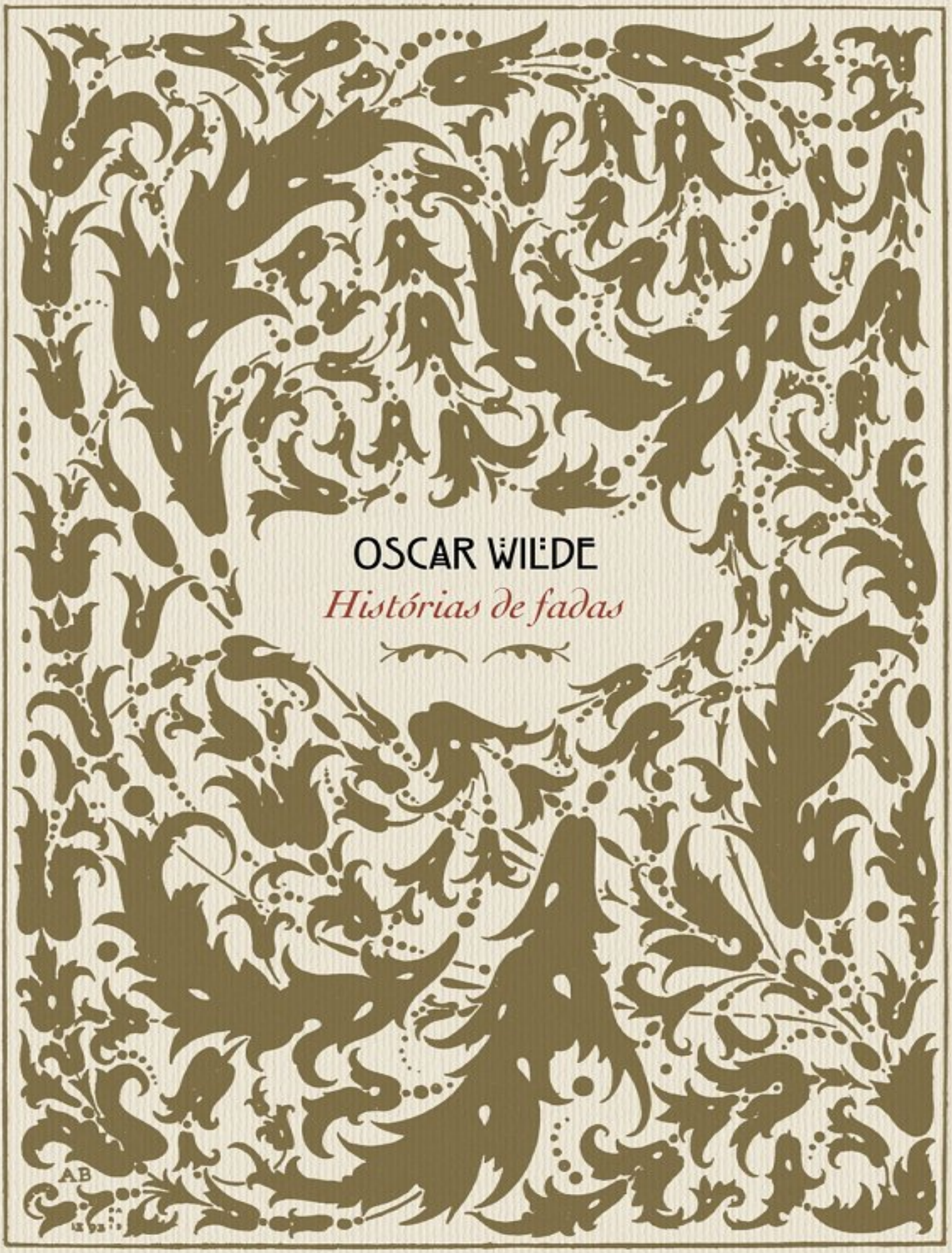

OSCAR WILDE
Histórias de fadas
AB

WILDE

Histórias de fadas

TRADUÇÃO
Barbara Heliodora

3ª EDIÇÃO

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: *The Fairy Stories*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Candelária, 60, 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagens de capa e boxe: Aubrey Beardsley

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W662h

Wilde, Oscar, 1854-1900
Histórias de fadas / Oscar Wilde; tradução Barbara Heliodora. - 3. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2019.
(Grandes obras de Oscar Wilde)

Tradução de: The fairy stories
ISBN 978.85.209.4384-7
1. Ficção inglesa. I. Heliodora, Barbara. II. Título. III. Série.

19-54750 CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Ficha catalográfica

O Príncipe Feliz

O Gigante Egoísta

O Amigo Dedicado

O Foguete Notável

O Rouxinol e a Rosa

O Jovem Rei

O Aniversário da Infanta

O Filho da Estrela

O Pescador e sua Alma

Colofão

O Príncipe Feliz

Na parte alta da cidade, no topo de uma certa coluna, ficava a estátua do Príncipe Feliz. Era toda dourada com finíssimas folhas de ouro refinado, seus olhos, duas safiras brilhantes, e um grande rubi fulgurava no punho de sua espada.

O Príncipe era verdadeiramente admirado.

— Ele é bonito como um cata-vento — comentou um dos Conselheiros da Cidade, que queria ficar famoso por gostar das artes. — Só que não é tão útil — acrescentou logo, com medo de que o povo o julgasse pouco prático, o que não era verdade, aliás.

— Por que você não pode ser igual ao Príncipe Feliz? — perguntou uma mãe sensata a seu filhinho que estava chorando porque queria a lua. — O Príncipe Feliz jamais sonha em chorar pelo que quer que seja.

— Alegro-me que haja alguém no mundo que seja inteiramente feliz — resmungou um homem desencantado ao olhar para a maravilhosa estátua.

— Ele é igualzinho a um anjo — disseram os meninos do Orfanato ao sair da catedral vestindo suas capas vermelho-vivo e seus aventais brancos.

— Como é que você sabe? — disse o Professor de Matemática. — Você nunca viu um deles.

— Ah, vimos, sim, em nossos sonhos — responderam as crianças.

Então o Professor de Matemática franziu o cenho e ficou muito severo, pois não aprovava essa história de criança sonhar.

Certa noite voou por cima da cidade uma Andorinha macho. Seus amigos tinham voado para o Egito já havia seis semanas, mas ele ficara para trás, porque estava apaixonado por uma lindíssima Haste de Junco. Ele a conhecera no início da primavera, ao voar rio abaixo atrás de uma mariposa, e ficara tão atraído pela esbelteza de sua cintura que parou para conversar com ela.

— Será que devo amá-la? — disse o Passarinho, que gostava de entrar logo no assunto, e a Haste fez-lhe uma profunda reverência.

Então ele ficou voando em torno dela, tocando a água com suas asas, criando pequenos círculos prateados. Era assim que fazia a corte, que durou todo o verão.

— É uma ligação ridícula — chilreavam os outros passarinhos. — Ela não tem dinheiro e tem parentes demais — disseram, pois o rio era todo cheio de Juncos.

Quando chegou o outono, como sempre, elas voaram para bem longe.

Depois que as outras partiram, ele sentiu-se solitário e começou a se cansar de sua amada.

— Ela não sabe conversar — disse ele —, e tenho receio que seja muito coquete, pois está sempre flertando com o vento.

E é bem verdade que sempre que o vento soprava, a Haste de Junco se curvava das maneiras mais graciosas.

— Tenho de confessar que ela é muito caseira — continuou ele —, mas eu adoro viajar, e portanto a minha mulher também deveria gostar de viagens.

— Você quer partir comigo? — perguntou ele finalmente, porém a Haste fez que não com a cabeça, por ser muito ligada a seu lar.

— Então você esteve brincando comigo — gritou ele. — Vou-me embora para as Pirâmides. Adeus! — E saiu voando.

Voou o dia todo e, de noite, chegou à cidade.

"Onde hei de passar a noite?", pensou ele. "Espero que a cidade tenha tomado as devidas providências."

E então viu a estátua no alto da coluna.

— É ali que vou ficar! — exclamou. — É uma situação privilegiada, com muito ar fresco.

E pousou exatamente entre os dois pés do Príncipe Feliz.

— Ganhei um quarto de ouro — disse ele baixinho para si mesmo, enquanto olhava em volta, preparando-se para dormir.

Mas, no momento exato em que ia colocar a cabeça debaixo da asa, uma enorme gota d'água caiu em cima dele.

— Que coisa curiosa! — exclamou ele. — Não há uma única nuvem no céu, as estrelas estão perfeitamente visíveis e brilhantes, e no entanto está chovendo. O clima no norte da Europa é realmente horrível. Haste de Junco costumava gostar da chuva, mas só porque sempre foi egoísta.

E aí caiu outra gota.

— De que adianta uma estátua se não serve para impedir que a água caia? — disse ele. — Eu preciso procurar uma boa chaminé com tampa. — E resolveu sair voando.

Mas antes que pudesse abrir as asas, caiu uma terceira gota, e olhando para cima ele viu… Ah! O que foi que ele viu?!!!

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas, e lágrimas rolavam por suas faces douradas. Seu rosto era tão bonito ao luar que o pequeno Passarinho ficou tomado de piedade.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Sou o Príncipe Feliz.

— Então por que é que está chorando? — perguntou o Passarinho. — Você me encharcou todo.

— Quando eu era vivo e tinha um coração humano — respondeu a estátua —, eu não sabia o que eram as lágrimas, porque morava no Palácio de Sans-Souci, onde as tristezas eram proibidas de entrar. De dia eu brincava com meus pequenos companheiros no jardim, e de noite eu liderava as danças no Salão Principal. Em volta do jardim havia um muro muito alto, mas eu nunca me dei ao trabalho de perguntar o que havia para além dele, já que tudo à minha volta era tão bonito. Meus cortesãos me chamavam de Príncipe Feliz, e eu era na verdade feliz, se é que o prazer é felicidade. Assim eu vivi e assim eu morri. E, agora que estou morto, eles me puseram aqui, tão alto que posso ver todo o mal e toda a miséria da minha cidade e, mesmo que meu coração seja feito de chumbo, não posso evitar chorar.

— O quê?! Ele não é de ouro maciço? — disse o Passarinho para si mesmo. Ele era bem-educado demais para fazer comentários pessoais em voz alta.

— Lá longe — continuou a estátua com voz suave e musical —, bem lá longe, em uma pequena ruela, há uma casa muito pobre. Uma das janelas está aberta e, através dela, posso ver uma mulher sentada. Seu rosto é magro e gasto, e ela tem mãos ásperas e vermelhas, todas picadas de agulha, já que é costureira. Ela está bordando flores de maracujá em um vestido de cetim para a mais bela das Damas de Honra da Rainha usar no próximo baile da Corte. Na cama, em um canto do quarto, está deitado, doente, o filhinho dela. Ele está com febre e pediu uma laranja, porém a mãe não tem nada para lhe dar senão

água do rio, e por isso ele está chorando. Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho, será que não podia entregar a ela o rubi do punho da minha espada? Meus pés são presos a este pedestal e eu não posso me mexer.

— Estão me esperando no Egito — disse o Passarinho. — Meus amigos estão voando para cima e para baixo no Nilo, conversando com as enormes flores de lótus. Daqui a pouco eles vão dormir no túmulo do Grande Rei. O próprio Rei está lá, em seu caixão pintado. Ele está embrulhado em linho amarelo e embalsamado com especiarias. Em torno de seu pescoço há uma corrente de jade verde pálido, e suas mãos parecem folhas secas.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, será que você não pode ficar comigo por uma noite e ser meu mensageiro? O menino está com tanta sede, e a mãe está tão triste.

— Eu acho que não gosto de meninos — respondeu o Passarinho. — No verão passado, quando eu estava pousando no rio, havia dois meninos muito grosseiros, os filhos do moleiro, que estavam sempre atirando pedras em mim. Eles nunca me atingiram, é claro. Nós, andorinhas, voamos bem demais para isso, e além do mais eu pertenço a uma família famosa por sua agilidade. Mesmo assim, foi um gesto desrespeitoso.

Mas o Príncipe Feliz parecia tão triste que o pequeno Passarinho pediu desculpas.

— Aqui faz muito frio — disse ele —, mas eu ficarei com você por uma noite e serei seu mensageiro.

— Muito obrigado, pequeno Passarinho — disse o Príncipe.

Então o Passarinho tirou o grande rubi da espada do Príncipe e voou, levando-o no bico, por cima dos tetos da cidade.

Ele passou pela torre da catedral, onde havia estátuas de anjos em mármore branco. Passou pelo palácio e ouviu o barulho de gente dançando. Uma moça bonita apareceu em um balcão com o namorado.

— Como estão maravilhosas as estrelas — disse-lhe ele. — E como é maravilhoso o poder do amor!

— Espero que meu vestido fique pronto a tempo do baile da Corte — respondeu ela. — Eu mandei bordar umas flores lindas nele, mas as costureiras são tão preguiçosas.

Ele passou pelo rio e viu as lanternas penduradas nos mastros dos navios. Passou pelo gueto e viu os velhos judeus negociando uns com os outros e pesando dinheiro em balanças de cobre. Finalmente chegou à casinha pobre e olhou lá para dentro. O menino estava a se virar febrilmente na cama, e a mãe havia caído dormindo de tão cansada. Ele pulou para dentro e depositou o rubi ao lado do dedal da mulher. Depois, voou suavemente em torno da cama, abanando a testa do menino com suas asas.

— Como ficou fresquinho — disse o menino. — Eu devo estar melhorando. — E caiu num sono delicioso.

Então o Passarinho voou de volta para o Príncipe Feliz e contou-lhe o que havia feito.

— É curioso — comentou o pássaro —, mas estou me sentindo bem quentinho agora, apesar de estar fazendo frio.

— É porque você fez uma boa ação — disse o Príncipe.

E o pequeno Passarinho começou a pensar, e adormeceu. Pensar sempre dava sono nele.

Quando o dia nasceu, ele voou até o rio e tomou banho.

— Que fenômeno notável! — disse o Professor de Ornitologia que estava passando na ponte. — Uma andorinha no inverno! — E escreveu uma longa carta ao jornal local. Todo mundo passou a citá-la, porque estava cheia de palavras que ninguém conseguia compreender.

— Hoje de noite vou para o Egito — disse o Passarinho, que estava muito contente só de pensar nisso.

Ele visitou todos os monumentos da cidade e ficou uma porção de tempo sentado no alto da torre da igreja. E em todo lugar aonde ia, os Pardais chilreavam e diziam uns para os outros: "Que visitante distinto!", de modo que ele se divertiu muito.

Quando a lua apareceu, ele voou de novo até o Príncipe Feliz.

— Você tem alguma encomenda para o Egito? — gritou ele. — Eu estou de partida.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, não quer ficar só mais uma noite comigo?

— Estão me esperando no Egito — respondeu o Passarinho. — Amanhã meus amigos vão voar para a Segunda Catarata. Os cavalos-marinhos se

aninham nos juncos, e o grande deus Memnon fica sentado em um imenso trono de granito. A noite inteira ele fica olhando as estrelas. Quando aparece a estrela da manhã, ele solta um grito de alegria e depois fica imóvel. Ao meio-dia os leões amarelos descem até a beira da água para matar a sede. Eles têm olhos como berilos verdes, e seu rugido é mais alto do que o da catarata.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, lá longe, do outro lado da cidade, eu vi um rapaz em um sótão. Ele está curvado sobre uma mesa coberta de papéis, e em uma caneca a seu lado há um ramo de violetas murchas. Seus cabelos são castanhos e enrolados, seus lábios, rubros como romãs, e seus olhos são grandes e sonhadores. Ele está tentando acabar uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com frio demais para poder continuar a escrever. Não há fogo no braseiro, e ele desmaiou de fome.

— Eu espero mais uma noite com você — disse o Passarinho, que tinha muito bem no coração. — Quer que eu leve outro rubi?

— Infelizmente já não tenho mais rubis — disse o Príncipe. — Só me restam os meus olhos, feitos de safiras raras, trazidas da Índia há mil anos. Arranque uma delas agora e leve para o garoto. Ele pode vendê-la ao joalheiro, comprar lenha e acabar sua peça.

— Querido Príncipe — disse o Passarinho —, eu não posso fazer uma coisa dessas. — E começou a chorar.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, faça como eu mandei.

Então o Passarinho arrancou o olho do Príncipe e voou para o sótão. Foi muito fácil entrar, porque havia um buraco no telhado. Passando por ali, ele entrou no quarto. O rapaz estava com a cabeça abaixada entre as mãos, de modo que não ouviu o bater das asas do pássaro, e quando olhou para cima viu a linda safira pousada em cima das violetas murchas.

— Estou começando a fazer sucesso! — gritou ele. — Isso é de algum admirador. Agora posso terminar minha peça. — E parecia muito contente.

No dia seguinte, o Passarinho voou até o porto. Pousado no mastro de um grande navio, ficou observando os marinheiros que, com cordas, içavam grandes baús para o porão. “Levanta, moçada!”, gritavam eles cada vez que um baú ia subir.

— Eu vou para o Egito! — gritou o Passarinho, mas ninguém prestou atenção, e quando a lua apareceu ele voou de volta para o Príncipe Feliz.

— Eu vim para dizer adeus — cantou ele.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, será que não pode ficar mais uma noite comigo?

— É inverno — respondeu o Passarinho —, e daqui a pouco a neve gelada vai chegar. No Egito o sol é quente sobre as palmeiras verdes, e os crocodilos ficam se espreguiçando na lama, só olhando em volta. Meus companheiros estão construindo um ninho no Templo de Baalbek, e os pombos rosa e brancos estão a observá-los, arrulhando um para o outro. Querido Príncipe, eu tenho de deixá-lo, mas nunca mais hei de esquecê-lo, e na próxima primavera lhe trarei duas lindas joias para substituir as que deu. O rubi será mais rubro do que uma rosa vermelha, e a safira, azul como o mar imenso.

— Na praça ali embaixo — disse o Príncipe — está uma menininha que vende fósforos. Ela os deixou cair na sarjeta, e eles ficaram todos estragados. Seu pai vai espancá-la se ela não levar algum dinheiro para casa, e ela está chorando. Ela não tem sapatos nem meias, e está com a cabecinha descoberta. Arranque meu outro olho e o dê a ela, para que seu pai não a espanque.

— Eu ficarei com você mais uma noite — disse o Passarinho —, mas não posso arrancar seu outro olho. Você ia ficar completamente cego.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, faça como eu mandei.

Então ele arrancou o outro olho do Príncipe e desceu como uma flecha. Mergulhando pertinho da menina, passou depressa a joia para a mão dela.

— Que lindo pedacinho de vidro! — gritou a menininha, e correu para casa, rindo.

E então o Passarinho voltou para o Príncipe e disse:

— Agora você está cego, e eu ficarei com você para sempre.

— Não, pequeno Passarinho — disse o pobre Príncipe —, você tem de ir para o Egito.

— Vou ficar com você para sempre — disse o Passarinho, e adormeceu aos pés do Príncipe.

Durante todo o dia seguinte ele ficou pousado no ombro do Príncipe, contando-lhe histórias sobre o que havia visto em terras estranhas. Falou dos

íbis vermelhos, que fazem filas enormes ao longo das margens do Nilo, pegando peixinhos-dourados com os bicos; da Esfinge, que é tão velha quanto o próprio mundo, mora no deserto e sabe tudo; dos mercadores, que caminham lentamente ao lado de seus camelos, carregando contas de âmbar nas mãos; do Rei das Montanhas da Lua, que é preto como o Ébano e adora um cristal enorme; da grande cobra-verde que dorme em uma palmeira e tem vinte sacerdotes para alimentá-la com bolinhos de mel; e dos pigmeus que navegam em um grande lago em cima de grandes folhas planas, sempre em guerra com as borboletas.

— Querido Passarinho — disse o Príncipe —, você me fala de coisas impressionantes, porém, mais impressionante do que qualquer outra coisa é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há Mistério tão grande quanto o da Miséria. Voe por cima da minha cidade, pequeno Passarinho, e conte-me o que vê por ali.

Então o Passarinho voou sobre a grande cidade e viu os ricos se divertindo em suas lindas casas, enquanto os mendigos permaneciam sentados junto aos portões. Voou por ruelas escuras e viu os rostos pálidos de crianças famintas olhando, apáticas, para ruas lúgubres. Debaixo do arco de uma ponte, dois meninos estavam deitados, abraçados para se esquentarem. "Que fome nós temos!", diziam eles.

— Vocês não podem deitar aí! — gritou o guarda-noturno, e os dois tiveram de sair pela chuva.

E então o pássaro voltou e contou o que vira ao Príncipe.

— Eu sou coberto de ouro da melhor qualidade — disse o Príncipe. — Você precisa retirá-lo, folha por folha, e dá-lo aos meus pobres. Os vivos acham que o ouro pode trazer-lhes felicidade.

Folha após folha de ouro o Passarinho arrancou, até deixar o Príncipe todo cinzento e opaco. Folha após folha do melhor ouro ele levou para os pobres, e os rostos das crianças foram ficando mais rosados, e elas começaram a rir e a brincar nas ruas.

— Agora nós temos pão! — gritavam.

E então chegou a primeira neve e, depois da neve, veio o gelo. As ruas pareciam feitas de prata, de tão brilhantes e reluzentes; longos pingentes de gelo pendiam dos beirais das casas como adagas de cristal. Todo mundo andava

envolto em peles, e os menininhos usavam gorros vermelhos e patinavam no gelo.

A pobre Andorinha macho foi ficando cada vez com mais frio, mas não queria deixar o Príncipe, a quem tanto amava. Ele catava migalhas do lado de fora da padaria quando o padeiro não estava olhando e tentava se esquentar batendo as asas.

Mas afinal chegou um momento em que ele sentiu que ia morrer. Suas forças só deram para chegar ainda uma vez até o ombro do Príncipe.

— Adeus, Príncipe querido! — murmurou ele. — Será que permite que eu beije a sua mão?

— Fico muito feliz que você finalmente esteja indo para o Egito, pequeno Passarinho — disse o Príncipe. — Você ficou por aqui muito tempo, mas deve beijar-me os lábios, já que o amo muito.

— Não é para o Egito que estou indo — disse o Passarinho. — Vou para a Casa da Morte. A Morte é irmã do Sono, não é?

E, beijando os lábios do Príncipe, ele caiu morto a seus pés.

Naquele instante um curioso ruído de quebradura soou dentro da estátua, como se alguma coisa se tivesse partido. O fato é que o coração de chumbo se abrira exatamente em dois. Na certa por causa do terrível frio que estava fazendo.

Logo cedinho, na manhã seguinte, o Prefeito estava andando pela praça, que ficava ali embaixo, com os Vereadores da Cidade. Ao passarem pela coluna, ele olhou para cima e disse:

— Ora essa! Como o Príncipe Feliz está parecendo miserável!

— Miserável, mesmo! — gritaram os Vereadores, que sempre concordavam com o Prefeito.

E todos subiram para olhar a estátua.

— O rubi caiu da espada, os olhos desapareceram e ele não é mais dourado — disse o Prefeito. — Na verdade ele parece pouco mais do que um mendigo!

— Pouco mais do que um mendigo! — disseram os Vereadores.

— E há até mesmo um passarinho morto aos pés dele! — continuou o Prefeito. — Temos de fazer uma proclamação de que os pássaros não têm permissão para morrer aqui. — E o Escrivão da Cidade tomou nota da sugestão.

E a estátua do Príncipe Feliz foi derrubada.

— Como ele não é mais bonito, não tem mais utilidade — disse o Professor de Artes da Universidade.

E então eles derreteram a estátua em um forno, e o Prefeito reuniu todo o governo local para resolver o que haveria de ser feito com o metal.

— Temos de fazer outra estátua, é claro — disse ele. — Mas será uma estátua da minha pessoa.

— Da minha! — foi dizendo logo cada um dos Vereadores, e começaram a brigar.

Na última vez em que ouvi falar deles, ainda continuavam brigando.

— Que coisa esquisita! — disse o capataz dos operários da fundição. — Este coração partido de chumbo não derrete no forno. Teremos de jogá-lo fora.

E atiraram-no em um monte de terra onde estava também o passarinho morto.

— Tragam-me as duas coisas mais preciosas da cidade — disse Deus a um de seus Anjos.

E o Anjo Lhe levou o coração de chumbo e o passarinho morto.

— Escolheu muito acertadamente — disse Deus —, pois em meu Jardim do Paraíso este passarinho cantará para sempre, e em minha cidade dourada o Príncipe Feliz há de louvar-me.

O Gigante Egoísta

Todas as tardes, ao saírem do colégio, as crianças costumavam ir brincar no jardim do Gigante.

Era um jardim lindo e grande, com grama verde e suave. Aqui e ali, sobre a grama, apareciam flores belas como estrelas, e havia doze pessegueiros que, na primavera, abriam-se em flores delicadas em tons de rosa e pérola e davam ricos frutos no outono. Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças costumavam parar de brincar só para ouvi-los.

— Como nos sentimos felizes aqui! — exclamavam elas.

Certo dia o Gigante voltou. Ele tinha andado visitando seu amigo, o ogre da Cornualha, e ficara sete anos com ele. Depois de sete anos ele já havia dito tudo o que tinha para dizer, já que sua conversa era limitada, e resolveu voltar para seu próprio castelo. Ao chegar, ele viu as crianças brincando no jardim.

— O que é que vocês estão fazendo aqui? — gritou ele com uma voz muito ríspida, e as crianças saíram correndo.

— O meu jardim é o meu jardim — disse o Gigante. — Qualquer um pode compreender isso. Eu não vou permitir que ninguém brinque nele, a não ser eu mesmo.

De modo que ele construiu um muro alto em torno do jardim e colocou um cartaz de aviso.

OS INVASORES
SERÃO
PROCESSADOS

Ele era um Gigante muito egoísta.

As pobres crianças agora não tinham mais onde brincar. Elas tentaram a estrada, mas a estrada era muito poeirenta e cheia de pedras duras, e elas não gostavam. Começaram a passear em torno do muro depois das aulas,

conversando sobre o lindo jardim que ficava lá dentro. “Como éramos felizes lá!”, diziam umas às outras.

Então chegou a Primavera, e por todo o país apareceram pequenas flores e pequenos pássaros. Só no jardim do Gigante Egoísta é que continuava a ser inverno. Os passarinhos não gostavam de cantar lá, porque não havia crianças, e as árvores se esqueceram de florescer. Certa vez uma flor bonita começou a brotar, mas ao ver o cartaz de aviso ficou com tanta pena das crianças que se enfiou de volta no chão e adormeceu. Os únicos que estavam contentes eram a Neve e o Gelo.

— A Primavera se esqueceu deste jardim — exclamaram eles —, de modo que podemos viver aqui o ano inteiro.

A Neve cobriu toda a grama com seu manto branco, e o Gelo pintou todas as árvores de prata. Eles convidaram o Vento do Norte para se hospedar com eles, e ele veio. Todo enrolado em peles, rugia o dia inteiro pelo jardim, derrubando as chaminés com seu sopro.

— Este lugar é ótimo — disse ele. — Nós precisamos convidar o Granizo para fazer uma visita.

E o Granizo apareceu. Todos os dias, durante três horas, ele matracava no telhado do castelo até quebrar quase todas as telhas, e depois corria, dando voltas no jardim o mais depressa que podia. Sempre vestido de cinza, soprava gelo para todo lado.

— Não entendo por que a Primavera está demorando tanto a chegar! — disse o Gigante Egoísta, sentado junto à janela e olhando para seu jardim frio e branco. — Espero que o tempo mude logo.

Mas a Primavera não apareceu, nem o Verão. O Outono trouxe frutos dourados para todos os jardins, mas nenhum para o do Gigante.

— Ele é muito egoísta — disse o Outono.

De modo que ali ficou sendo sempre inverno, e o Vento Norte e o Granizo, a Neve e o Gelo dançavam em meio às árvores.

Certa manhã, o Gigante estava deitado na cama, acordado, quando ouviu uma música linda. Soava com tal doçura em seus ouvidos que ele até pensou que deviam ser os músicos do Rei que passavam. Na realidade era apenas um pequeno pintarroxo cantando do lado de fora de sua janela, mas já fazia tanto tempo que ele não ouvia um só passarinho em seu jardim que aquela parecia

ser a música mais bonita do mundo. E então o Granizo parou de dançar sobre a cabeça dele, e o Vento do Norte parou de rugir, e um perfume delicioso chegou até ele, através da janela aberta.

— Acho que finalmente a Primavera chegou — disse o Gigante. — E, pulando da cama, olhou para fora.

O que ele viu?

A visão mais bonita que se possa imaginar. Por um buraquinho no muro as crianças haviam conseguido entrar, e estavam todas sentadas nos ramos das árvores. Em todas as árvores que ele conseguiu ver havia uma criança. E as árvores estavam tão contentes de terem as crianças de volta que se cobriram de flores, balançando delicadamente os galhos, por cima das cabeças da meninada. Os passarinhos voavam de um lado para outro, chilreando de prazer, e as flores espiavam e riam. Era uma cena linda, e só em um canto é que continuava a ser inverno. Era o canto mais distante do jardim, e nele estava de pé um menininho. Ele era tão pequeno que não conseguia alcançar os ramos da árvore, e ficou andando em volta dela, chorando, muito sentido. A pobre árvore continuava coberta de neve e gelo, e o Vento do Norte soprava e rugia acima dela.

— Sobe logo, menininho! — dizia a Árvore, curvando os ramos o mais que podia. Mas o menino era pequeno demais.

E o coração do Gigante se derreteu quando ele olhou lá para fora.

— Como tenho sido egoísta! — disse ele. — Agora já sei por que a Primavera não aparecia por aqui. Vou colocar aquele menininho em cima daquela árvore, depois vou derrubar o muro, e meu jardim será um lugar onde as crianças poderão brincar para sempre e sempre.

Ele estava realmente arrependido do que tinha feito. E assim, desceu as escadas, abriu a porta da frente com toda a delicadeza, e saiu para o jardim. Mas, quando as crianças o viram, ficaram tão assustadas que fugiram, e o inverno voltou ao jardim. Só o menininho pequeno é que não fugiu, porque seus olhos estavam marejados de lágrimas e não viu o Gigante chegar. E o Gigante aproximou-se de mansinho por trás dele, pegou delicadamente em sua mão e o colocou em cima da árvore. A árvore imediatamente floresceu, e os passarinhos vieram cantar nela; o menininho esticou os braços, passou-os em

torno do pescoço do Gigante e o beijou. Quando viram que o Gigante não era mais mau, as outras crianças voltaram correndo, e com elas veio a Primavera.

— Agora o jardim é de vocês, crianças — disse o Gigante. E, pegando um imenso machado, derrubou o muro. Quando toda a gente começava a ir para o mercado, ao meio-dia, lá estava o Gigante brincando com as crianças no jardim mais bonito que todos já haviam visto.

Elas brincavam o dia inteiro, mas quando chegava a noite despediam-se do Gigante.

— Mas onde está seu companheirinho? — perguntou ele. — O menino que eu botei em cima da árvore.

O Gigante gostava dele mais do que de todos os outros, porque ele lhe havia dado um beijo.

— Nós não sabemos — responderam as crianças. — Ele foi embora.

— Vocês têm de dizer a ele para não deixar de vir amanhã — disse o Gigante.

Mas as crianças disseram que não sabiam onde ele morava e que jamais o haviam visto antes. O Gigante ficou muito triste.

Todas as tardes, quando acabavam as aulas, as crianças iam brincar com o Gigante. Mas o menininho de quem o Gigante gostava nunca mais apareceu. O Gigante era muito bondoso com todas as crianças, mas sentia saudades de seu primeiro amiguinho, e muitas vezes falava nele.

— Como eu gostaria de vê-lo! — costumava dizer.

Os anos se passaram, e o Gigante ficou mais velho e fraco. Ele já não conseguia brincar direito, então ficava sentado em uma poltrona enorme, olhando as crianças que brincavam e admirando seu jardim.

— Tenho tantas flores lindas — dizia ele —, mas as crianças são as flores mais bonitas de todas.

Certa manhã de inverno, ele olhou pela janela enquanto se vestia. Agora já não odiava o inverno, pois sabia que este era apenas a Primavera enquanto dormia e que as flores estavam descansando.

De repente ele esfregou os olhos, espantado, e olhou, e olhou, e olhou. Era por certo uma visão maravilhosa. No cantinho mais distante do jardim havia uma árvore toda coberta de flores brancas. Seus ramos eram dourados,

carregados de frutos de prata, e debaixo deles estava o menininho que ele amava.

O Gigante correu pelas escadas, com a maior alegria, e saiu para o jardim. Cruzou depressa o gramado e chegou perto do menino. E quando chegou bem perto, seu rosto ficou rubro de raiva, e ele disse:

— Quem ousou te ferir?

Nas palmas das mãos da criança estavam as marcas de dois pregos, como havia marcas de dois pregos em seus pezinhos.

— Quem ousou te ferir? — gritou o Gigante. — Dize-me, para que eu possa tomar de minha grande espada para matá-lo.

— Não — respondeu o menino —, pois essas são as feridas do Amor.

— Quem és? — perguntou o Gigante, e quando o temor apossou-se dele, ajoelhou-se diante da criança.

A criança sorriu para o Gigante e lhe disse:

— Você me deixou, certa vez, brincar em seu jardim, e hoje você irá comigo para o meu jardim, que é o Paraíso.

Naquela tarde, quando as crianças chegaram correndo, encontraram o Gigante morto, deitado debaixo da árvore, todo coberto por flores brancas.

O Amigo Dedicado

Certa manhã, o velho Ratão-d'água botou a cabeça para fora de seu buraco. Ele tinha uns olhinhos brilhantes e uns bigodes cinzentos e duros, enquanto seu rabo parecia uma tira comprida de borracha. Os patinhos estavam nadando no lago, parecendo um bando de canarinhos amarelos, enquanto sua mãe, que era toda branca, com as pernas vermelhas, estava tentando ensinar-lhes, um a um, a ficar com a cabeça para baixo, dentro d'água.

— Vocês jamais poderão frequentar a melhor sociedade se não aprenderem a ficar de cabeça para baixo — dizia ela.

E de vez em quando mostrava como é que se devia fazer. Mas os patinhos não prestavam a menor atenção. Eles eram ainda tão pequenos que não percebiam que vantagem poderia haver em ser aceito na sociedade.

— Que filhos mais desobedientes! — gritou o Ratão-d'água. — Eles realmente merecem se afogar.

— Nada disso — respondeu a Pata. — Todo mundo tem de começar em alguma hora, e os pais nunca podem ser por demais pacientes.

— Ah! Eu não sei nada a respeito desses sentimentos de pais — disse o Ratão-d'água. — Pessoalmente, não sou homem de família. Na verdade, jamais me casei, nem pretendo casar. O amor pode ser uma coisa muito boa, lá à sua moda, mas a amizade é de nível muito mais alto. De fato, não há nada neste mundo que seja mais nobre ou raro do que uma amizade dedicada.

— E qual é, se me permite, a sua ideia de uma amizade dedicada? — perguntou um Pintarroxo verde, que estava pousado em um chorão ali por perto e ouvira a conversa.

— Era isso mesmo o que eu queria saber — disse a Pata, e nadou para a outra extremidade do lago, ficando de cabeça para baixo a fim de dar um bom exemplo a seus filhos.

— Que pergunta mais boba! — exclamou o Ratão-d'água. — Eu esperaria de um amigo dedicado que ele fosse dedicado a mim, naturalmente.

— E o que é que você faria em troca? — disse o passarinho, balançando-se sobre um jato prateado e batendo suas asinhas pequeninas.

— Não estou compreendendo — respondeu o Ratão-d'água.

— Deixe que eu lhe conte uma história a respeito — disse o Pintarroxo.

— A história é a meu respeito? — perguntou o Ratão-d'água. — Se for, quero ouvi-la, pois gosto muito de ficção.

— Aplica-se a você — respondeu o Pintarroxo.

E, voando para baixo, foi pousar na margem do lago, onde contou a história do Amigo Dedicado.

— Era uma vez — começou o passarinho — um homenzinho honesto chamado Hans.

— Ele era muito distinto? — perguntou o Ratão.

— Não — respondeu o Pintarroxo —, não creio que fosse muito, a não ser por seu bom coração e sua cara engraçada, redonda e bem-humorada.

Ele morava sozinho em um chalé bem pequenino, e todo dia trabalhava no jardim. Em toda aquela região ninguém tinha um jardim tão bonito quanto o dele. Nele cresciam Goivos, Cravinas, Bolsas-de-pastor e Ranúnculos. Havia Rosas adamascadas e Rosas amarelas, Crocos lilases e dourados, Violetas roxas e brancas. Aquilégias e Cardaminas, Manjericão e Basilicão Selvagem, Prímulas e Flores-de-lis, Narcisos e Cravos-da-Índia cresciam e floresciam em sua sequência certa, à medida que os meses se passavam, cada flor tomando o lugar da outra, de modo que sempre havia lindas coisas para se olhar e perfumes agradáveis para se cheirar.

O pequeno Hans tinha muitos amigos, porém seu amigo mais dedicado era o grandão Hugo, o Moleiro. Na verdade, tão dedicado era o rico Moleiro ao pequeno Hans que ele jamais passava por seu jardim sem se debruçar por cima do muro e colher um grande buquê de flores, ou um punhado de ervas cheirosas, ou sem encher seus bolsos com ameixas e cerejas, se era tempo de frutas.

— Os amigos de verdade compartilham tudo — costumava dizer o Moleiro.

O pequeno Hans acenava, sorria e ficava muito orgulhoso de ter um amigo com ideias tão nobres.

Às vezes, na verdade, os vizinhos achavam meio estranho que o rico Moleiro jamais desse qualquer coisa em troca ao pequeno Hans, embora tivesse cem sacos de farinha guardados em seu moinho, seis vacas leiteiras e um grande rebanho de carneiros lanudos.

Mas Hans nunca encheu a cabeça com pensamentos assim, e nada lhe dava tanto prazer quanto ouvir todas as coisas maravilhosas que o Moleiro costumava dizer a respeito do altruísmo da verdadeira amizade.

De modo que o pequeno Hans continuava a trabalhar em seu jardim. Na primavera, no verão e no outono ele era muito feliz, mas, quando chegava o inverno e ele ficava sem flores ou frutas para levar ao mercado, sofria bastante de frio e fome, e muitas vezes ia se deitar sem comer, a não ser umas peras secas ou umas nozes duras. Além disso, no inverno ele se sentia extremamente só, já que nessas épocas o Moleiro jamais ia vê-lo.

— Não adianta eu ir ver meu pequeno Hans enquanto dura a neve — dizia o Moleiro à sua mulher —, pois quando as pessoas estão com problemas o melhor é deixá-las sozinhas, para que não tenham de se aborrecer com visitas. Pelo menos essa é a ideia que tenho da amizade, e tenho a certeza de que estou certo. E por isso esperarei até chegar a primavera, quando então irei visitá-lo, e ele poderá dar-me uma grande cesta de margaridas, o que o fará muito feliz.

— Não há dúvida de que você tem muita consideração para com os outros — respondeu a mulher, confortavelmente sentada em uma poltrona junto ao fogo de pinho em sua lareira. — Muita consideração mesmo. É um privilégio ouvir você falar sobre amizade. Tenho certeza de que nem mesmo um sacerdote seria capaz de dizer as coisas lindas que você diz, mesmo que morasse em uma casa de três andares e usasse anel no dedinho.

— Mas será que não podíamos convidar Hans a vir para cá? — disse o filho mais moço do Moleiro. — Se o pobre Hans está em dificuldades, eu lhe darei metade do meu mingau, e ainda lhe mostro meus coelhos brancos.

— Mas que menino tolo! — gritou o Moleiro. — Não vejo o que é que adianta mandá-lo para o colégio. Parece não estar aprendendo nada. Ora essa, se o pequeno Hans viesse aqui e visse nosso fogo quentinho, nosso jantar gostoso e nosso imenso barril de vinho tinto, ele poderia até ficar com inveja, e a inveja é uma coisa horrível, que pode estragar a natureza de

qualquer um. E eu certamente não vou permitir que a natureza de Hans seja conspurcada. Eu sou o melhor amigo dele e sempre hei de velar por ele, providenciando para que não caia em nenhuma tentação. Além do que, se Hans viesse aqui, seria capaz de pedir que eu o deixasse levar um pouco de farinha fiado, coisa que eu jamais poderia fazer. Farinha é uma coisa, amizade é outra, e não se pode confundir as duas. Ora, as duas palavras se escrevem de modos diversos e significam coisas radicalmente diferentes. Qualquer um pode ver isso.

— Como você fala bem! — disse a mulher do Moleiro, servindo-se de uma grande caneca de cerveja. — Fiquei até sonolenta, é como estar na igreja.

— Muita gente age bem — respondeu o Moleiro —, porém muito poucos falam bem. O que mostra que falar é mesmo, e de longe, a mais difícil das duas coisas, além de ser a mais requisitada.

E lançou um olhar severo para o outro lado da mesa, onde estava o seu filhinho, que se sentiu tão envergonhado que baixou a cabeça, ficou rubro e começou a chorar, deixando as lágrimas pingarem dentro do chá. No entanto, ele era tão pequeno que tinha de ser perdoado.

— E esse é o final da história? — perguntou o Ratão-d'água.

— É claro que não — respondeu o Pintarroxo. — Esse é o começo.

— Então você está muito fora de moda — disse o Ratão. — Todo bom contador de histórias, hoje em dia, começa com o fim, e aí então é que passa para o começo, acabando com o meio. Esse é o novo método. Eu soube de tudo outro dia, de um crítico que estava passeando pelo lago com um jovem. Ele discorreu longamente a respeito, e estou certo de que devia estar correto, porque usava óculos azuis e era careca, e todas as vezes que o jovem fazia algum comentário, ele sempre respondia "Pois sim!". Mas, por favor, continue com a sua história. Gostei muito do Moleiro. Eu também tenho toda espécie de bom sentimento, de modo que há grande afinidade entre nós dois.

— Pois bem — disse o Pintarroxo, pulando às vezes em uma perna, às vezes na outra —, tão logo o inverno terminou e as margaridas começaram

a abrir suas estrelas amarelo-pálidas, o Moleiro disse à mulher que iria visitar o pequeno Hans.

— Ora, mas que bom coração você tem! — exclamou a mulher. — Está sempre pensando nos outros. E não se esqueça de levar com você a cesta grande, para as flores.

Então o Moleiro amarrou as velas do moinho com uma forte corrente de ferro e desceu a colina, com a cesta no braço.

— Bom dia, pequeno Hans — disse o Moleiro.

— Bom dia — disse Hans, apoiando-se em sua pá e sorrindo de orelha a orelha.

— Como é que passou todo esse inverno? — perguntou o Moleiro.

— Bem, na verdade — exclamou Hans —, é muita bondade sua perguntar, muita bondade mesmo! Temo que as coisas tenham sido um pouco duras, mas agora a primavera chegou e eu estou muito feliz, e todas as minhas flores estão indo muito bem!

— Nós falamos de você muitas vezes durante o inverno, Hans — disse o Moleiro —, imaginando como você estaria passando.

— Muita bondade sua — disse Hans. — Eu estava com medo de que tivesse se esquecido de mim.

— Hans, você me surpreende — disse o Moleiro. — Quem é amigo jamais se esquece. Isso é o que a amizade tem de maravilhoso, mas temo que você não compreenda a poesia da vida. Por falar nisso, como estão lindas as suas margaridas!

— Elas estão mesmo muito bonitas — disse Hans. — É uma sorte para mim que eu tenha tantas. Vou levá-las ao mercado e vendê-las à filha do Burgomestre, e comprar de volta o meu carrinho de mão com o dinheiro!

— Comprar de volta seu carrinho de mão? Será que está dizendo que o vendeu? Mas isso é uma grande estupidez!

— Bem, na verdade — disse Hans —, eu fui obrigado. Sabe, o inverno é uma época muito difícil para mim, e eu não tinha nenhum dinheiro para comprar pão. Primeiro eu vendi os botões de prata do meu paletó de domingo, depois vendi minha corrente de prata, depois meu cachimbo grande e, finalmente, meu carrinho de mão. Mas agora eu vou comprar tudo de volta.

— Hans — disse o Moleiro —, eu lhe darei o meu carrinho de mão. Não está em estado muito bom, para falar a verdade está faltando um lado, e há qualquer coisa errada com os aros da roda, mas apesar disso eu o darei a você. Eu sei que é muito generoso de minha parte e que muita gente vai pensar que é uma grande tolice eu me desfazer dele, mas eu não sou como o resto do mundo. Creio que a generosidade é a essência da amizade e, além do mais, eu tenho para mim um carrinho de mão novo. Isso mesmo, você pode ficar descansado que eu lhe darei o meu carrinho.

— Bem, é uma grande generosidade sua — disse o pequeno Hans, e sua engraçada carinha redonda brilhou de prazer. — Eu posso consertá-lo com facilidade, já que tenho uma tábua em casa.

— Uma tábua! — disse o Moleiro. — Pois era disso mesmo que eu estava precisando para o telhado do meu celeiro. Está com um buraco muito grande, e o milho vai ficar todo úmido se eu não tapá-lo. Que sorte você ter falado nisso! É notável como uma boa ação sempre gera outra. Eu lhe dei o meu carrinho de mão e você vai me dar a sua tábua. É claro que o carrinho vale muito mais do que a tábua, mas a verdadeira amizade jamais repara em coisas como essa. Por favor, vá logo pegá-la, que eu começo hoje mesmo a trabalhar no celeiro.

— Mas é claro! — exclamou o pequeno Hans, que logo correu para seu barraco e arrastou a tábua para fora.

— Não é uma tábua muito grande — disse o Moleiro olhando para ela —, e temo que depois que eu consertar o buraco no telhado do meu celeiro não irá sobrar nada para você consertar o carrinho de mão. Mas é claro que isso não é culpa minha. E agora, já que eu lhe dei o meu carrinho, estou certo de que você gostaria de me dar algumas flores em troca. Aqui está a cesta, e não deixe de encher bem.

— Encher bem? — disse o pequeno Hans, um tanto tristonho, já que a cesta era realmente muito grande, e ele sabia que se a enchesse não lhe sobrariam flores para o mercado, e estava com muita vontade de conseguir de volta seus botões de prata.

— Bem, na verdade — respondeu o Moleiro —, como eu lhe dei meu carrinho de mão, não creio que seja demais pedir-lhe algumas flores. Eu

posso estar enganado, mas pensava que a amizade, a verdadeira amizade, era totalmente isenta de qualquer tipo de egoísmo.

— Meu querido amigo, meu melhor amigo — exclamou o pequeno Hans —, você é bem-vindo a todas as flores do meu jardim. Eu prefiro seus bons olhos a meus botões de prata, em qualquer tempo. — E correu para colher todas as suas lindas margaridas, para encher a cesta do Moleiro.

— Adeus, pequeno Hans — disse o Moleiro e subiu a colina com a tábua no ombro e a grande cesta na mão.

— Adeus — disse o pequeno Hans, e começou a cavar, muito alegre, de tão contente que estava com o carrinho de mão.

No dia seguinte, ele estava prendendo uns ramos de dama-da-noite na varanda, quando ouviu a voz do Moleiro, que o chamava lá da estrada. Ele pulou da escada, correu pelo jardim e espiou por cima do muro. Lá estava o Moleiro com um grande saco de farinha nas costas.

— Querido Hans — disse o Moleiro —, será que você se importaria de carregar esse saco de farinha para mim até o mercado?

— Ah, sinto muito — disse Hans —, mas hoje realmente estou muito ocupado. Eu tenho de prender todas essas trepadeiras e tenho de regar as flores e cuidar de toda a grama.

— Ora, realmente — disse o Moleiro. — Eu acho que, considerando que eu vou lhe dar meu carrinho de mão, a sua recusa não me parece nada amigável.

— Ah, não diga isso — exclamou o pequeno Hans —, eu não deixaria de ser amigável por nada neste mundo.

E depois de correr para apanhar seu gorro, ele saiu carregando o grande saco em seus ombros.

O dia estava muito quente, e a estrada terrivelmente poeirenta, e antes de Hans alcançar o sexto marco já estava tão cansado que teve de sentar-se para descansar. No entanto, ele continuou o caminho corajosamente, e afinal chegou ao mercado. Depois de haver esperado lá por algum tempo, vendeu o saco de farinha por um ótimo preço, voltando imediatamente para casa, pois tinha medo de acabar encontrando ladrões pelo caminho.

— Não há dúvida de que foi um dia bem duro — disse o pequeno Hans para si mesmo, quando ia se deitar. — Mas estou contente porque não me

recusei a ajudar o Moleiro, que é o meu melhor amigo e, além do mais, vai me dar o carrinho de mão dele.

Logo cedo, na manhã seguinte, o Moleiro apareceu para receber o dinheiro do saco de farinha, mas o pequeno Hans estava tão cansado que ainda estava na cama.

— Palavra que você é muito preguiçoso — disse o Moleiro. — Realmente, considerando que eu vou lhe dar meu carrinho de mão, acho que você poderia trabalhar um pouco mais. A ociosidade é um grande pecado, e eu por certo não gosto que nenhum de meus amigos seja preguiçoso ou ocioso. Você não deve se importar de eu falar com você assim com tanta franqueza. É claro que nem sonharia em fazê-lo se eu não fosse seu amigo. Mas o que adianta a amizade se não se pode dizer exatamente o que se pensa? Qualquer um pode dizer coisas encantadoras e tentar agradar e bajular, mas um verdadeiro amigo sempre diz coisas desagradáveis, sem se importar se causa dor ou não. Na realidade, se ele for amigo de fato, é isso o que ele prefere, por saber que está fazendo o bem.

— Eu sinto muito — disse o pequeno Hans, esfregando os olhos e tirando sua touca de dormir —, mas eu estava tão cansado que pensei em ficar deitado só um pouquinho, ouvindo os pássaros cantarem. Sabe que eu sempre acho que trabalho melhor depois de ouvir os pássaros cantando?

— Muito me alegro com isso — disse o Moleiro, dando um tapa nas costas do pequeno Hans. — Porque eu queria que você viesse até o moinho assim que se vestisse, para consertar o telhado para mim.

O pobre Hans estava louco para ir trabalhar em seu jardim, pois fazia dois dias que suas flores não eram regadas, mas não quis recusar o pedido do Moleiro, que era tão seu amigo.

— Você acha que seria muito inamistoso de minha parte se eu dissesse que estou ocupado? — perguntou ele com voz tímida e envergonhada.

— Ora, na verdade — respondeu o Moleiro, —, não me parece que eu esteja pedindo demais, levando em conta que eu vou lhe dar meu carrinho de mão. Mas, é claro que, se você se recusar, eu vou e conserto eu mesmo.

— Ora, de jeito nenhum! — exclamou o pequeno Hans. E, pulando para fora da cama, vestiu-se depressa e foi para o celeiro.

Trabalhou lá o dia inteiro, até o pôr do sol, quando então o Moleiro apareceu para ver como ele estava indo.

— Como é, já consertou todo o telhado, pequeno Hans? — perguntou o Moleiro, com voz muito alegre.

— Está tudo consertado — respondeu o pequeno Hans, descendo a escada.

— Ah! — disse o Moleiro. — Não há trabalho que se faça com mais prazer do que aquele que se faz para os outros.

— Não há dúvida de que é um grande privilégio ouvi-lo falar — respondeu o pequeno Hans, sentando-se e limpando a testa —, um privilégio muito grande. Mas receio que eu jamais terei ideias tão bonitas quanto as suas.

— Ora, elas lhe ocorrerão — disse o Moleiro. — Mas é preciso que você se esforce mais. No momento, você só conhece a prática da amizade, mas algum dia haverá de conhecer também a teoria.

— E você acha mesmo que eu consigo? — perguntou o pequeno Hans.

— Não tenho a menor dúvida — respondeu o Moleiro. — Mas agora que você já consertou o telhado, é melhor ir para casa descansar, pois amanhã de manhã eu quero que você leve os meus carneiros para a montanha.

O pobre pequeno Hans ficou com medo de dizer qualquer coisa sobre o assunto, e logo cedo, na manhã seguinte, o Moleiro levou os carneiros até a cabana, e Hans saiu com eles para a montanha. Levou o dia inteiro para chegar até lá e voltar; e quando chegou, estava tão cansado que caiu dormindo na cadeira e só acordou quando o sol já ia alto.

— Como eu vou me divertir no meu jardim! — disse ele, e pôs-se logo a trabalhar.

Mas por alguma razão ele nunca conseguia cuidar de suas flores, porque seu amigo, o Moleiro, estava sempre aparecendo para despachá-lo em tarefas distantes, ou pegando-o para trabalhar no moinho. O pequeno Hans volta e meia ficava muito perturbado, pois tinha medo que suas flores pudessem pensar que ele as havia esquecido, mas consolava-se pensando que o Moleiro era o seu melhor amigo.

— Além do quê — costumava ele dizer —, ele vai me dar seu carrinho de mão, o que é um ato da mais pura generosidade.

E, assim, o pequeno Hans continuava trabalhando para o Moleiro, que continuava a dizer toda espécie de coisa bonita sobre a amizade, que Hans escrevia num caderninho e tornava a ler de noite, pois era muito bom estudante.

Aconteceu que certa noite o pequeno Hans estava sentado perto de sua lareira, quando ouviu uma forte batida em sua porta. Era uma noite muito tempestuosa, com o vento soprando e rugindo em volta da casa de modo tão terrível que a princípio ele pensou que era só a tempestade. Mas veio uma nova batida, e depois uma terceira, ainda mais forte do que as outras.

— Será algum pobre viajante? — disse o pequeno Hans consigo mesmo, e correu até a porta.

Lá estava o Moleiro, com uma lanterna em uma das mãos e um grande bastão na outra.

— Querido pequeno Hans — gritou o Moleiro —, estou com um terrível problema. Meu filhinho caiu de uma escada e se machucou, e eu vou chamar o Doutor. Mas ele mora tão longe, e a noite está tão feia, que acaba de me ocorrer que seria muito melhor se você fosse em meu lugar. Você sabe que eu vou lhe dar meu carrinho de mão, de modo que é muito justo que você também faça alguma coisa por mim.

— É claro — exclamou o pequeno Hans. — Considero um grande elogio ter vindo me procurar, e vou partir agora mesmo. Mas preciso que você me empreste a sua lanterna, porque a noite está tão escura que tenho medo de cair na vala.

— Lamento muito — respondeu o Moleiro — mas esta é minha lanterna nova, e seria uma perda muito grande para mim se algo acontecesse com ela.

— Bem, então não faz mal, eu dou um jeito sem ela — disse o pequeno Hans, e depois de pegar seu casaco de peles, seu gorro vermelho quentinho e de amarrar uma echarpe de lã no pescoço, ele partiu.

Era uma tempestade terrível! A noite estava tão negra que o pequeno Hans mal enxergava aonde ia, e o vento tão forte que ele não conseguia

parar. No entanto, ele era muito corajoso, e, depois de caminhar umas três horas, ele chegou à casa do Doutor e bateu à porta.

— Quem está aí? — gritou o Doutor, metendo a cabeça do lado de fora da janela do quarto.

— É o pequeno Hans, Doutor.

— E o que é que você quer, pequeno Hans?

— O filho do Moleiro caiu da escada e se machucou, e o Moleiro quer que o senhor vá agorinha mesmo.

— Está bem! — disse o Doutor.

Ele pegou seu cavalo, suas grandes botas e sua lanterna, desceu e cavalgou na direção da casa do Moleiro, deixando o pequeno Hans a se arrastar atrás dele.

Mas a tempestade foi ficando cada vez pior, e caiu uma chuva torrencial. O pequeno Hans não conseguia ver para onde estava indo, nem acompanhar o cavalo. Por fim, ele se perdeu e caminhou na direção da charneca, um lugar muito perigoso, porque era cheio de buracos profundos. E foi num deles que o pequeno Hans se afogou. Seu corpo foi encontrado no dia seguinte por uns pastores de cabras, flutuando numa grande poça d'água, sendo levado por eles de volta para a cabana.

Todo mundo foi ao enterro do pequeno Hans, porque ele era muito popular. E o Moleiro era o que mais chorava.

— Eu era seu melhor amigo — dizia o Moleiro. — É justo que eu ocupe o lugar mais importante.

De modo que ele é que foi na frente da procissão, usando uma longa capa preta, e volta e meia enxugava os olhos com um lenço branco.

— O pequeno Hans é, sem dúvida, uma grande perda para todos — disse o Ferreiro, quando o enterro acabou e todos eles já estavam confortavelmente sentados na taverna, bebendo vinho temperado e comendo bolos.

— Pelo menos uma grande perda para mim — respondeu o Moleiro. — Eu praticamente já lhe havia dado o meu carrinho de mão, e agora eu realmente não sei o que fazer com ele. Lá em casa fica atrapalhando muito, e está em tão más condições que não ia conseguir nada por ele se quisesse

vendê-lo. Vou tomar o maior cuidado para nunca mais tornar a dar coisa nenhuma. Sofre-se muito quando se é generoso.

— E daí? — disse o Ratão-d'água, depois de uma longa pausa.

— Bem, aí acabou — disse o Pintarroxo.

— Mas o que aconteceu com o Moleiro? — perguntou o Ratão.

— Ora, eu não sei, realmente — respondeu o Pintarroxo. — Garanto que pouco me importa.

— É evidente que não há nenhuma solidariedade em sua natureza — disse o Ratão.

— Receio que você não tenha chegado mesmo a perceber qual é a moral da história — comentou o Pintarroxo.

— A… O quê? — gritou o Ratão.

— A moral.

— Você quer dizer que essa história tem uma moral?

— Certamente — disse o Pintarroxo.

— Ora, deixe disso — disse o Ratão-d'água, com ar muito zangado. — Acho que você devia ter me dito isso antes de começar. Se tivesse, eu por certo não teria escutado. Na verdade, eu teria dito "Pois sim", como o crítico. No entanto, eu ainda posso dizê-lo agora: Pois sim! — gritou a plenos pulmões, sacudiu o rabo e tornou a entrar em seu buraco.

— E o que é que você acha do Ratão-d'água? — perguntou a Pata, que chegou nadando alguns minutos mais tarde. — Ele tem vários pontos positivos, mas eu, do meu lado, tenho meus sentimentos maternos, e jamais consegui olhar para um solteirão convicto sem que as lágrimas não me viessem aos olhos.

— Receio que o tenha irritado — respondeu o Pintarroxo. — O fato é que eu contei a ele uma história com moral.

— Ah! Isso é sempre uma coisa muito perigosa de se fazer — disse a Pata.

E eu concordo inteiramente com ela.

O Foguete Notável

O filho do Rei ia se casar, de modo que todo mundo estava em festa. Ele havia esperado um ano inteiro por sua noiva, e ela finalmente havia chegado. Ela era uma Princesa Russa, e tinha vindo desde lá da Finlândia em um trenó puxado por seis renas. O trenó era do feitio de um enorme cisne dourado, e entre as asas do cisne ficava a própria princesa. Sua longa capa de arminho chegava até os pés; na cabeça ela usava uma boininha pequena de tecido prateado, e ela era tão pálida quanto o Palácio de Neve no qual sempre havia vivido. Era tão pálida que quando passou pelas ruas todos ficaram espantados.

— Ela parece uma rosa branca! — gritavam, e atiravam flores de seus balcões.

No portão do Castelo, o Príncipe estava esperando para recebê-la. Ele tinha olhos violeta, sonhadores, e seus cabelos pareciam ouro refinado. Ao vê-la, ele abaixou-se sobre o joelho e beijou-lhe a mão.

— Seu retrato era lindo — murmurou ele —, mas você é muito mais linda do que seu retrato. — E a Princesinha enrubesceu.

— Antes ela parecia uma rosa branca — disse um jovem pajem a seu vizinho —, mas agora ela parece uma rosa vermelha. — E toda a Corte ficou encantada.

Durante os três dias que se seguiram, todo mundo andava de lá para cá dizendo "Rosa branca, Rosa vermelha, Rosa branca, Rosa vermelha", e o Rei deu ordem para dobrar o salário do pajem. Como ele não recebia qualquer salário, a ordem não adiantou muito, mas foi considerada uma grande honra e publicada na *Gazeta da Corte*.

Ao fim desses três dias o casamento foi celebrado. Foi uma cerimônia magnífica, e a noiva e o noivo passaram, de mãos dadas, sob um docel de veludo roxo bordado de pérolas. Depois houve um Banquete de Estado, que durou cinco horas. O Príncipe e a Princesa sentaram-se na cabeceira e beberam em copos de cristal transparente. Só pessoas que realmente se amam é que

podiam beber naqueles copos, porque se lábios falsos os tocassem eles ficariam cinzentos e opacos.

— É evidente que esses dois se amam — disse o pequeno pajem. — Está claro como cristal!

E o Rei dobrou o seu salário uma segunda vez.

— Que grande honra! — exclamaram todos os cortesãos.

Depois do banquete houve um baile. O noivo e a noiva iam dançar juntos a Dança da Rosa, e o Rei prometeu tocar flauta. Ele tocava muito mal, mas ninguém jamais ousou dizer isso a ele, porque ele era o Rei. Para falar a verdade, ele só conhecia duas melodias, e nunca sabia direito qual das duas estava tocando; mas não importava, pois, fizesse o que fizesse, todo mundo gritava: "Que encanto! Que encanto!"

O último acontecimento do programa foi uma grande queima de fogos de artifício, a ter lugar exatamente à meia-noite. A Princesinha jamais vira fogos de artifício em sua vida, de modo que o Rei tinha dado ordens ao Pirotécnico Real para que ele mesmo estivesse de serviço no dia do casamento.

— Como são os fogos de artifício? — perguntou ela ao Príncipe, certa manhã, quando estava passeando no terraço.

— Eles parecem com a Aurora Boreal — disse o Rei, que sempre respondia perguntas dirigidas a outras pessoas —, só que muito mais natural. Eu pessoalmente os prefiro às estrelas, porque sempre se sabe quando eles vão aparecer, e são tão deliciosos quanto o som de minha flauta. Você não pode deixar de vê-los.

De modo que no fundo do jardim do Rei uma arquibancada foi construída, e logo que o Pirotécnico Real arrumou tudo em seu lugar certo, os fogos começaram a conversar uns com os outros.

— O mundo certamente é muito bonito — disse um chuveirinho. — Olhem só aquelas tulipas amarelas. Puxa! Se elas fossem pistolões de verdade não poderiam ser mais bonitas. Fico muito contente de ter viajado. A viagem enriquece a mente e acaba com nossos preconceitos.

— Todo lugar em que se ama é o mundo para você — exclamou, pensativa, a Rodinha, que fora ligada a uma caixa de madeira logo no início da vida e orgulhava-se de seu coração partido. — Mas o amor não está mais na moda, os poetas o mataram. Escreveram tanto a respeito que ninguém acreditou mais

neles, o que não surpreende. O verdadeiro amor sofre, e cala. Lembro que eu mesma, certa vez… Mas não importa agora. O romantismo pertence ao passado.

— Bobagem! — disse o Repuxo. — O romantismo nunca morre. É como a lua, que vive para sempre. A noiva e o noivo, por exemplo, amam-se todos os dias. Eu soube tudo a respeito deles, hoje de manhã, de uma pistola comum, dessas de papel pardo, que por acaso ficou na mesma gaveta que eu e me contou todas as novidades da Corte.

Mas a Rodinha sacudiu a cabeça.

— O romantismo morreu, o romantismo morreu, o romantismo morreu — murmurou ela. Ela era uma dessas pessoas que acham que se uma coisa é repetida muitas vezes se torna verdade.

Repentinamente, uma tosse aguda e seca foi ouvida, e todos se viraram para ver do que se tratava.

A tosse vinha de um Foguete alto e com ares de superioridade, amarrado à ponta de uma vara comprida. Ele sempre tossia antes de fazer qualquer observação, a fim de atrair a atenção de todos.

— Ahem! Ahem! — disse ele, e todos prestaram atenção, menos a pobre da Rodinha, que ainda estava sacudindo a cabeça e murmurando "O romantismo morreu!".

— Ordem! Ordem! — gritou um Buscapé.

Ele era um tanto quanto político, sempre desempenhava papel importante nas eleições locais e conhecia todas as expressões parlamentares certas a serem usadas.

— Completamente morto — sussurrou a Rodinha, que então adormeceu.

Tão logo o silêncio se tornou absoluto, o Foguete tossiu uma terceira vez e começou. Ele falava com uma voz lenta e clara, como se estivesse ditando suas memórias, e sempre olhava por cima do ombro da pessoa com a qual estava falando. Na verdade, tinha modos muito distintos.

— Que felicidade para o filho do Rei — comentou ele. — Casar-se exatamente no dia em que eu vou ser lançado! Realmente, se não tivessem sido planejadas com antecedência, as coisas não poderiam ter saído tão bem para ele. Mas os príncipes sempre têm sorte.

— Minha Nossa! — disse a Estrelinha. — Eu pensei que era exatamente o contrário: que nós íamos ser queimados em honra do Príncipe!

— Talvez para você — respondeu ele. — Em verdade, não tenho dúvidas de que assim seja. Mas o meu caso é completamente diferente. Minha mãe foi a Rodinha mais célebre de seu tempo, renomada por sua graciosa dança. Quando ela fez sua grande aparição pública, girou dezenove vezes antes de se apagar, atirando sete estrelas cor-de-rosa em cada volta. Tinha um metro de diâmetro e era feita com a melhor pólvora que existe. Meu pai era um Foguete, como eu mesmo, de origem francesa. Voou tão alto que todo mundo teve medo de que ele nunca mais caísse. Mas caiu, porque era de muito boa índole, executando uma brilhantíssima descida de chuva de ouro. Os jornais escreveram a respeito de sua atuação nos termos mais lisonjeiros. Para falar a verdade, a *Gazeta da Corte* chamou-o um triunfo da arte pilotécnica.

— Pirotécnica, você quer dizer pirotécnica — disse um Pistolão de Bengala. — Eu sei que é pirotécnica porque li na minha própria cesta.

— Bem, pois eu disse pilotécnica — respondeu o Foguete, com tom de voz severo, e o Pistolão de Bengala sentiu-se tão arrasado que começou a implicar com as Estrelinhas, a fim de mostrar que continuava sendo uma pessoa importante.

— Dizia eu — continuou o Foguete —, dizia eu… O que é que eu dizia?

— Estava falando de si mesmo — retrucou o Chuveiro.

— Claro! Eu sabia que estava discorrendo sobre algum assunto interessante quando fui rudemente interrompido. Detesto a grosseria e toda espécie de maus modos, pois sou extremamente sensível. Ninguém no mundo é tão sensível quanto eu, disso tenho absoluta certeza.

— O que é uma pessoa sensível? — perguntou o Buscapé ao Chuveiro.

— É uma pessoa que, só porque tem calos, sempre pisa nos dedos dos pés dos outros — respondeu o Chuveiro sussurrando baixinho, e o Buscapé quase que estourou de rir.

— Por favor, do que é que estão rindo? — indagou o Foguete. — Eu não estou rindo.

— Eu estou rindo porque estou contente — respondeu o Buscapé.

— Essa é uma razão egoísta — disse o Foguete, com raiva. — Que direito tem você de estar contente? Devia estar pensando nos outros. Para falar a

verdade, devia estar pensando em mim. Eu estou sempre pensando em mim mesmo, e espero que todos os outros também pensem. É isso que se chama solidariedade. É uma bela virtude, que eu possuo no mais alto grau. Suponha, por exemplo, que alguma coisa acontecesse comigo hoje à noite, e que infelicidade isso seria para todos! O Príncipe e a Princesa jamais tornariam a ser felizes, toda a sua vida de casados ficaria estragada. E quanto ao Rei, sei que ele não conseguiria suportar isso. Realmente, quando começo a pensar na importância da minha posição, quase chego às lágrimas.

— Se quiser dar prazer aos outros — gritou o Chuveiro —, é melhor tratar de ficar seco.

— Isso mesmo — exclamou o Pistolão de Bengala, que já estava se sentindo melhor. — Isso não passa de bom senso.

— Bom senso, pois sim! — disse o Foguete, indignado. — Vocês esquecem que eu sou muito incomum, notável mesmo. Ora, bom senso qualquer um poder ter, desde que não tenha imaginação. Mas eu tenho imaginação e jamais penso nas coisas assim como elas são. Sempre penso que podem ser algo completamente diferente. E quanto a me manter seco, é óbvio que por aqui não há ninguém capaz de apreciar uma natureza realmente emotiva. Felizmente para mim, pouco me importa. A única coisa que nos sustenta pela vida afora é a consciência da enorme inferioridade de todos os que me cercam, sentimento esse que venho cultivando assiduamente. Mas nenhum de vocês tem coração, pois ficam todos rindo e se divertindo igualzinho, como se o Príncipe e a Princesa não tivessem se casado.

— Ora, realmente — exclamou uma Girândola de Prata. — E por que não? Trata-se de uma ocasião muito feliz, e quando eu subir para o ar pretendo contar tudo às estrelas. Vocês vão ver só como elas vão brilhar quando eu falar a respeito da linda noiva.

— Ah! Que visão mesquinha da vida! — disse o Foguete. — Mas era só isso mesmo que eu esperava. Não há nada dentro de vocês. Vocês são ocos e vazios. Ora, pode ser que o Príncipe e a Princesa vão morar em um país onde haja um rio fundo, e é possível que eles tenham um filho único, um menininho louro, de olhos violeta como os do próprio Príncipe. E pode ser que um dia ele saia para passear com a sua ama, e pode ser que a ama adormeça, ao lado de uma árvore, e pode ser que o menino caia no rio fundo e se afogue. Que terrível

infelicidade! Pobre ginete, perder seu filhinho único! É realmente uma desgraça! Eu jamais superarei o caso!

— Mas eles não perderam seu filhinho único — disse a Girândola —, nenhuma desgraça lhes aconteceu.

— Nem eu jamais disse que haviam perdido — respondeu o Foguete. — Eu disse que podia ser. Se eles tivessem perdido seu filhinho único, não haveria nada mais a dizer a respeito. Detesto gente que lamenta o já acontecido. Mas quando penso que eles poderiam perder seu único filho, eu certamente fico muito afetado com isso.

— Sem a menor dúvida! — gritou a Girândola. — Para falar a verdade, você é a pessoa mais afetada que eu conheço.

— Você é a pessoa mais rude que eu conheci — disse o Foguete. — E não pode sequer compreender minha amizade pelo Príncipe.

— Ora essa, você nem sequer o conhece — grunhiu o Rojão.

— Eu jamais disse que o conheci — respondeu o Foguete. — E ouso dizer que se o conhecesse eu não seria de todo seu amigo. É muito perigosa essa história de se conhecer os amigos.

— Olhe, o melhor na verdade é você tratar de ficar seco — disse a Girândola. — Isso é muito importante.

— Muito importante para você, sem dúvida — respondeu o Foguete. — Mas eu choro se quiser.

E ele efetivamente desatou em lágrimas de verdade, que caíram como gotas de chuva e quase afogaram dois besourinhos que estavam pensando em morar juntos e procuravam um cantinho seco para montar sua casa.

— Ele deve ser de natureza realmente romântica — disse a Rodinha —, pois chora quando não há o menor motivo para chorar. — E soltou um suspiro profundo, pensando em sua caixa de madeira.

Mas o Chuveiro e o Pistolão de Bengala estavam absolutamente indignados e ficavam repetindo "Fingido! Fingido!" em voz bem alta. Eles eram ambos eminentemente práticos, e sempre que não concordavam com qualquer coisa diziam que era fingimento.

Então a lua apareceu como um maravilhoso escudo de prata, as estrelas começaram a brilhar, e do palácio saiu um som de música.

O Príncipe e a Princesa estavam começando a dança. Eles dançavam de modo tão bonito que os lírios-brancos mais compridos espiavam pelas janelas para vê-los, enquanto as grandes papoulas vermelhas acenavam com a cabeça para marcar o compasso.

E então bateram dez horas, depois onze, e depois doze, e na última batida da meia-noite todo mundo saiu para o terraço, e o Rei mandou chamar o Pirotécnico Real.

— Que comecem os fogos — disse o Rei.

O Pirotécnico Real, depois de uma profunda reverência, marchou para o fundo do jardim. Iam com ele seis ajudantes, cada um dos quais levava uma tocha acesa na ponta de uma vara comprida.

Era sem dúvida um espetáculo magnífico.

Vvvvvsh! Vvvvsh!, fazia a Rodinha enquanto girava e girava. Bum! Bum!, responderam os Pistolões. Então as Estrelinhas dançaram por toda parte, e os Pistolões de Bengala fizeram tudo parecer vermelho. "Adeus!", gritou a Girândola ao partir para o céu, pingando faíscas azuis. Craque! Craque!, responderam os Buscapés, que estavam se divertindo imensamente. Todo mundo fez muito sucesso, menos o Foguete Notável. Ele tinha ficado encharcado de tanto chorar e não conseguiu subir de todo. A melhor coisa que havia nele era a pólvora, agora tão molhada com as lágrimas que não prestava mais para nada. Todos os seus parentes pobres, com os quais ele jamais falava, a não ser para fazer pouco, dispararam para o céu como maravilhosas flores douradas com pétalas de fogo.

— Viva! Viva! — gritava toda a Corte, e a Princesinha ria de contente.

— Suponho que estejam me reservando para alguma grande ocasião — disse o Foguete. — Não há dúvida de que foi isso o que aconteceu. — E assumiu uma posição ainda mais pretensiosa do que a de costume.

No dia seguinte, os operários chegaram para arrumar tudo.

— Obviamente essa é uma delegação — disse o Foguete. — Vou recebê-la com a devida dignidade.

Então botou o nariz bem para cima e começou a franzir bastante o cenho, como se estivesse pensando em alguma coisa muito séria. Mas nenhum dos operários sequer o notou, até quase a hora de ir embora. Foi então que um deles reparou.

— Ora essa! — exclamou. — Olha só um foguete que não presta! — E atirou-o por cima do muro, em uma vala.

— *Foguete que não presta? Que não presta?* — disse ele, enquanto voava pelos ares. — Impossível! *Foguete de dar festa*, foi isso que o homem disse. *Não presta e dar festa* têm quase o mesmo som, e para falar a verdade são praticamente a mesma coisa. — E caiu na lama.

— Não há o menor conforto aqui — comentou ele —, mas sem dúvida deve tratar-se de alguma estação de águas em moda, para onde me mandaram a fim de recuperar minha saúde. Meus nervos andam muito abalados, e eu preciso de repouso.

Foi então que um Sapinho, com olhinhos brilhantes como pedras preciosas e a pele verde toda malhadinha, nadou para perto dele.

— Estou vendo gente nova! — disse o Sapo. — Afinal, não há nada como a lama. Deem-me um bom tempo chuvoso e uma vala, que eu fico mais que contente. Acha que teremos uma tarde molhada? Eu espero que sim. Mas o céu está azul e sem nuvens. Que pena!

— Ahem! Ahem! — disse o Foguete, começando a tossir.

— Que voz encantadora a sua! — gritou o Sapo. — Realmente parece mesmo com um coaxo, e coaxar, naturalmente, é o som mais musical do mundo. Hoje à noite você irá ouvir nosso coral. Nós nos sentamos no velho lago dos patos, perto da casa do fazendeiro, e começamos logo que a lua aparece. É tão fascinante que todo mundo fica acordado, escutando. Na verdade, ainda ontem eu ouvi a mulher do fazendeiro dizendo que ela não conseguiu pregar olho a noite inteira por nossa causa. É muito gratificante saber que somos assim tão populares.

— Ahem! Ahem! — disse o Foguete, furioso. Ele estava muito aborrecido de não conseguir dizer uma só palavra.

— Uma voz encantadora, sem dúvida — continuou o Sapo. — Espero que venha até o lago dos patos. Eu vou dar uma volta para procurar minhas filhas. Tenho seis filhas lindas e muito medo de que o bagre as encontre. Ele é um perfeito monstro, e não hesitaria nem um segundo em comê-las todas no café da manhã. Bom, até logo, gostei muito da nossa conversa.

— Conversa, pois sim! — disse o Foguete. — Você falou sozinho o tempo todo. Isso não é conversa.

— Alguém tem de escutar — respondeu o Sapo —, e eu gosto de ser quem faz toda a parte de falar. Poupa discussões.

— Mas eu gosto de discussões — disse o Foguete.

— Espero que não — retrucou o Sapo, com complacência. — As discussões são extremamente vulgares, já que na boa sociedade todos têm exatamente as mesmas opiniões. Mais uma vez, até logo, estou vendo minhas filhas lá longe. — E o Sapinho saiu nadando.

— Você é uma pessoa muito irritante — disse o Foguete —, e muito mal-educada. Eu detesto gente que fica falando a respeito de si mesma, como você, quando outras pessoas querem ficar falando a respeito delas mesmas, como eu. É isso que eu chamo de egoísmo, e egoísmo é uma coisa detestável, particularmente para qualquer pessoa com o meu temperamento, já que sou conhecido como altruísta. Na verdade, você devia me tomar como exemplo, não poderia ter melhor modelo. Agora que tem essa oportunidade, é melhor que faça proveito dela, pois eu irei de volta para a Corte quase que imediatamente. Eu sou um dos grandes favoritos da Corte. Para falar a verdade, o Príncipe e a Princesa casaram-se ontem, em minha honra. É claro que você não entende nada de tais assuntos, já que não passa de um provinciano.

— Não adianta nada falar com ele — disse uma Libélula que estava pousada na ponta de uma tábua marrom. — Nada mesmo, porque ele já foi embora.

— Bem, quem perde com isso é ele, e não eu — respondeu o Foguete. — Não vou parar de falar com ele só porque ele não presta atenção. Eu gosto de me ouvir falar. É um dos meus maiores prazeres. Frequentemente mantenho longas conversas comigo mesmo, e sou tão inteligente que muitas vezes não compreendo uma só palavra do que estou dizendo.

— Então com certeza você deveria dar aulas de Filosofia — disse a Libélula, e, espalhando suas lindas asas transparentes como gaze, voou para o céu.

— Que bobagem dele não ficar aqui! — disse o Foguete. — Tenho certeza de que não é sempre que ele tem uma tal oportunidade de aprimorar sua mente. No entanto, pouco me importa. Um gênio como eu algum dia terá de ser devidamente apreciado. — E afundou um pouco mais na lama.

Depois de algum tempo, uma grande Pata Branca nadou até ele. Tinha as pernas amarelas, os pés espalmados, e era considerada uma grande beleza por

causa de seu andar gingado.

— Quac, quac, quac — disse ela. — Que feitio curioso é o seu! Permite-me indagar se nasceu assim ou se é o resultado de algum acidente?

— É óbvio que a senhora sempre morou no campo — respondeu o Foguete —, pois de outro modo saberia quem sou eu. No entanto, perdoarei sua ignorância. Não seria justo esperar que as outras pessoas fossem tão notáveis quanto nós mesmos. Sem dúvida, a senhora há de ficar espantada ao saber que eu sou capaz de voar pelos ares, descendo depois como uma chuva de ouro.

— Não me parece grande coisa — disse a Pata. — Não vejo como isso possa ser proveitoso para quem quer que seja. Se o senhor pudesse arar um campo como o boi, ou puxar uma carroça como o cavalo, ou tomar conta de um rebanho, como o cão pastor, seria diferente.

— Minha boa senhora — exclamou o Foguete, com o mais presunçoso tom de voz que conseguiu —, já vi que pertence às ordens inferiores. Pessoas da minha posição jamais são úteis. Temos certas potencialidades, e é o bastante. Pessoalmente, não tenho afinidade com qualquer tipo de indústria, e muito menos ainda a do gênero que a senhora parece aplaudir. Na verdade, sempre fui da opinião de que o trabalho pesado é apenas uma espécie de refúgio para pessoas que não têm absolutamente nada para fazer.

— Ora, veja só — disse a Pata, que era de temperamento muito pacífico e jamais brigava com quem quer que fosse. — Todo mundo tem gostos diferentes. Espero, de qualquer modo, que esteja pensando em estabelecer residência aqui.

— De modo algum! — exclamou o Foguete. — Sou apenas um visitante, um visitante ilustre. Para falar a verdade, acho este lugar um tanto enfadonho. Por aqui não há nem sociedade nem solidão. De fato, trata-se de local essencialmente suburbano. É provável que eu volte para a Corte, pois sei que estou destinado a causar sensação no mundo!

— Cheguei a pensar em abraçar a vida pública eu mesma, certa vez — comentou a Pata. — Há tanta coisa precisando de reforma. Na verdade, eu presidi uma reunião ainda há pouco tempo e aprovamos uma resolução condenando tudo aquilo de que não gostamos. Entretanto, ela não parece ter tido maiores consequências. Hoje em dia dedico-me à domesticidade e cuido de minha família.

— Eu fui feito para a vida pública — disse o Foguete. — Do mesmo modo que todos os meus parentes, até o mais humilde deles. Sempre que aparecemos provocamos a mais viva atenção. Eu, efetivamente, ainda não apareci pessoalmente, mas quando o fizer será um espetáculo magnífico. Quanto à domesticidade, ela causa um envelhecimento precoce e distrai nosso pensamento de questões mais elevadas.

— Ah! As coisas elevadas da vida, como são refinadas! — disse a Pata. — O que me lembra a fome que estou sentindo. — E afastou-se, nadando pelo rio abaixo, dizendo: — Quac, quac, quac.

— Volte aqui! Volte aqui! — gritou o Foguete. — Eu tenho muito a lhe dizer.

Mas a Pata não prestou a menor atenção.

— Alegro-me que tenha ido embora — disse ele consigo mesmo, pois tinha mentalidade nitidamente de classe média, e tornou a afundar um pouquinho mais na lama, enquanto refletia sobre a solidão dos gênios, quando de repente apareceram correndo pela margem dois menininhos, de aventais brancos, que carregavam uma chaleira e uns gravetos.

— Essa deve ser a delegação — disse o Foguete, e tentou ficar com aspecto muito digno.

— Olá! — gritou um dos meninos. — Olhe só essa vara estragada, só fico pensando como terá vindo dar aqui. — E pegou o foguete caído na vala.

— *Vara estragada!* — disse o Foguete. — Impossível! *Vara dourada*, foi isso o que ele disse. Vara Dourada é um termo muito elogioso. Para falar a verdade, creio que ele me tomou por um dos dignitários da Corte.

— Vamos jogá-la no fogo! — disse o outro menino. — Para ajudar a chaleira a ferver.

De modo que, ao empilhar seus gravetos, eles atiraram junto o Foguete e acenderam o fogo.

— Mas que maravilha! — exclamou o Foguete. — Eles vão me soltar em pleno dia, para todo mundo poder me ver.

— Agora vamos dormir — disseram os meninos —, e quando acordarmos a água da chaleira já estará fervendo. — E, deitando-se na grama, fecharam os olhos.

O Foguete estava muito úmido, de modo que levou muito tempo para começar a queimar. Finalmente, no entanto, o fogo pegou.

— Agora lá vou eu! — gritou ele, e botou-se muito durinho e esticado. — Eu sei que vou subir mais alto do que as estrelas, muito mais alto do que a lua, muito mais alto do que o sol. Na verdade, eu subirei tanto que…

Vvvvv! Vvvvvv! Vvvvvv!, e lá subiu ele pelos ares.

— Que delícia! — gritou. — Vou continuar assim para sempre. Eu sou um sucesso incrível!

Mas ninguém o viu.

E de repente ele começou a sentir uma sensação de arrepio que o tomava por inteiro.

— Agora vou explodir — gritou ele. — Vou incendiar o mundo e fazer tanto barulho que todos vão ficar só falando disso durante um ano inteiro.

E ele realmente explodiu. Bang! Bang! Bang!, fez a pólvora. Sobre isso não há a menor dúvida.

Mas ninguém ouviu, nem ao menos os dois meninos, que dormiam profundamente.

E aí só o que sobrou dele foi a vara, que caiu nas costas de um Ganso que estava passeando perto da vala.

— Ai, meu Deus! — gritou o Ganso. — Agora vai chover varas. — E correu para mergulhar na água.

— Eu sabia que ia causar uma grande sensação — disse o Foguete em seu último alento, e se apagou.

O Rouxinol e a Rosa

— Ela disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse rosas vermelhas — lastimou-se o jovem Estudante —, porém em todo o meu jardim não existe uma única rosa vermelha.

De seu ninho no grande carvalho, o Rouxinol ouviu-o, olhou por entre as folhagens e ficou pensando.

— Nem uma única rosa vermelha em todo o meu jardim! — chorou o Estudante, e seus lindos olhos ficaram marejados de lágrimas. — Ai, como a felicidade depende de pequenas coisas! Já li tudo que escreveram os homens mais sábios, conheço todos os segredos da filosofia, mas por falta de uma rosa vermelha minha vida está desgraçada.

— Finalmente encontro um verdadeiro amante — disse o Rouxinol. — Tenho cantado esse ser noite após noite, mesmo sem conhecê-lo: noite após noite contei sua história às estrelas, e só agora o encontrei. Seus cabelos são escuros como a flor do jacinto, e seus lábios rubros como a rosa de seus desejos, porém a paixão tornou seu rosto pálido como o marfim e a tristeza selou sua testa.

— O Príncipe dará um baile amanhã à noite — murmurou o jovem Estudante —, e o meu amor estará entre os presentes. Se eu lhe levar uma rosa vermelha, ela dançará comigo até de madrugada. Se eu lhe der uma rosa vermelha, eu a terei em meus braços, e ela deitará sua cabeça sobre o meu ombro, com sua mão presa na minha. Mas não há uma única rosa vermelha em meu jardim, de modo que ficarei abandonado em meu lugar, e ela há de passar por mim. Ela nem irá me notar, e meu coração ficará partido.

— Aí está, de fato, um verdadeiro amante — disse o Rouxinol. — Ele sofre tudo o que eu canto: o que é alegria em mim, para ele é dor. Sem dúvida o amor é uma coisa maravilhosa. Ele é mais precioso do que a esmeralda e mais refinado que a opala. Nem pérolas nem granadas os podem comprá-lo, nem é

ele exposto nos mercados. Ninguém pode comprá-lo de mercadores, nem pode ser pesado nas balanças feitas para pesar ouro.

— Os músicos vão ficar em sua galeria — disse o jovem Estudante. — Tocarão seus instrumentos de cordas, e o meu amor dançará ao som da harpa e do violino. Ela irá dançar com tal leveza que seus pés nem tocarão o chão, e os cortesãos, com suas roupas alegres, ficarão amontoados em volta dela. Porém comigo ela não irá dançar, porque não lhe dei uma rosa vermelha. — E atirou-se na relva, enterrou o rosto entre as mãos e chorou.

— Por que é que ele está chorando? — perguntou o Lagartinho Verde, ao passar por ele com o rabinho empinado para o ar.

— Por que será? — disse uma Borboleta, que estava esvoaçando atrás de um raio de sol.

— É mesmo, por que será? — sussurrou uma Margarida a seu vizinho, com voz suave e baixinha.

— Está chorando por uma rosa vermelha — disse o Rouxinol.

— Por uma rosa vermelha? — gritaram todos. — Mas que coisa ridícula! — E o Lagartinho Verde, que era um tanto cínico, caiu na gargalhada.

Mas o Rouxinol compreendeu o segredo da tristeza do Estudante e ficou em silêncio debaixo do carvalho, pensando sobre o mistério do Amor.

Repentinamente ele abriu as asas para voar e subir para os ares, passando pelo bosque como uma sombra e, como uma sombra, deslizar através do jardim.

Bem no centro do gramado havia uma linda Roseira e, ao vê-la, o Rouxinol voou para ela e pousou em um ramo.

— Dê-me uma rosa vermelha — exclamou ele — que eu lhe cantarei minha mais doce canção!

Mas a roseira não estava interessada.

— Minhas rosas são brancas — respondeu. — Brancas como a espuma do mar, e mais brancas do que a neve das montanhas. Mas vá até minha irmã que cresce junto ao relógio de sol, que talvez ela lhe dê o que quer.

E então o Rouxinol voou para a Roseira que crescia ao lado do velho relógio de sol.

— Se você me der uma rosa vermelha — gritou ele —, eu canto para você minha mais doce canção.

Mas a Roseira sacudiu a cabeça.

— Minhas rosas são amarelas — respondeu ela —, tão amarelas quanto os cabelos da sereia que se senta em um trono de âmbar, e mais amarelas do que os junquilhos que florescem no campo antes do ceifador aparecer com sua foice. Mas pode ir até minha irmã que cresce debaixo da janela do Estudante, que talvez ela lhe dê o que está procurando.

E então o Rouxinol voou até a Roseira que crescia debaixo da janela do Estudante.

— Se você me der uma rosa vermelha — gritou ele —, eu canto para você minha mais doce canção.

Mas a Roseira sacudiu a cabeça.

— Minhas rosas são vermelhas — respondeu ela —, vermelhas como os pés da pomba e mais vermelhas do que os grandes leques de coral que abanam sem parar nas cavernas do oceano. Mas o inverno congelou minhas veias, a geada cortou meus botões, a tempestade quebrou meus galhos, e não terei uma só rosa este ano.

— Eu só quero uma rosa — gritou o Rouxinol. — Apenas uma rosa vermelha! Não haverá nenhum jeito de consegui-la?

— Só há um — respondeu a Roseira —, mas é tão terrível que não ouso contar.

— Pode contar — disse o Rouxinol —, eu não tenho medo.

— Se quiser uma rosa vermelha — disse a Roseira —, você terá de construí-la de música ao luar, tingindo-a com o sangue do seu próprio coração. Terá de cantar para mim com seu peito de encontro a um espinho. Terá de cantar para mim a noite inteira, e o espinho terá de furar o seu coração, e o sangue que o mantém vivo terá de correr para as minhas veias, transformando-se em meu sangue.

— A Morte é um preço alto para se pagar por uma rosa vermelha — exclamou o Rouxinol —, e a Vida é muito cara a todos! É tão agradável ficar parado no bosque verde, olhar o Sol em seu carro de ouro, e a Lua em seu carro de pérolas. Doce é o perfume do pilriteiro, doces são as campânulas que se escondem no vale, e as urzes que balançam nas colinas. No entanto, o Amor é melhor do que a Vida, e o que é o coração de um passarinho comparado com o coração de um homem?

Com isso, ele abriu as asas e alçou voo para os ares. Passou célere sobre o jardim e como uma sombra deslizou pelo bosque.

O jovem Estudante ainda estava deitado na relva, onde ele o havia deixado, e as lágrimas ainda nem haviam secado em seu lindo rosto.

— Fique contente — cantou-lhe o Rouxinol —, fique contente. Você terá sua rosa vermelha. Eu a construirei com minha música ao luar, tingindo-a com o sangue do meu próprio coração. E só o que peço em troca é que você seja um amante fiel e verdadeiro, pois o Amor é mais sábio do que a Filosofia, embora ela seja sábia, e mais poderoso do que o Poder, embora este seja poderoso. Cor das chamas são suas asas, e cor das chamas é o seu corpo. Seus lábios são doces como o mel, seu hálito como o incenso.

O Estudante olhou para o alto e ouviu, mas não compreendeu o que o Rouxinol dizia, porque só conhecia as coisas que vêm escritas nos livros. Mas o Carvalho compreendeu e ficou triste, porque gostava muito do Rouxinol, cuja família tinha o ninho em seus ramos.

— Cante-me uma última canção — sussurrou ele —, vou sentir-me tão só quando você se for.

Então o Rouxinol cantou para o Carvalho, e sua voz parecia a água quando sai saltitando de um jarro de prata.

Quando a canção acabou, o Estudante se levantou e tirou do bolso um caderninho de notas e um lápis.

— Ele tem forma — disse para si mesmo, enquanto caminhava pelo bosque —, isso ninguém pode negar. Mas será que tem sentimentos? Temo que não. Na verdade, deve ser como a maioria dos artistas: é todo estilo, sem qualquer sinceridade. Ele jamais se sacrificaria pelos outros. Só pensa em música, e todo mundo sabe que as artes são egoístas. Mesmo assim, é preciso admitir que sua voz tem algumas notas lindas. Que pena não significarem nada, nem terem qualquer utilidade prática!

E foi para o seu quarto, onde se deitou em seu pequeno catre e, depois de pensar algum tempo em sua amada, adormeceu.

Quando a lua começou a brilhar no céu, o Rouxinol voou para a Roseira e encostou o peito no espinho. Durante toda a noite ele cantou, com o peito no espinho, enquanto a fria Lua de cristal curvava-se para ouvir. Ele cantou a noite

inteira, e o espinho entrava cada vez mais fundo em seu peito, enquanto seu sangue escorria para fora.

Primeiro ele cantou sobre o nascimento do amor no coração de um rapaz e uma moça. E no ramo mais alto da Roseira foi florescendo uma rosa maravilhosa, pétala por pétala, à medida que uma canção seguia outra. A princípio ela era pálida como a névoa que paira sobre o rio, pálida como os pés da manhã e prateada como as asas da madrugada. Como a sombra de uma rosa em um espelho de prata, como a sombra de uma rosa em uma lagoa, assim era a rosa que floresceu no ramo mais alto da Roseira.

Mas a Roseira ficava gritando para o Rouxinol se apertar cada vez mais de encontro ao espinho.

— Aperta mais, Rouxinol — gritava a Roseira —, senão o dia chega antes que a rosa esteja pronta.

E o Rouxinol fazia cada vez mais pressão contra o espinho, e cantava cada vez mais alto, pois estava cantando o nascimento da paixão entre a alma de um homem e uma donzela.

E um delicado enrubescer rosado apareceu nas folhas da rosa, como o enrubescer no rosto do noivo quando ele beija os lábios da noiva. Mas o espinho ainda não havia atingido o coração, de modo que o coração da rosa permanecia branco, pois só o sangue do coração de um Rouxinol pode deixar rubro o coração de uma rosa.

E a Roseira gritava para o Rouxinol enfiar mais e mais o peito de encontro ao espinho.

— Mais ainda, pequeno Rouxinol — gritava a Roseira —, senão o dia chega antes de a rosa estar pronta.

E o Rouxinol foi se apertando cada vez mais de encontro ao espinho, e o espinho tocou-lhe o coração, e um terrível golpe de dor passou por toda a avezinha. A dor era horrível, horrível, e a canção foi ficando cada vez mais enlouquecida, pois agora ele cantava o Amor que fica perfeito com a Morte, o Amor que não morre no túmulo.

E a rosa maravilhosa ficou rubra, como a rosa do céu do oriente. Rubro era todo o círculo de pétalas, e rubro como um rubi era o seu coração.

Mas a voz do Rouxinol foi ficando mais fraca, suas asinhas começaram a se debater, e uma névoa cobriu seus olhos. Cada vez mais fraca foi ficando sua

canção, e ele sentiu alguma coisa que sufocava sua garganta.

E então ele soltou uma última porção de música. A Lua branca ouviu-a e se esqueceu da madrugada, ficando no céu. A rosa vermelha também ouviu, estremeceu toda em êxtase e abriu suas pétalas ao frio ar da manhã. O eco levou-a até sua caverna púrpura nas colinas e despertou de seus sonhos os pastores que dormiam. Ela flutuou até os juncos do rio, e estes levaram sua mensagem para o mar.

— Veja, veja! — gritou a Roseira. — Agora a Rosa está pronta.

Mas o Rouxinol não respondeu, pois tinha caído morto no meio da relva, com o espinho atravessado no peito.

Ao meio-dia o Estudante abriu sua janela e olhou para fora.

— Ora, mas que sorte maravilhosa! — exclamou ele. — Eis ali uma rosa vermelha! Jamais vi rosa como essa em toda a minha vida. É tão bonita que estou certo de que deve ter algum nome em latim! — E, debruçando-se, colheu-a.

Depois ele botou o chapéu e correu para a casa do Professor, com a rosa na mão.

A filha do professor estava sentada na porta, enrolando um fio de seda azul em um novelo, com o cachorrinho deitado a seus pés.

— Você disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse uma rosa vermelha — exclamou o Estudante. — Aqui está a rosa mais vermelha do mundo inteiro. Use-a junto ao seu coração hoje à noite, e enquanto estivermos dançando eu lhe direi o quanto a amo.

Mas a moça franziu o cenho.

— Receio que ela não combine com o meu vestido — respondeu. — E, além do mais, o sobrinho do Camerlengo mandou-me uma joia de verdade, e todos sabem que as joias custam muito mais do que as flores.

— Você é muito ingrata — disse o Estudante, com raiva, e atirou a rosa na rua, onde ela caiu na sarjeta e uma carroça acabou passando por cima.

— Ingrata? — disse a moça. — Pois fique sabendo que você é muito rude e, afinal, quem é você? Apenas um estudante. Ora, não creio sequer que tenha fivelas de prata para seus sapatos, como as que tem o sobrinho do Camerlengo. — E, levantando-se de sua cadeira, entrou na casa.

— Que coisa tola é o Amor! — disse o Estudante, enquanto se afastava. — Não tem a metade da utilidade da Lógica, pois não prova nada, e fica sempre dizendo a todo mundo coisas que não vão acontecer, fazendo com que acreditemos em coisas que não são verdade. Enfim, não é nada prático e, como hoje em dia ser prático é o importante, vou voltar à Filosofia e estudar Metafísica.

E voltou para seu quarto, onde pegou um enorme livro todo empoeirado e começou a ler.

O Jovem Rei

Era noite, véspera do dia marcado para a coroação, e o jovem Rei estava sentado em seu lindo quarto. Todos os seus cortesãos já haviam se despedido, curvando as cabeças até o chão, segundo o cerimonial que se usava naquele tempo, retirando-se para o Grande Salão do Palácio a fim de receber as últimas instruções do Professor de Etiqueta, pois havia alguns dentre eles que se comportavam de maneira perfeitamente natural, o que, desnecessário dizer, é grave ofensa em se tratando de um cortesão.

O rapaz — pois ele era apenas um rapazinho de dezesseis anos — não lamentou a saída deles, e se atirou de costas, com grande suspiro de alívio, nos macios colchões de seu sofá bordado, e ficou ali deitado, de olhos esbugalhados e boca aberta, como um fauno de floresta, ou algum jovem animal selvagem preso por caçadores.

E na verdade foram caçadores que o encontraram, quase que por acaso, quando, com uma roupa que não lhe cobria nem braços nem pernas, e tendo na mão uma flauta, ele seguia o rebanho do pastor que o criara e de quem sempre acreditou ser filho. Descendente da única filha do velho Rei por um casamento secreto com um homem muito abaixo dela socialmente. Um estranho, diziam alguns, que levara a jovem Princesa a amá-lo com a mágica que tocava em seu alaúde. Diziam outros que fora um artista de Rimini, a quem a Princesa concedera muitas, e até exageradas, honrarias, mas desaparecera repentinamente da cidade, deixando inacabado seu trabalho na Catedral. O menino fora, quando tinha apenas uma semana, roubado à companhia de sua mãe, enquanto esta dormia, e entregue aos cuidados de um simples camponês e sua mulher, que não tinham filhos e moravam em um ponto longínquo da floresta, mais de um dia a cavalo da cidade. A tristeza, ou a peste (como disse um médico), ou (como sugeriram outros) um rápido veneno italiano ministrado em um copo de vinho temperado, matou, uma hora depois de seu despertar, a branca menina que lhe dera vida, e quando o mensageiro de

confiança que levou a criança desceu de seu cavalo exausto e bateu na grosseira porta da cabana do pastor, o corpo da Princesa estava sendo baixado em uma cova que fora aberta em um pequeno cemitério de igreja fora das portas da cidade, uma cova onde se dizia que jazia já um outro corpo, o de um jovem de aspecto belo e estrangeiro, cujas mãos estavam atadas às suas costas com uma corda e cujo peito fora penetrado por muitas feridas rubras.

Tal era, ao menos, a história que as pessoas contavam baixinho umas às outras. O certo é que o velho Rei, em seu leito de morte, seja por remorso de seu grande pecado, ou apenas por não querer que o reino saísse das mãos de sua própria linhagem, mandou buscar o rapaz e, na presença do Conselho, reconheceu-o como seu herdeiro.

Ao que parece, desde o primeiro momento de seu reconhecimento, o rapaz havia mostrado sinais da estranha paixão pela beleza que viria a ter enorme influência sobre sua vida. Os que o acompanhavam até seus aposentos particulares muitas vezes comentavam os gritos de alegria que saíam de seus lábios ao ver os delicados trajes e as ricas joias preparadas para ele, e a alegria quase que violenta com que atirara para um lado sua rude túnica e o casaco de pele de carneiro. É verdade que muitas vezes ele sentia falta da liberdade da vida na floresta e tendia a se impacientar com as entediantes cerimônias da Corte, que ocupavam boa parte de todos os dias, mas o palácio, chamado *Joyeuse*, do qual se via agora senhor, parecia-lhe um novo mundo recém-criado para o seu prazer. E tão logo conseguia escapar das reuniões do conselho ou da sala de audiências, descia correndo a grande escadaria, com seus leões de bronze dourado e seus degraus de pórfiro brilhante, e passeava de uma sala para outra, como alguém que procurasse na beleza um remédio para a dor, alguma espécie de restauração da saúde.

Nessas viagens de descoberta, como as chamava — e, na verdade, elas eram para ele verdadeiras viagens por terras maravilhosas —, ele às vezes era acompanhado pelos elegantes e louros pajens da Corte, com suas capas esvoaçantes e laços tremulantes. Porém, quase sempre ia sozinho, levado por certo instinto vivo, quase que divinatório, de que é no isolamento que melhor se aprendem os segredos da arte, e que a Beleza, como a Sabedoria, prefere os adoradores solitários.

* * *

Nessa época eram contadas muitas histórias curiosas. Dizia-se que um gorducho Burgomestre, que aparecera para fazer uma florida homenagem oratória em nome dos cidadãos da cidade, havia apanhado o garoto de joelhos, em adoração, diante de um grande quadro recentemente trazido de Veneza, o que parecia anunciar a adoração de alguns deuses novos. Em outra ocasião ele desaparecera por várias horas, e após prolongada busca fora descoberto em um pequeno quarto de um dos torreões da ala norte do palácio, olhando, como que em transe, uma gema grega na qual estava esculpida a figura de Adonis. Ele fora visto, segundo outro relato, comprimindo seus lábios quentes na testa de mármore de uma antiga estátua descoberta no leito do rio, por ocasião da construção da ponte de pedras, onde estava inscrito o nome do escravo bitínio de Adriano. E havia passado uma noite inteira observando o efeito do luar em uma imagem de prata de Edimion.

Todo material raro e caro exercia por certo grande fascínio sobre ele. E em sua ânsia de consegui-los ele enviara muitos mercadores, alguns para negociar âmbar com os rudes pescadores dos mares do norte, alguns ao Egito para procurar a curiosa turquesa verde que só é encontrada nos túmulos dos reis e, segundo dizem, tem propriedades mágicas; alguns à Pérsia em busca de tapetes de seda e cerâmicas pintadas, outros à Índia para comprar gaze e marfim tinto, pedras da lua e braceletes de jade, sândalo, esmalte azul e chales de lã fina.

Porém, o que mais o ocupava era o traje que ia usar na coroação, um manto de tecido dourado, a coroa cravejada de rubis e o cetro com filas de círculos de pérolas. Na verdade era nisso que ele estava pensando naquela noite, deitado em seu luxuoso sofá, olhando a grande tora de pinheiro que queimava em sua vasta lareira. Os desenhos já haviam sido submetidos a ele muitos meses antes, e ele ordenara que artesãos trabalhassem dia e noite para executá-los, e que o mundo inteiro fosse vasculhado na busca de joias dignas de todo esse trabalho. Ele se imaginava de pé no altar principal da catedral, em belos trajes de Rei, e um sorriso brincava em seus lábios de menino, acendendo um brilhante lustro em seus escuros olhos marrons.

Depois de algum tempo ele se levantou e, encostado na estrutura esculpida da lareira que levava à chaminé, passou os olhos pela penumbra do quarto. As

paredes eram cobertas por ricas tapeçarias que representavam o Triunfo da Beleza. Uma grande estante, incrustada com ágata e lápis-lazúli, ocupava um canto, enquanto na parede defronte à janela havia um armarinho curiosamente lavrado, com painéis de laca com mosaicos e poeira de ouro, sobre o qual estavam colocadas algumas delicadas taças de cristal veneziano e um copo de ônix com veias escuras. A colcha da cama era bordada com pálidas papoulas, que pareciam caídas de mãos cansadas de sono, e finas colunas de marfim acanelado sustentavam o docel de veludo, do qual nasciam grandes tufos de plumas de avestruz, como branca espuma, apontando para a pálida prata do teto estriado. Um Narciso sorridente em bronze esverdeado segurava um espelho polido acima de sua cabeça. Sobre a mesa ficava uma bacia rasa de ametista.

Lá fora ele via a imensa cúpula da catedral, que parecia uma enorme bolha envolvendo as casas na sombra, e os cansados sentinelas que marchavam sem parar pelo terraço que dava para o rio. Um vago perfume de jasmim entrava pela janela aberta. Ele afastou seus cachos castanhos da testa e, tomando um alaúde, deixou que os dedos passassem pelas cordas. Suas pálpebras pesadas começaram a se fechar, e estranho torpor apossou-se dele. Jamais sentira tão agudamente, ou com alegria tão requintada, a mágica e o mistério das coisas belas.

Quando soou a meia-noite no relógio da torre da igreja, ele tocou uma campainha, e seus pajens ajudaram-no a trocar de roupa com grande cerimônia, derramando água de rosas em suas mãos e espalhando flores em seu travesseiro. Poucos instantes depois de deixarem o quarto, o Príncipe já tinha adormecido.

* * *

Dormindo, o Príncipe sonhou um sonho que foi o seguinte: pensou que estava parado em um sótão comprido e baixo, em meio ao zumbido de muitos teares. Uma fraquíssima luz do dia espiava por gretas entre as tábuas que eram fixas nas janelas e mostrava-lhe as esquálidas figuras dos tecelões curvados sobre suas armações. Crianças pálidas e doentias estavam encolhidas nas grandes traves de madeira. Enquanto as lançadeiras corriam de um lado para outro, elas

levantavam as pesadas molduras, que deixavam cair quando aquela atingia a outra extremidade, apertando um fio contra o outro. Seus rostos eram encovados pela fome, suas mãos esqueléticas hesitavam e tremiam. Algumas mulheres magras cosiam sentadas junto a uma mesa. O ar era imundo e pesado, e as paredes pingavam de umidade.

O jovem Rei foi até um dos tecelões e ficou de pé, parado, a observá-lo.

O tecelão olhou-o irado e disse:

— Por que me olhas? Foste mandado por nosso senhor para nos espionar?

— Quem é o seu senhor? — perguntou o jovem Rei.

— Nosso senhor! — exclamou o tecelão, com amargura. — Ele é um homem igual a mim. Na verdade, só existe uma única diferença entre nós: ele usa roupas lindas enquanto eu ando com trapos, e enquanto estou fraco de fome ele sofre um pouco por comer demais.

— A terra é livre — disse o jovem Rei — e você não é escravo de ninguém.

— Na guerra — respondeu o tecelão —, os fortes fazem escravos dos fracos, e na paz os ricos fazem os pobres seus escravos. Temos de trabalhar para viver, e eles nos dão salários tão mesquinhos que morremos. Trabalhamos para eles o dia inteiro, e eles acumulam ouro em seus cofres, enquanto nossos filhos definham antes do tempo e os rostos dos que amamos tornam-se duros e maus. Nós pisoteamos a uva, mas os outros bebem o vinho. Nós semeamos o trigo, mas nossas mesas estão vazias. Vivemos curvados por correntes que ninguém vê, e somos escravos, embora os homens nos chamem livres.

— É assim com todo mundo? — perguntou o Rei.

— É assim com todo mundo — respondeu o tecelão. — Com os jovens, com os velhos, com as mulheres assim como com os homens, com as criancinhas e com os que a idade já abateu. Os mercadores nos apertam, temos de fazer o que eles mandam. O padre passa a cavalo rezando o terço, mas nunca se importa conosco. Por nossas ruelas arrasta-se a Pobreza com seu olhar faminto, e o Pecado, com seu rosto empapuçado, vem logo atrás. A Miséria nos acorda pela manhã e a Vergonha senta-se conosco à noite. Mas o que te importa tudo isso? Tu não és um de nós. Teu rosto parece por demais feliz.

Virou-se, com ar zangado, e atirou a lançadeira para o outro lado do tear, e o jovem Rei viu que ela estava tecida com fio de ouro.

Um imenso pavor apoderou-se dele, que perguntou ao tecelão:

— Que traje é esse que você está tecendo?

— É o traje da coroação do jovem Rei — respondeu ele. — O que te importa isso?

E o jovem Rei, soltando um grito lancinante, acordou e, vejam só! Estava em seu próprio quarto. Pela janela pôde ver a imensa lua cor de mel que pairava na penumbra da noite.

* * *

Novamente ele dormiu e novamente sonhou, e seu sonho foi o seguinte: pensou que estava deitado no deque de uma imensa galera remada por cem escravos. Em um tapete a seu lado o capataz das galés estava sentado. Era negro como o ébano e usava um turbante de seda rubra. Grandes brincos de prata pendiam dos grossos lóbulos de suas orelhas, e em suas mãos havia uma balança de dois pratos, toda de marfim.

Os escravos estavam nus, a não ser por tangas esfarrapadas, e cada um deles ficava acorrentado a seu vizinho. O sol quente brilhava sobre eles, e outros negros andavam de cima para baixo na passagem, entre os remadores, espancando-os com açoites de couro. Estes esticavam os braços para puxar os pesados remos pela água. Repuxos salgados voavam das lâminas.

Eles finalmente alcançaram uma pequena baía e começaram a medir a profundidade. Uma ligeira brisa soprava da praia, cobrindo o convés e a grande vela latina com fina camada de pó avermelhado. Três árabes montados em asnos selvagens apareceram e atiraram lanças contra eles. O mestre das galés tomou nas mãos um arco pintado e flechou um dos atacantes na garganta. Este caiu pesadamente na rebentação, e seus companheiros fugiram a galope. Uma mulher envolta em um véu amarelo seguiu-o lentamente, em um camelo, lançando volta e meia um olhar para o morto.

Tão logo ancoraram e recolheram o velame, os negros desceram até o porão e trouxeram para cima uma longa escada de corda, com lastro de metal. O mestre das galés atirou-a por cima do parapeito, firmando as pontas em pinos de ferro. Depois os negros pegaram o mais jovem dos escravos, tiraram-lhe os grilhões, encheram-lhes as narinas e os ouvidos com cera e amarraram-lhe uma grande pedra à cintura. Ele se arrastou cansado pela escada abaixo e

desapareceu no mar. A água borbulhou um pouco onde ele afundou. Alguns dos outros escravos espiaram com certa curiosidade por cima da murada. Na proa da nave ficava sentado um encantador de tubarões batendo num ritmo monótono o seu tambor.

Depois de algum tempo o mergulhador emergiu das águas e agarrou-se, arfando, à escada, com uma pérola em sua mão. Os negros arrancaram-na dele e atiraram-no de volta no mar. Os escravos adormeceram sobre os remos.

Inúmeras vezes o mergulhador reapareceu, e a cada uma trouxe mais uma linda pérola. O mestre das galés pesava cada uma e a guardava em um saquinho de couro verde.

O jovem Rei tentou falar, porém sua língua parecia grudada no céu da boca, seus lábios não conseguiam se mover. Os guardas negros ficaram conversando, e a certa altura começaram a brigar por causa de umas contas coloridas. Dois grous voavam em círculos em cima da nau.

Então o mergulhador subiu pela última vez, e a pérola que trouxe consigo era mais bela do que todas as pérolas de Ormuz, pois tinha a forma da lua cheia, e era mais branca do que a estrela da manhã. Mas seu rosto tinha uma palidez estranha e, quando caiu no deque, jorrava sangue de seus ouvidos e narinas. Ele estremeceu uns instantes, depois ficou quieto. Os negros deram de ombros e atiraram o corpo no mar.

O mestre das galés riu-se e, esticando a mão, pegou a pérola. Mas ao vê-la ele a apertou de encontro à sua testa e curvou a cabeça.

— Esta será para o cetro do jovem Rei — disse ele, e fez sinal para que a âncora fosse levantada.

Quando o jovem Rei ouviu aquelas palavras, soltou um grande grito e despertou. Pela janela ele viu os longos dedos da madrugada que começavam a agarrar as estrelas que empalideciam.

* * *

Mas tornou a adormecer e sonhou, e seu sonho foi o seguinte: pensou que estava andando por um bosque sombrio, onde pendiam frutos estranhos e belíssimas flores venenosas. As víboras sibilavam ao passar por ele, e papagaios

de cores vivas voavam gritando de galho em galho. Imensas tartarugas dormiam na lama quente, e as árvores estavam cheias de macacos e pavões.

Ele continuou andando até chegar às bordas do bosque, onde viu uma imensa multidão de homens labutando no leito de um rio que secara. Eles pulavam como formigas nas íngremes encostas. Cavavam profundos buracos no chão e desciam por eles. Alguns partiam as pedras com grandes machados, outros arrastavam-se pela areia. Eles arrancavam os cactos pela raiz e pisoteavam suas flores vermelhas. Estavam todos apressados, falando uns com os outros, e não havia ninguém desocupado.

Do fundo da escuridão de uma caverna a Morte e a Avareza os observavam, e a Morte disse:

— Estou cansada. Dê-me um terço deles e me deixe ir embora.

Porém a Avareza sacudiu a cabeça.

— Eles são meus servos — respondeu ela.

E a Morte disse:

— O que tem em sua mão?

— Tenho três grãos de trigo — respondeu a outra. — O que lhe importa isso?

— Dê-me um deles para plantar em meu jardim — exclamou a Morte. — Só um, e eu vou embora.

— Eu não lhe dou nada — disse a Avareza, e ainda escondeu a mão em uma prega de sua roupa.

A Morte riu e pegou um copo, que mergulhou em uma poça d'água, e do copo surgiu a sezão. Num instante ela passou pela multidão, e um terço dela caiu morta. Uma névoa fria a acompanhava, e as cobras-d'água corriam a seu lado.

Quando a Avareza viu que um terço da multidão estava morta, ela bateu no peito e chorou. Batia no peito estéril e chorava aos gritos.

— Você matou um terço de meus servos — soluçou. — Vá-se embora. Há uma guerra nas montanhas tártaras, e os reis de ambos os lados estão chamando por você. Os afegãos mataram o boi preto e estão marchando para a batalha. Eles já bateram nos escudos com as lanças e já colocaram seus elmos de ferro. De que adianta este meu vale para você? Vá-se embora e não volte mais.

— Não — respondeu a Morte. — Enquanto não me der um grão de trigo, eu não sairei daqui.

Mas a Avareza fechou mais a mão e trancou os dentes.

— Eu não lhe darei coisa alguma — resmungou.

A morte riu, pegou uma pedra preta e, quando a atirou na floresta, de um arbusto de cicuta selvagem saiu a Febre, vestida de chamas. Ela passou pela multidão, tocando-a, e todo homem que tocava ia morrendo. A grama secava sob os seus passos.

A Avareza estremeceu e cobriu sua cabeça de cinzas.

— Você é cruel — gritou ela —, você é cruel. Há fome nas cidades muradas da Índia, e as cisternas de Samarkand secaram. Há fome nas cidades muradas do Egito, e do deserto vieram os gafanhotos. O Nilo não transbordou para as margens, e os sacerdotes vêm alimentando Ísis e Osíris. Vá-se embora para os que precisam de você e deixe-me os meus servos.

— Não — respondeu a Morte. — Enquanto você não me der um grão de trigo, eu não irei embora.

— Eu jamais lhe darei coisa alguma — disse a Avareza.

A Morte se riu novamente e, quando assoviou através dos dedos, uma mulher apareceu voando. Em sua testa estava escrito Peste, e um bando de urubus esvoaçavam à sua volta. Ela cobriu o vale com suas asas, e não restou um só homem vivo.

A Avareza fugiu guinchando pela floresta, e a Morte saltou em seu cavalo rubro e galopou para longe, mais rápida do que o vento.

Do lodo no fundo do vale saíram arrastando-se dragões e horríveis coisas escamadas, e os chacais apareceram trotando pela areia, farejando o ar com as narinas abertas.

E o jovem Rei chorou e disse:

— Quem são esses homens, e o que estavam eles buscando?

— Rubis para a coroa de um rei — respondeu alguém atrás dele.

O jovem Rei levou um susto e, virando-se, viu um homem vestido de peregrino, que tinha na mão um espelho de prata.

Empalidecendo, perguntou ele:

— Para que rei?

E o peregrino respondeu:

— Olhe neste espelho e o verá.

Ele olhou no espelho e, vendo o próprio rosto, soltou um grande grito e despertou, e a brilhante luz do sol jorrava para dentro de seu quarto, enquanto que do jardim e do vergel vinha o canto dos pássaros.

* * *

O Tesoureiro e os altos funcionários do Estado vieram e apresentaram seus respeitos ao Rei. Os pajens trouxeram seu traje de tecido de ouro e colocaram a coroa e o cetro à sua frente.

O jovem Rei olhou aquilo tudo e viu que eram coisas muito lindas. Mais lindas do que qualquer coisa que jamais vira. Porém ele se lembrou de seus sonhos e disse a seus nobres:

— Levem daqui estas coisas, pois não as usarei.

Os cortesãos ficaram estarrecidos, enquanto vários riram, pensando que ele estivesse fazendo alguma brincadeira.

Porém ele falou novamente, e com severidade:

— Levem daqui essas coisas e escondam-nas de mim. Embora seja este o dia de minha coroação, não as usarei. No tear da Tristeza e com as mãos da Dor foi tecido esse meu manto. Há sangue no coração do rubi e Morte no coração da pérola. — E lhes contou seus sonhos.

Depois que os cortesãos ouviram os sonhos, se entreolharam e sussurraram:

— Sem dúvida ele está maluco, pois o que é um sonho senão um sonho, ou uma visão senão uma visão? Eles não são coisas reais que mereçam que se lhes dê atenção. E o que temos nós a ver com as vidas daqueles que trabalham para nós? Será que um homem não deve comer pão antes de conhecer o semeador, nem beber vinho antes de conversar com o vinhateiro?

E disse o Tesoureiro ao jovem Rei:

— Meu Senhor, rogo-vos que afasteis de vós tais pensamentos negros, e que vistais esse belo traje, e que coloqueis na cabeça essa bela coroa. Pois como saberá o povo que vós sois um rei, se não vos vestirdes com trajes reais?

O jovem Rei encarou-o.

— Então, é assim? — questionou ele. — Eles não me reconhecerão como rei se não usar trajes reais?

— Eles não vos reconhecerão, Senhor — exclamou o Tesoureiro.

— Eu pensava que havia homens que por si tinham aspecto real — respondeu ele —, mas pode ser como o senhor diz. Mas mesmo assim não usarei este traje, nem serei coroado com esta coroa, indo antes vestido como cheguei a este palácio.

E pediu a todos que o deixassem, a não ser um pajem, que manteve como seu companheiro, um rapazola um ano mais moço do que ele. Só este ele conservou a seu serviço, e depois de banhar-se em água limpa, abriu uma grande arca pintada, da qual tirou sua túnica de couro e seu rude manto de pele de carneiro, os quais usara quando, nas encostas da colina, cuidava dos peludos bodes do pastor. Vestindo-os, ele tomou na mão seu rude bastão de pastor.

Olhando-o, o pajenzinho arregalou seus olhos azuis e disse-lhe, sorrindo:

— Meu Senhor, estou vendo seu manto e seu cetro, mas onde está a sua coroa?

E o jovem Rei colheu um ramo da urze branca que subia por seu balcão, curvou-o para fazer uma coroa e colocou-a na cabeça.

— Esta será minha coroa — respondeu ele.

E assim trajado ele passou de seu quarto ao Grande Salão, onde o aguardavam os nobres.

Os nobres riram muito, e alguns disseram-lhe, em alto e bom som:

— Meu Senhor, o povo espera seu rei, e vós lhes mostrais um mendigo.

Enquanto que outros ficaram indignados e disseram:

— Ele envergonha nosso Estado e é indigno de ser nosso líder.

Porém ele não lhes deu qualquer resposta e, passando, desceu a escadaria de pórfiro e saiu pelos portões de bronze. Montando em seu cavalo, partiu na direção da catedral, com o pajenzinho correndo atrás dele.

E o povo riu.

— É o bobo do Rei que está cavalgando — caçoaram.

Ele puxou as rédeas e disse:

— Não, eu sou o próprio Rei. — E contou-lhes seus três sonhos.

Um homem saiu do meio da multidão e lhe falou com amargura:

— Senhor, não sabeis que é do luxo dos ricos que vem a vida dos pobres? Por vossa pompa somos nós alimentados, e vossos vícios é que nos dão pão.

Trabalhar para um amo é amargo, porém não ter um amo por quem trabalhar é ainda mais amargo. Pensais acaso que os corvos irão alimentar-nos? E que cura ofereceis para tais problemas? Haveis de dizer ao comprador: "Comprarás por tal preço." E ao vendedor: "Venderás por tal preço?" Aposto que não. Portanto, voltai ao vosso Palácio e vesti vossa púrpura e vossos linhos finos. O que tendes a ver conosco e com nosso sofrimento?

— Não são irmãos os ricos e os pobres? — perguntou o jovem Rei.

— Somos — respondeu o homem. — E o nome do irmão rico é Caim.

Os olhos do jovem Rei encheram-se de lágrimas. Ele continuou a cavalgar através dos murmúrios do povo, e o pajenzinho foi ficando com medo e acabou por deixá-lo.

Quando atingiram o grande portal da catedral, os soldados puseram suas alabardas em riste e disseram:

— Quem está procurando? Ninguém entra por esta porta a não ser o Rei.

Com o rosto vermelho de raiva, ele disse:

— Eu sou o Rei. — E, afastando as alabardas, foi entrando.

Quando o velho bispo o viu chegando em seus trajes de pastor de cabras, se levantou espantado de seu trono e, indo ao seu encontro, disse-lhe:

— Meu filho, será este um traje para um rei? E com que coroa hei de coroá-lo, e que cetro hei de colocar em suas mãos? Por certo este deveria ser um dia de regozijo, e não de auto-humilhação.

— Deve a Alegria vestir o que foi feito pela Dor? — disse o jovem Rei. E contou seus três sonhos.

Depois de ouvi-lo, o Bispo franziu o cenho e disse:

— Meu filho, já sou velho, e no inverno de minha vida sei que é muito o mal que se faz neste mundo. Bandidos violentos descem das montanhas e roubam criancinhas para vendê-las aos Mouros. Os leões espreitam as caravanas e pulam em cima dos camelos. O javali selvagem arranca pela raiz o trigo do vale, e a raposa come o vinhedo na colina. Os piratas devastam a costa marítima, queimam os barcos dos pescadores e tiram-lhes suas redes. Nos pântanos salgados vivem os leprosos: suas casas são de junco trançado, e ninguém pode aproximar-se deles. Os mendigos se perdem pelas cidades e comem com os cães. Poderia o senhor acabar com alguma dessas coisas? Levaria um leproso para compartilhar do seu leito, ou um mendigo para sentar-se à sua

mesa? Será que o leão o obedeceria, assim como o javali? Não será o que criou a miséria mais sábio do que o senhor quer ser? E por tudo isso não o louvarei pelo que fez, e antes peço-lhe que volte ao Palácio e, com rosto alegre, vista-se com trajes que são adequados a um rei, para que eu possa coroá-lo com a coroa de ouro e colocar o cetro de pérolas em sua mão. E quanto aos seus sonhos, não pense mais neles. A carga deste mundo é grande demais para um só homem, e as tristezas do mundo numerosas demais para serem sofridas por um só coração.

— E o senhor diz isto nesta casa? — disse o jovem Rei e, passando por ele, subiu os degraus e aproximou-se da imagem de Cristo.

Em frente à imagem de Cristo ele parou e à sua direita e à sua esquerda havia maravilhosas taças de ouro, o cálice com o vinho dourado e a ânfora com o óleo santo. Ele se ajoelhou diante da imagem, enquanto as grandes velas queimavam alegres junto ao altar coberto de pedras preciosas, e a fumaça do incenso subia em espirais azuis até a cúpula. Ele curvou a cabeça em prece, e os sacerdotes com seus paramentos rígidos afastaram-se sorrateiramente do altar.

De repente, um terrível tumulto foi ouvido do lado de fora, e os nobres entraram com espadas empunhadas e plumas esvoaçantes acima dos escudos de aço polido.

— Onde está o sonhador? — perguntaram eles. — Onde está esse Rei, vestido de mendigo, esse menino que quer trazer vergonha ao reino? Nós sem dúvida o mataremos, pois é indigno de reinar sobre nós.

O jovem Rei curvou novamente sua cabeça e orou. Quando terminou sua oração, ele se levantou e, virando-se, olhou-os com tristeza.

E eis que, de repente, através das janelas coloridas, a luz do sol entrou jorrando em cima dele, e os raios do sol teceram em volta dele um traje mais bonito do que o que fora fabricado para o seu prazer. O bastão morto floriu e deu lírios mais brancos do que qualquer pérola. O ramo seco floriu e deu rosas mais rubras do que qualquer rubi. Mais alvos do que pérolas eram os lírios, e suas hastes eram de prata brilhante. Mais rubras que os rubis eram as rosas, e suas folhas eram de ouro batido.

Lá ficou ele, de pé, em seus trajes de rei. As portas do altar lavrado abriram-se, e do cristal do ostensório cercado de raios brilhou uma luz maravilhosa e mística. Vestido de rei ali ficou ele, e a Glória de Deus encheu toda a catedral.

Os santos em seus nichos esculpidos pareciam mover-se. Em seu lindo traje de rei ele ficou diante de todos, e o órgão soltou sua música, os trombeteiros tocaram suas trombetas e os meninos cantores cantaram.

O povo caiu de joelhos, por respeito, e os nobres devolveram suas espadas às bainhas e prestaram sua homenagem. O rosto do Bispo empalideceu e suas mãos tremeram.

— Alguém maior do que eu já o coroou — exclamou ele, e ajoelhou-se em frente ao jovem Rei.

E o jovem Rei desceu do altar e foi caminhando até a casa no meio do povo. Mas ninguém ousou olhá-lo no rosto, pois o seu era o rosto de um anjo.

O Aniversário da Infanta

Era o aniversário da Infanta. Ela estava fazendo doze anos, e o sol brilhava alegre nos jardins do palácio.

Embora ela fosse uma Princesa de verdade e Infanta da Espanha, só tinha um aniversário por ano, exatamente como os filhos de qualquer pobre, de modo que era muito importante para todo o país que aquele dia fosse realmente um acontecimento. E sem dúvida o dia estava lindo. As compridas tulipas rajadas estavam muito esticadinhas em suas hastes, como se fossem filas de soldados, e lançavam olhares desafiadores às rosas, que ficavam do outro lado do gramado, dizendo: "Nós agora somos tão esplendidamente belas quanto vocês." As borboletas roxas esvoaçavam por toda parte com pó de ouro nas asas, visitando as flores, uma a uma; uns lagartinhos saíam dos buracos do muro para se aquecerem no sol quente, e as romãs estouravam e se abriam com o calor, deixando à mostra seus coraçõezinhos sangrentos. Até os pálidos limões amarelos, que pendiam em quantidade da treliça mofada, e, ao longo das arcadas, sombras pareciam ter adquirido tonalidade mais rica com a maravilha da luz do sol, enquanto as magnólias abriam suas vastas flores que pareciam globos de marfim recurvado, enchendo o ar de pesado perfume.

A Princesinha passeava pelo terraço com suas companheiras, brincando de esconde-esconde em volta dos vasos de pedra e das estátuas já cobertas de musgos. Nos dias comuns ela só podia brincar com crianças de sua própria classe, de modo que sempre brincava sozinha, mas no dia do aniversário havia uma exceção, e o Rei dera ordens para que ela convidasse todos os amiguinhos de quem gostasse, para que viessem se divertir com ela. Havia uma graça elegante em todas aquelas esbeltas crianças espanholas quando deslizavam por ali, os meninos com grandes chapéus de plumas e capas curtas, as meninas segurando as caudas de seus vestidos de brocado, protegendo seus olhos com grandes leques em preto e prata. Mas a Infanta era a mais graciosa e a mais bem-vestida de todas, mesmo usando as pesadas roupas em moda na época.

Seu vestido era de cetim cinzento, com a saia e as mangas bufantes pesadamente bordadas com prata, e o rígido corpete decorado com filas e filas de pérolas. Dois sapatinhos pequeninos com grandes laços cor-de-rosa espiavam por debaixo do vestido quando ela andava. Seu leque de gaze era rosa com pérolas, e nos cabelos, que contornavam como a auréola de ouro velho seu rostinho pálido, tinha uma linda rosa branca.

De uma janela do palácio, o Rei, triste e melancólico, os observava. Atrás dele estava seu irmão, Dom Pedro de Aragão, a quem ele odiava, e seu confessor, o Grande Inquisidor de Granada, sentados lado a lado. Ainda mais triste do que de hábito estava o Rei, pois enquanto olhava a Infanta curvar-se com gravidade infantil para os cortesãos reunidos, ou rindo, por trás do leque, da soturna Duquesa de Albuquerque, que sempre a acompanhava, pensava na jovem Rainha, sua mãe, que havia tão pouco tempo — ou assim parecia a ele — viera de seu alegre país, a França, e definhara na sombria pompa da corte espanhola, morrendo exatamente seis meses depois do nascimento de sua filha, antes de ver por uma segunda vez florescerem as amendoeiras em seu pomar ou de colher uma segunda vez os frutos da contorcida figueira que ficava no centro do pátio agora coberto de relva. Tão grande havia sido seu amor por ela que não permitira sequer que o túmulo a escondesse dele. Ela fora embalsamada por um médico mouro, que recebera a vida em troca de seus serviços, quando estava condenado por heresia e práticas mágicas pelo Santo Ofício, segundo diziam. Seu corpo continuava a jazer em seu catafalco de tapeçaria, na capela de mármore negro do Palácio, exatamente onde fora posta, quase doze anos antes, pelos monges que a carregaram naquele dia ventoso de março. Uma vez por mês, o Rei, envolto em uma capa escura e com uma lanterna oculta na mão, ia ajoelhar-se ao lado dela, chamando: “Mi reina! Mi reina!” E, às vezes, quebrando a formalidade da etiqueta que na Espanha governa todos os aspectos da vida, delimitando até mesmo a tristeza permitida ao Rei, ele agarrava as mãos cobertas de joias e, em delirante agonia de dor, tentava despertar com seus beijos loucos o gélido rosto pálido.

Agora, nesse dia, parecia-lhe que a via de novo, primeiro no castelo de Fontainebleau, quando ele tinha só quinze anos e ela ainda menos. Nesse dia fora formalmente prometido a ela, pelo Núncio Papal, na frente do Rei da França e de toda a Corte. E ele havia voltado para o Escorial levando com ele

um cachinho de cabelo dourado e a lembrança de dois lábios infantis curvados para beijar-lhe a mão quando ele subia em sua carruagem. Mais tarde seguiu-se o casamento, apressadamente celebrado em Burgos, uma pequena cidade na fronteira entre os dois países; a grandiosa entrada pública em Madri, com a costumeira celebração de missa cantada na Igreja de La Atocha, e um auto de fé particularmente solene, no qual quase trezentos hereges, dentre os quais vários ingleses, foram entregues ao braço secular a fim de serem queimados.

Por certo ele a amara loucamente. Para a ruína, pensavam muitos, de seu país, então em guerra com a Inglaterra pela posse do império do Novo Mundo. Ele quase nunca permitia que ela ficasse fora do alcance de seus olhos. Por ela, ele esquecera — ou parecia ter esquecido — todos os negócios de Estado mais sérios; e, com aquela terrível cegueira que a paixão faz cair sobre os que a servem, ele jamais percebeu que o complicado cerimonial com o qual buscava agradá-la só servia para agravar a estranha doença de que ela sofria. Quando ela morreu, o homem ficou, por algum tempo, como que privado da razão. Na verdade, não há a menor dúvida de que ele teria abdicado formalmente, retirando-se para o grande mosteiro trapista de Granada, do qual era Prior titular, não fora seu temor em deixar a pequena Infanta à mercê de seu irmão, cuja crueldade, até mesmo na Espanha, era notória, e que estava sob suspeita de haver causado a morte da Rainha por meio de um par de luvas envenenadas com o qual a presenteara por ocasião de uma visita a seu castelo em Aragão. Mesmo depois de terminados os três anos de luto público que ele ordenara, por meio de édito real, para todos os seus domínios, o Rei jamais admitia que quaisquer de seus ministros falassem de alguma nova aliança; e quando o próprio Imperador mandou chamá-lo e ofereceu-lhe a mão da bela Arquiduquesa da Boêmia, sua sobrinha, ele pediu aos embaixadores que dissessem a seu amo que o Rei da Espanha já estava casado com a Tristeza, e que muito embora esta fosse apenas uma noiva estéril, ele a amava mais do que a Beleza. Resposta essa que custou à sua coroa as ricas províncias dos Países Baixos, que, logo após, instigadas pelo Imperador, revoltaram-se contra ele sob a liderança de alguns fanáticos da Igreja Reformadora.

Toda a sua vida de casado, com suas fortes e coloridas alegrias e a terrível agonia de seu final repentino, parecia-lhe voltar à mente naquele dia, enquanto olhava a Infanta a brincar no terraço. Ela tinha todo o jeito petulante da

Rainha, o mesmo modo imperioso de sacudir a cabeça, a mesma boca orgulhosa, curva, bela, o mesmo sorriso maravilhoso quando ocasionalmente levantava os olhos para a janela, ou estendia a mão para que algum imponente nobre espanhol a beijasse. Porém, o riso agudo das crianças irritava seus ouvidos, e a implacável luminosidade do sol fazia pouco de sua tristeza, enquanto um estranho odor de especiarias, tais como as usadas pelos embalsamadores — ou seria sua imaginação? —, parecia tingir o ar da manhã. Ele enterrou o rosto nas mãos, e quando a Infanta tornou a olhar para o alto, as cortinas estavam fechadas, pois o Rei já fora embora.

Ela fez um pequeno movimento de desapontamento, depois deu de ombros. Por certo ele poderia ter ficado, já que era dia de seu aniversário. O que importavam os estúpidos negócios de Estado? Ou teria ele ido para aquela soturna capela onde as velas estavam sempre queimando e na qual ela jamais tinha permissão para entrar? Que bobagem a dele, pois o sol estava brilhando tanto, e todos estavam tão alegres! Além do quê, ele ia perder a tourada "de mentirinha" para a qual a trombeta já estava soando, para não falar do teatrinho de bonecos e das outras maravilhas. Seu tio e o Grande Inquisidor eram muito mais sensatos. Ambos tinham vindo até o terraço e dado parabéns a ela. Então ela virou alegremente a cabecinha e, tomando Dom Pedro pela mão, desceu lentamente os degraus que levavam ao grande pavilhão de seda roxa que fora erigido no fundo do jardim, com as outras crianças seguindo-os segundo a mais estrita ordem de precedência, com os de nome mais comprido indo na frente.

* * *

Uma procissão de meninos nobres, com belíssimas fantasias de toureiros, veio ao seu encontro, e o jovem Conde de Tierra-Nueva, um lindo rapazinho de cerca de catorze anos, tirando-lhe o chapéu com toda a graça de um fidalgo nato e grande de Espanha, conduziu-a solenemente até uma cadeirinha em dourado e marfim, colocada em uma plataforma acima da arena. As crianças agruparam-se em torno da mesma, abanando seus leques, segredando umas com as outras, enquanto Dom Pedro e o Grande Inquisidor ficaram na entrada, rindo. Até a Duquesa — a Camareira-Mor, como era chamada —,

uma mulher magra, com feições duras e uma grande gola armada amarela, não parecia tão mal-humorada quanto de costume, e algo como um gélido sorriso apareceu ligeiramente em seu rosto enrugado e fez tremer seus lábios pálidos.

Aquela foi por certo uma tourada maravilhosa, muito melhor, pensava a Infanta, do que a tourada de verdade que a haviam levado para ver em Sevilha, por ocasião da visita do Duque de Parma a seu pai. Alguns dos meninos espinotearam na arena em cavalinhos de pau ricamente ajaezados, brandindo longas lanças com alegres flâmulas coloridas presas a elas; outros iam a pé, abanando suas capas escarlate diante do touro e saltando com agilidade por cima da barreira quando este os atacava; e quanto ao touro, ele parecia um touro de verdade, muito embora fosse apenas feito de vime e coberto de couro esticado, e por vezes insistisse em correr pela arena só nas patas traseiras, coisa que nenhum touro vivo jamais sonharia fazer. Ele lutou esplendidamente também, e as crianças ficaram tão excitadas que se puseram de pé sobre os bancos e, sacudindo seus lenços de renda, gritavam "Bravo toro! Bravo toro!" com a mesma sensatez que mostrariam se fossem adultos. Mas, afinal, após um prolongado combate, durante o qual vários dos cavalinhos de pau foram chifrados e seus cavaleiros derrubados, o jovem Conde de Tierra-Nueva fez o touro cair de joelhos e, tendo obtido permissão da Infanta para dar o *coup de grâce*, fincou sua espada de madeira no pescoço do animal com tal violência que a cabeça caiu e deixou de fora o rosto sorridente do pequeno Monsieur de Lorraine, filho do Embaixador da França em Madri.

Depois a arena foi limpa entre grandes aplausos, e os cavalinhos mortos arrastados solenemente para fora por dois pajens mouros em librés pretos e amarelos. Após um breve interlúdio, durante o qual um mestre de postura francês apresentou-se andando na corda bamba, marionetes italianas apresentaram a tragédia semiclássica *Sophonisba*, no palco de um pequenino teatro construído com esse propósito. Eles representaram tão bem, seus gestos eram de tal modo naturais, que no final da peça os olhos da Infanta estavam realmente marejados de lágrimas. Para dizer a verdade, algumas das crianças realmente caíram em prantos e tiveram de ser consoladas com docinhos, enquanto o Grande Inquisidor foi tão afetado que não pôde deixar de dizer a Dom Pedro que lhe parecia intolerável que coisas feitas apenas de madeira de

cera colorida, operadas mecanicamente por arames, pudessem sentir-se tão infelizes e enfrentar tamanhos infortúnios.

Seguiu-se um malabarista africano, que entrou trazendo uma grande cesta chata coberta com um pano vermelho e, depois de colocá-la no centro da arena, tirou de seu turbante uma curiosa flauta de bambu e começou a tocá-la. Em poucos momentos o pano começou a se mexer, e à medida que a flauta ia ficando cada vez mais aguda, duas cobras verde e ouro puseram de fora suas cabeças triangulares e lentamente levantaram-se, balançando-se para lá e para cá, acompanhando a música, lembrando flores que se movem ao vento. As crianças, no entanto, ficaram um pouco assustadas diante de suas cabeças malhadas e línguas rapidíssimas e gostaram muito mais quando o mágico fez uma laranjeirazinha mínima aparecer na areia e dar florezinhas brancas e pencas de frutos de verdade; e quando ele tomou o leque da filhinha do Marquês de Las-Torres e transformou-o em um pássaro azul que voou por todo o pavilhão e cantou, seu prazer e espanto ultrapassaram todos os limites. O solene minueto, executado pelos meninos dançarinos da igreja de Nuestra Señora Del Pilar, também foi encantador. A Infanta nunca vira antes essa maravilhosa cerimônia, que tem lugar todos os anos, em maio, defronte ao altar da Virgem e em sua honra. Na verdade, nenhum membro da família real entrara na grande catedral de Saragoça desde que um padre louco, que muitos supunham estivesse à paga de Elizabeth da Inglaterra, tentara dar uma hóstia envenenada ao Príncipe das Astúrias. De modo que a princesa só conhecia a "Dança de Nossa Senhora" por ouvir falar, e sem dúvida era um espetáculo muito bonito. Os meninos usavam trajes de corte antiquados, de veludo branco, e seus curiosos chapéus tricórnios, encimados por imensas plumas de avestruz, bem como a estonteante brancura de seus trajes, quando se moviam ao sol, ficavam ainda mais acentuados por seus rostos morenos e cabelos negros. Todos ficaram fascinados com a grave dignidade com que eles executavam os complicados passos da dança, pela graça elaborada de seus gestos lentos e de suas reverências majestosas. Quando terminaram sua atuação e tiraram seus grandes chapéus de plumas diante da Infanta, ela aceitou suas reverências com grande cortesia, prometendo mandar um grande círio para o oratório de Nossa Senhora do Pilar, como gratidão pelo prazer que ela havia lhe concedido.

Um bando de belos Egípcios — como eram então chamados os ciganos — entrou então na arena sentando-se em círculo, com as pernas cruzadas, e começaram a tocar docemente suas cítaras, movendo seus corpos segundo a melodia e cantarolando, quase inaudíveis, uma canção sonhadora. Ao verem Dom Pedro, eles franziram suas testas, e alguns deles pareceram aterrorizados, pois apenas algumas semanas antes ele mandara enforcar dois membros daquela mesma tribo, por bruxaria, na praça do mercado em Sevilha. Porém, a pequena Infanta os encantou, recostada e espiando-os por cima do leque com seus grandes olhos azuis, dando-lhes a certeza de que ninguém tão linda assim jamais poderia ser cruel com alguém. De modo que eles continuaram a tocar muito delicadamente, mal tocando as cordas de suas cítaras com as pontas de suas longas unhas, e suas cabeças começaram a balançar, como se estivessem adormecendo. Repentinamente, com um grito tão agudo que todas as crianças se assustaram e a mão de Dom Pedro agarrou com mais força o punho de ágata de sua adaga, eles se puseram de pé de um salto e começaram a girar loucamente pela arena, batendo em seus tambores e cantando alguma selvagem canção de amor em sua estranha língua gutural. Depois, com um outro sinal, todos se atiraram no chão e ali ficaram, muito quietos, com o monótono dedilhar das cítaras fazendo o único barulho a romper o silêncio. Depois de terem repetido aquilo várias vezes, eles desapareceram por um momento e voltaram puxando um peludo urso marrom em uma corrente, e trazendo em seus ombros alguns macacos da Barbária. O urso logo pôs-se de cabeça para baixo, muito sério, enquanto os macacos, enrugados, faziam toda espécie de divertida macaquice com dois rapazolas ciganos que pareciam seus donos; lutaram com espadinhas minúsculas, deram tiros com pistolinhas e fizeram ordem unida exatamente como faziam os guardas do Rei. Na verdade, os ciganos foram um tremendo sucesso.

Mas a parte mais engraçada de todos os divertimentos matinais foi, sem sombra de dúvida, a dança do pequeno Anão. Quando ele entrou, meio aos tropeções, na arena, balançando-se em suas pernas tortas e sacudindo sua grande cabeça de um lado para outro, as crianças deram um grito de prazer, e a própria Infanta riu tanto que a Camareira foi obrigada a lembrá-la de que, muito embora existissem inúmeros precedentes de uma filha de Rei chorar diante de seus pares, não havia nenhum de uma Princesa da Casa Real divertir-

se diante de indivíduos inferiores a ela por seu nascimento. O Anão, no entanto, era realmente irresistível, e até na Corte de Espanha, sempre conhecida por sua cultivada paixão pelo horrível, um monstrinho assim tão fantástico jamais fora visto. Era sua primeira aparição, a bem dizer. Ele fora descoberto apenas na véspera, correndo selvagem pela floresta, por dois nobres que por acaso estavam caçando em um recanto distante da floresta de sobreiros que envolvia a cidade, sendo carregado por estes para o Palácio, como surpresa para a Infanta. O pai do anão, que era um pobre carvoeiro, ficou até muito satisfeito de se livrar de um filho tão feio e inútil. Talvez a coisa mais divertida nele fosse a total falta de consciência do grotesco de sua própria aparência. Na verdade, ele parecia muito feliz e com uma energia infindável. Quando as crianças riram, ele riu com a mesma alegria que elas, e no final de cada dança fazia diante de cada menino ou menina os mais hilariantes cumprimentos, sorrindo e acenando com a cabeça como se fosse realmente da idade deles, e não apenas uma coisinha disforme que a Natureza, em momento de capricho, criara para que os outros dele caçoassem. Quanto à Infanta, ela o fascinou completamente. Mal conseguia tirar os olhos da garota e parecia dançar apenas para ela. No final da apresentação, lembrando-se de como vira as grandes damas da Corte atirarem buquês para Caffarelli — o famoso tenorino italiano que o Papa enviara de sua própria capela até Madri para ver se curava a melancolia do Rei com a doçura de sua voz —, ela tirou de seus cabelos a linda rosa branca e, em parte por brincadeira, em parte para aborrecer a Camareira, atirou-a para o anão no meio da arena, com seu mais doce sorriso. Ele encarou o gesto com a maior seriedade e, apertando a flor contra seus lábios grosseiros, pousou a mão no coração e deixou-se cair em frente a ela, sorrindo de orelha a orelha e com os olhos brilhando de prazer.

Tudo isso perturbou de tal modo a solenidade da Infanta que esta continuou rindo muito depois de ele haver saído correndo da arena, expressando ao tio seu desejo de ter a dança imediatamente repetida. A Camareira, no entanto, argumentando que o sol estava quente demais, resolveu que seria melhor Sua Alteza voltar imediatamente para o Palácio, onde um banquete maravilhoso fora preparado para ela, inclusive um bolo de aniversário real, com as iniciais da Princesa confeitadas com açúcar colorido e uma bandeirinha de prata esvoaçando no alto. A Infanta, seguindo as regras,

levantou-se com grande dignidade e, tendo ordenado que o Anãozinho dançasse de novo para ela após a hora da *siesta*, e expressado seus agradecimentos ao jovem Conde de Tierra-Nueva pela encantadora recepção, voltou ao Palácio, com todas as crianças seguindo-a na mesma ordem em que haviam saído.

* * *

Quando o Anãozinho soube que devia dançar outra vez diante da Infanta, e por ordem expressa desta, sentiu tanto orgulho que saiu correndo para o jardim, beijando a rosa branca com imenso êxtase de alegria e fazendo os mais desajeitados e desastrados gestos de prazer.

As flores ficaram indignadas com a ousadia dele de se intrometer em sua bela residência, e quando o viram saracoteando pelos passeios e sacudindo os braços acima da cabeça de forma tão ridícula, não puderam mais controlar seus sentimentos.

— Ele é realmente feio demais para ter permissão de brincar em qualquer lugar onde nós estejamos — gritaram as Tulipas.

— Ele deveria beber suco de papoula e dormir por mil anos — disse um dos grandes Lírios escarlate, muito acalorado e zangado.

— Ele é um perfeito horror! — guinchou o Cactus. — É todo torto e deformado, e sua cabeça é completamente fora de proporção em relação às pernas. Eu me sinto todo espetadinho, e, se ele se aproximar de mim, enfio-lhe alguns de meus espinhos.

— E ele efetivamente está com uma de minhas mais belas flores — exclamou a Roseira Branca. — Eu a dei pessoalmente à Infanta hoje de manhã, como presente de aniversário, e ele a roubou dela. — E começou a gritar o mais alto que podia: — Ladrão! Ladrão! Ladrão!

Até os Gerânios vermelhos, normalmente nada dados a ares de superioridade, e sabidamente cheios de parentes pobres, enroscaram-se com repugnância ao vê-lo, e quando as Violetas humildemente comentaram que muito embora ele sem dúvida fosse bastante feioso, isso não era culpa dele, todos responderam com muita justiça que esse era seu principal defeito, e que não haveria razão para qualquer um admirar uma pessoa só porque ela era

incurável; e na verdade até mesmo algumas das Violetas admitiram que a feiura do Anão até parecia ostentação, e que ele mostraria mais bom gosto se tivesse semblante triste, ou ao menos pensativo, ao invés de ficar espinoteando alegre e se atirar aqui e ali em poses grotescas e tolas.

Quanto ao velho Relógio de Sol, que era um indivíduo notabilíssimo, e havia informado as horas a ninguém menos que o próprio Imperador Carlos V, ficara de tal modo atônito com o aparecimento do Anãozinho que quase esqueceu de marcar dois minutos inteiros com seu longo dedo de sombra, e não pôde deixar de comentar com o Pavão Branco, que estava tomando banho de sol na balaustrada, que todo mundo sabia que os filhos de Reis eram Reis, e os filhos de carvoeiros, carvoeiros, e que era um absurdo ficar inventando que não era assim; afirmação essa com a qual concordou integralmente o Pavão Branco, gritando ainda "Certamente, certamente", com voz tão alta e esganiçada que os Peixes-Dourados que viviam na bacia da saltitante e fresca fonte puseram as cabeças para o lado de fora da água e perguntaram ao enorme Tritão de pedra o que é que estava acontecendo.

Mas por alguma razão os passarinhos gostaram dele. Eles já o haviam visto várias vezes na floresta, dançando como um duende no meio das folhas em redemoinho, ou encolhido no buraco do tronco de algum velho carvalho, compartilhando suas nozes com os esquilos. Eles não se importavam de todo que ele fosse feio. Ora essa, até o próprio Rouxinol, que cantava com tamanha doçura nos laranjais à noite que às vezes a Lua se inclinava para escutar, não era lá grande coisa de se olhar; e, afinal, ele fora bondoso para com eles durante o amargo inverno, quando não havia frutinhas nas árvores e a terra ficava dura como ferro, e os lobos chegavam até praticamente as portas da cidade para procurar comida, pois nunca se esquecera deles, dando-lhes sempre as migalhas de seu pedacinho de pão preto, compartilhando com eles sua refeição da manhã, por mais pobre que ela fosse.

Por isso eles voaram à sua volta, tocando bem de leve seu rosto com as asas ao passarem, e conversaram muito. O Anãozinho ficou tão contente que não pôde deixar de mostrar a eles a linda rosa branca e contar-lhes que a própria Infanta é que havia dado a ele, porque o amava.

Eles não compreenderam uma só palavra do que ele estava dizendo, porém isso não tinha a menor importância, já que inclinavam as cabecinhas para um

lado e ficavam com ar excepcionalmente sábio, o que é tão bom quanto compreender qualquer coisa, e muito mais fácil.

Os lagartos também gostaram logo dele, e quando o amigo se cansou de correr e se atirou no chão para descansar, eles brincaram e pularam sobre ele, e tentaram diverti-lo o mais que podiam.

— Nem todos podem ser tão lindos quanto um lagarto — gritavam eles. — Isso seria esperar demais. E, muito embora pareça absurdo dizer uma coisa dessas, ele afinal de contas não é tão feio assim, desde que a gente feche os olhos e não olhe.

Os lagartos eram filosóficos por natureza, e muitas vezes ficavam horas sentados, pensando, quando não havia mais nada para fazer, ou quando estava muito chuvoso e eles não podiam sair.

As flores, entretanto, ficaram excessivamente incomodadas com o comportamento deles, como com o dos passarinhos.

— Só serve para mostrar como essa história de correr e voar sem parar sempre conduz à vulgaridade — disseram. — Gente bem-educada sempre fica exatamente no mesmo lugar, como nós. Ninguém jamais nos viu pular para cima e para baixo nos passeios, ou galopando como loucas pela relva atrás de libélulas. Quando queremos mudar de ares, mandamos chamar o jardineiro, e ele nos carrega para outro canteiro. Isso é digno e exatamente como deveria ser. Mas os passarinhos e os lagartos não têm a menor noção de repouso, e os passarinhos, aliás, não têm sequer residência fixa. São migrantes como os ciganos, e devem receber o mesmo tipo de tratamento.

Empinaram seus narizes, fazendo caras de grande superioridade, e ficaram encantadas quando, depois de certo tempo, viram o Anãozinho levantar-se da relva e caminhar na direção do Palácio.

— Não há dúvida de que ele deve permanecer trancado dentro de casa pelo resto de sua vida — disseram elas. — Olhem só a corcunda dele, e suas pernas tortas. — E começaram a dar uns risinhos entre si.

Mas o Anãozinho não ficou sabendo de nada disso. Ele gostava muito dos passarinhos e dos lagartos, e achava que as flores eram a coisa mais maravilhosa do mundo, a não ser, é claro, a Infanta, mas esta tinha dado a ele uma linda rosa branca e o amava, o que fazia uma enorme diferença.

Como ele gostaria de ter entrado junto com ela! Ela o teria sentado à sua direita e sorrido para ele, que não sairia nem por um instante do seu lado, fazendo dela sua companheira de brincadeiras, ensinando-lhe toda espécie de truque encantador. Pois muito embora ele jamais tivesse estado antes no interior de um palácio, sabia de muitas coisas maravilhosas. Ele sabia fazer gaiolinhas com fios de junco nas quais podiam cantar os grilos, e transformar os longos bambus na flauta que Pã gostava de ouvir. Ele conhecia o canto de todos os pássaros e conseguia chamar o estorninho do topo da árvore e a garça do lago. Ele conhecia as trilhas de todos os animais, sabia seguir um coelho por suas pegadas delicadas, o javali pelas folhas pisadas. Conhecia todas as danças selvagens, a dança louca de roupa vermelha que se dança no outono, a dança ligeira com sandálias azuis em cima do trigo, e a dança com guirlandas de neve do inverno, e a dança da florada, que é dançada nos pomares na primavera. Ele sabia onde as pombas-rolas faziam seus ninhos, e certa vez que o passarinheiro aprisionara um casal, ele mesmo criara os filhotes, construindo um pombalzinho para eles na forquilha de um elmo. Eles eram mansinhos e comiam na mão dele todo dia de manhã. Ela iria gostar deles, e dos coelhos que corriam em meio às samambaias selvagens, e dos gaios, com suas penas parecendo aço e seus bicos pretos, e dos ouriços-cacheiros que se transformavam em uma bolinha de espetos, e das grandes e sábias tartarugas que se arrastam lentamente enquanto sacodem as cabeças e mordiscam as folhas mais novinhas. Era isso mesmo, ela teria de ir com ele brincar na floresta. Ele lhe daria sua própria caminha, e ficaria olhando a noite toda pela janela, para ter a certeza de que o gado selvagem e chifrudo não a molestaria, e que os lobos famintos não chegariam muito perto da cabana. E de madrugada ele bateria na janela para acordá-la, e eles sairiam juntos para dançar o dia inteiro. Para falar a verdade, a floresta não era nem um pouquinho solitária. Às vezes um Bispo a atravessava, montado em uma mula branca, lendo um livro muito colorido. Às vezes, com seus gorros de veludo verde e suas blusas de pele de veado curtida, passavam os falcoeiros, com falcões encapuçados no punho. Na época da vindima, chegavam os amassadores de uvas, com mãos e pés roxos, coroados de hera brilhante e carregando odres de vinho; e os carvoeiros sentavam-se à noite em torno de imensas fogueiras, olhando as toras secas virarem lentamente cinzas no fogo, torrando castanhas nas brasas, enquanto os

ladrões saíam de suas cavernas e vinham se divertir junto com eles. Uma vez, ele vira uma linda procissão serpenteando pela longa e empoeirada estrada para Toledo. Dois monges iam na frente, cantando docemente e carregando brilhantes estandartes e cruzes de ouro, e, a seguir, com armaduras de prata, arcabuzes e lanças, vinham os soldados, enquanto no meio deles caminhavam três homens descalços, com estranhas túnicas amarelas, todas cobertas de figuras maravilhosas, e carregando velas acesas em suas mãos. Por certo que havia muita coisa para se ver na floresta, e quando a Infanta se cansasse ele haveria de encontrar um bom encosto de musgo para ela, ou de carregá-la nos braços, já que ele era muito forte, embora soubesse que não era muito alto. Ele lhe faria um colar de rubros bagos de briônia, que seriam exatamente tão lindos quanto aqueles baguinhos que ela usava pendurados no vestido, e quando ela se cansasse deles, poderia jogá-los fora, porque ele lhe acharia outros. E ainda lhe traria taças de bolotas e anêmonas encharcadas de orvalho, e vaga-lumes pequeninos para serem estrelas no ouro de seus cabelos.

Mas aonde estava ela? Ele perguntou à rosa branca, que não respondeu. Todo o Palácio parecia adormecido, e até mesmo onde as venezianas não haviam sido fechadas, pesadas cortinas estavam cerradas a fim de impedir a entrada daquela luz brilhante. Ele andou por toda parte procurando algum ponto pelo qual pudesse entrar, e finalmente encontrou uma portinha particular que ficara aberta. Deslizou para dentro e viu-se em esplêndido salão, muito mais esplêndido, temeu ele, que a floresta, porque havia muito mais dourado por todo lado, e até mesmo o chão era feito de pedras coloridas e enormes, arrumadas em uma espécie de desenho geométrico. Mas a pequena Infanta não estava lá, só algumas estátuas branquíssimas que baixavam seus olhos para ele lá do alto de seus pedestais de jaspe, olhos sem expressão acima de lábios estranhamente sorridentes.

No fundo do salão estava pendurada uma cortina de veludo negro pesadamente rebordada, salpicada de sóis e estrelas, os ornamentos favoritos do Rei, aplicados sobre a cor que ele mais gostava. Será que ela podia estar escondida atrás daquilo? Bem, ele ia pelo menos tentar.

Ele foi avançando, bem quietinho, e afastou a cortina para um lado. Não, atrás só havia um outro salão, muito embora ainda mais bonito do que o outro, que acabara de deixar. As paredes eram forradas por tapeçaria de *gros*

point, cheias de figuras que representavam uma cena de caça, obra de uns artistas flamengos que passaram mais de sete anos a elaborá-la. Ela estivera, outrora, no quarto de Jean le Fou, como era chamado o Rei louco que tinha tal paixão pela caça que em seu delírio várias vezes tentara montar naqueles imensos cavalos empinados, ou derrubar a corça que os grandes cães estavam amarrando, tocar sua trompa de caça e furar com sua adaga o pálido veado em fuga. Atualmente ela era usada na sala do conselho, e na mesa ao centro estavam pousadas as pastas vermelhas dos ministros, marcadas com as tulipas de ouro da Espanha e com as armas e os emblemas da casa dos Hapsburgos.

O Anãozinho ficou deslumbrado olhando para tudo em volta dele, meio amedrontado de continuar. Os estranhos cavaleiros silenciosos, que tão rapidamente galopavam pelos longos vales sem fazer qualquer ruído, pareciam-se com aqueles terríveis fantasmas de que falavam os carvoeiros, os Comprachos, que só caçam de noite, e se encontram algum homem, transformam-no em corça e perseguem-no. Mas, pensando na linda Infanta, ele tomou coragem. Ele queria encontrá-la sozinha, para dizer-lhe que a amava. Quem sabe ela estaria na sala que vinha a seguir.

Ele correu, pisando nos suaves tapetes mouriscos, e abriu a porta. Não! Não estava lá, tampouco. A sala estava inteiramente vazia.

Era a Sala do Trono, usada para receber embaixadores estrangeiros, quando o Rei, o que não era muito comum ultimamente, consentia em conceder-lhes audiência particular; era a mesma sala na qual, muitos anos antes, apareceram enviados da Inglaterra para negociar o casamento de sua Rainha, então uma das soberanas católicas da Europa, com o filho mais velho do Imperador. Os reposteiros eram de couro cordovês dourado, enquanto um pesado candelabro de ouro, com braços para trezentas velas de cera, pendia do teto preto e branco. Sob um grande docel de lamê dourado, no qual os leões e as torres de Castela estavam bordados com pérolas de arroz, estava o próprio trono, coberto com rico manto de veludo negro crivado de tulipas prateadas e com elaborada franja em pérolas e prata. No segundo degrau do trono estava colocado o genuflexório da Infanta, com sua almofada de lamê prateado, e abaixo deste, para além dos limites do docel, ficava a cadeira para o Núncio Papal, único a ter o direito de se sentar na presença do Rei em ocasiões de cerimônia pública, e cujo chapéu cardinálico, com suas rubras borlas entrelaçadas, estava pousado

sobre um tamborete roxo em frente a ela. Na parede defronte ao trono estava pendurado um retrato a óleo, de tamanho natural, de Carlos V em trajes de caça, com um grande mastim a seu lado e ainda outro, de Felipe II recebendo as homenagens dos Países Baixos, ocupava o centro da outra parede. Entre as janelas, um armário de ébano, incrustado com chapas de marfim, no qual figuras tiradas da Dança da Morte, de Holbein, haviam sido gravadas pela mão, diziam alguns, do próprio mestre famoso.

Mas o Anãozinho pouco se importou com todo aquele luxo. Ele não daria sua rosa por todas as pérolas do docel, e nem sequer uma única pétala pelo próprio trono. O que queria era ver a Infanta antes de ela descer para o pavilhão e pedir-lhe que fosse com ele, quando acabasse de dançar. Aqui, no palácio, o ar era abafado e pesado, mas na floresta o vento soprava livremente, e a luz do sol afastava as folhas trêmulas com inquietas mãos douradas. Na floresta também há flores, talvez não tão esplendorosas quanto as de um jardim, porém de perfume ainda mais doce; jacintos, que no início da primavera inundam os frescos vales e as encostas de relva com ondas roxas; margaridas amarelas que se aninham em pequenas moitas em torno das contorcidas raízes do carvalho; brilhantes celidônias, verônicas azuis e íris violetas. Há amentilhos cinzentos nas avelãzeiras, e as dedaleiras pendem com o peso de suas células malhadas que as abelhas tanto gostam. As castanhas têm suas espiras de estrelas brancas, e o pilriteiro, suas pálidas luas de beleza. Não há dúvida: ela por certo iria com ele, se ao menos a pudesse encontrar! Ela iria com ele para a bela floresta, e ele dançaria os dias inteiros para deleitá-la. Um sorriso iluminou seus olhos ante tal pensamento, e ele entrou na sala seguinte.

De todas elas, essa era a mais brilhante e bela. As paredes eram forradas com damasco de Lucca todo de flores cor-de-rosa, enfeitado com passarinhos e salpicado de mínimas florezinhas prateadas; o mobiliário era de prata maciça, decorada com guirlandas floridas e Cupidos dançantes; defronte das duas grandes lareiras ficavam dois biombos bordados com papagaios e pavões, enquanto o chão, que era de ônix verde-mar, parecia perder-se na distância. E ele não estava sozinho. De pé junto à sombra de uma porta, no outro lado da sala, ele viu uma figurinha que o observava. Seu coração estremeceu, um grito de alegria escapou-lhe dos lábios, e ele saiu para a luz do sol. Quando o fez, a figura também se moveu, e ele pôde vê-la claramente.

A Infanta! Era um monstro, o monstro mais grotesco que ele vira em toda a sua vida. Não era formado corretamente como eram todas as outras pessoas, mas corcunda, com as pernas e os braços tortos, e uma cabeça enorme, com vasta juba de cabelo preto. O Anãozinho franziu o cenho, e o monstro também franziu o seu. Ele riu, e o outro riu com ele, pousando as mãos nos quadris, como ele mesmo estava fazendo. Ele fez uma reverência debochada, e ele a devolveu com cumprimento igual. Ele se encaminhou para o monstro, e este veio encontrá-lo, copiando cada passo seu e parando sempre que ele parava. Ele gritou, divertido, e correu para a frente e esticou a mão, e a mão do monstro tocou a dele, fria como gelo. Ele ficou com medo, e moveu a mão de um lado para outro, para impedi-lo, porém a mão do monstro a seguiu na mesma velocidade. Ele tentou ir adiante, mas alguma coisa lisa e dura o impediu. O rosto do monstro agora estava bem próximo ao dele, e parecia aterrorizado. Ele afastou o cabelo dos olhos. O monstro o imitou. Ele o agrediu, e o outro devolveu todos os golpes. Ele sentiu horror àquele que via, e este o expressou com suas caretas. Ele se afastou, e o monstro também.

O que seria aquilo? Ele pensou um pouco e olhou o resto da sala. Era estranho, mas tudo parecia ser duplo naquela parede invisível de água transparente. Isso mesmo, todos os quadros, todos os sofás. O Fauno adormecido da alcova junto à porta tinha seu irmão gêmeo adormecido, e a Vênus de prata que recebia a luz do sol estendia os braços para outra Vênus tão linda quanto ela.

Seria Eco? Ele o chamara certa vez no vale, e ele respondera palavra por palavra. Será que ele podia enganar os olhos, assim como imitava a voz? Será que podia fazer uma mímica do mundo igualzinha ao mundo real? Será que as sombras das coisas podiam ter cor e vida e movimento? Seria possível que…?

Ele, de repente, tirou do peito a linda rosa branca, virou-se e beijou-a. O monstro tinha uma rosa como a dele, todas as pétalas eram iguaizinhas! Ele a beijou com pequenos beijinhos e apertou-a de encontro ao coração, com gestos horrendos.

Quando a verdade despontou dentro dele, o Anãozinho soltou um grito louco de desespero e caiu no chão aos prantos. Era ele, então, que era deformado, corcunda, repugnante ao olhar, e grotesco. Era ele mesmo o monstro, e era dele que todas aquelas crianças estavam rindo, e a Princesinha,

que ele pensava que o amava, também ela estivera caçoando de sua feiura e se divertindo à custa de seus membros retorcidos. Por que não o haviam deixado na floresta, onde não havia espelhos que lhe dissessem o quanto ele era repulsivo? Por que seu pai não o matara, em vez de vendê-lo, para passar essa vergonha? Lágrimas quentes escorreram por suas faces, e ele despedaçou a rosa branca. O monstro horrendo fez o mesmo e espalhou as pétalas pelo ar. Ele se debateu no chão e, quando o Anãozinho o encarou, ele o olhou com um rosto marcado pela dor. O Anãozinho arrastou-se para longe, para não vê-lo, e cobriu os olhos com as mãos. E continuou a se arrastar, como que ferido, até chegar à sombra, onde ficou caído, gemendo.

Naquele instante a própria Infanta entrou com seus amigos pela porta do jardim, e ao verem o feio Anão caído no chão e batendo no assoalho com seus punhos cerrados, do modo mais fantástico e exagerado, ficaram aos gritos e risos de alegria, parando todos em torno do Anãozinho, para observá-lo.

— Quando ele dançou foi muito engraçado — disse a Infanta —, mas o que está fazendo agora é muito mais engraçado. Para falar a verdade, ele é quase tão bom quanto as marionetes, só que, é claro, não parece tão natural. — E, depois de agitar seu grande leque de plumas, ela aplaudiu.

Mas o Anãozinho não levantou os olhos, e seus soluços foram ficando cada vez mais fracos, até de repente ele soltar um suspiro estranho e agarrar seu flanco com a mão. Depois disso, ele tornou a cair e ficou muito quieto.

— Isso foi ótimo — disse a Infanta, após uma pausa. — Mas agora você tem de dançar para mim.

— Isso! — gritaram as crianças. — Você tem de levantar e dançar, porque você é tão esperto quanto um macaco da Barbária, e muito mais ridículo.

Mas o Anãozinho não reagiu.

E a Infanta bateu o pé, e chamou seu tio, que estava passeando no terraço com o Tesoureiro, lendo uns despachos que chegaram do México, onde o Santo Ofício acabava de ser instalado.

— Meu Anãozinho engraçado está emburrado — gritou ela. — O senhor tem de despertá-lo e dizer-lhe que dance para mim.

Os dois homens sorriram um para o outro e entraram logo. Dom Pedro abaixou-se e deu um tapa no rosto do Anão com sua luva bordada.

— Você precisa dançar, *petit monstre* — disse ele. Tem de dançar. A Infanta de Espanha e das Índias deseja se divertir.

Mas o Anãozinho não se mexeu.

— É preciso mandar buscar um Mestre-Chicoteador — disse Dom Pedro, entediado, enquanto voltava para o terraço.

Porém o Tesoureiro ficou com um ar grave, ajoelhou-se junto ao Anãozinho e sentiu-lhe o coração com a mão. Após alguns instantes, ele deu de ombros, levantou-se e, depois de fazer uma profunda reverência, disse:

— Mi bella Princesa, seu Anãozinho engraçado jamais tornará a dançar. É uma pena, pois ele é tão feio que talvez pudesse fazer o Rei sorrir.

— Mas por que não haveria ele de dançar de novo? — perguntou a Infanta, rindo.

— Porque seu coração partiu-se — respondeu o Tesoureiro.

E a Infanta franziu o cenho, enquanto seus delicados lábios cor-de-rosa comprimiam-se com desdém.

— No futuro, os que vierem brincar comigo não devem ter coração — gritou ela, e saiu correndo para o jardim.

O Filho da Estrela

Era uma vez dois pobres Lenhadores que estavam indo para casa através de uma grande floresta de pinheiros. Era inverno, e fazia um frio terrível. A neve estava alta no chão e recobria os ramos das árvores; o gelo ia estourando os raminhos mais tenros enquanto os homens passavam; e quando chegaram à Torrente da Montanha, ela estava pairando no ar, imóvel, pois o Rei do Gelo já a beijara.

O frio era tão intenso que nem mesmo os animais e os pássaros sabiam o que pensar.

— Uuuhh! — rosnou o Lobo, enquanto capengava entre as plantas rasteiras, com o rabo entre as pernas. — Isso é o que eu chamo de tempo realmente péssimo. Por que será que o Governo não faz alguma coisa?

— Piu! Piu! Piu! — chilrearam os Pintarroxos. — A velha Terra morreu e foi embrulhada em uma mortalha branca.

— A Terra vai se casar, e esse é seu vestido de noiva — sussurrou uma Pomba-rola para outra.

Seus pezinhos cor-de-rosa estavam congelados, mas as pombas achavam que era seu dever encarar tudo com certo romantismo.

— Que bobagem! — grunhiu o Lobo. — Estou dizendo que é culpa do Governo, e se não me acreditarem, eu as comerei.

O Lobo sempre tomava atitudes muito práticas e jamais deixou de encontrar bons argumentos.

— Bom, de minha parte — disse o Pica-pau, um filósofo nato —, não procuro teorias atômicas para minhas explicações. Quando uma coisa é assim, ela é assim mesmo e, no momento, elas estão muito frias.

E estava terrivelmente frio. Os Esquilinhos, que viviam dentro de um pinheiro muito alto, ficavam esfregando seus narizes uns nos outros para se esquentarem, e os Coelhos se enrolavam em suas tocas, sem ousar sequer olhar para fora. As únicas que pareciam estar se divertindo eram as grandes Corujas

chifrudas. Suas penas estavam durinhas com a geada, mas elas não se importavam, e virando seus grandes olhos amarelos, chamavam umas às outras pela floresta:

— Tu-uit! Tu-ú! Tu-uit! Tu-ú! Que tempo ótimo está fazendo!

E lá iam os dois Lenhadores, soprando com força os dedos, e batendo com suas enormes botas ferradas na neve congelada. Uma vez eles caíram num monte de neve mais fundo e saíram parecendo dois moleiros quando moem farinha e ficam todos brancos, e outra vez escorregaram no gelo liso da água congelada dos pântanos, a lenha caiu dos feixes, e eles tiveram de apanhá-la e tornar a amarrá-la; e ainda uma outra vez pensaram que estivessem perdidos e ficaram apavorados, pois sabiam o quanto a Neve é cruel para com aqueles que dormem em seus braços. Mas continuaram confiando no bom São Martinho, que zela pelos viajantes, voltaram atrás pisando nas próprias pegadas e começaram a andar com muita cautela, até chegarem à fímbria da floresta e verem, lá embaixo no vale, as luzes da aldeia onde moravam.

Eles ficaram tão contentes de se salvarem que riram alto, e a Terra pareceu-lhes uma flor de prata, e a Lua, uma flor de ouro.

No entanto, depois eles ficaram tristes, pois se lembraram do quanto eram pobres, e um disse ao outro:

— Por que nos alegramos, se a vida é para os ricos e não para gente como nós? Melhor seria se tivéssemos morrido de frio na floresta, ou que alguma fera selvagem nos tivesse atacado e nos matado.

— É verdade que alguns têm muito, enquanto outros têm pouco — respondeu seu companheiro. — A injustiça é distribuída por todo mundo, e não há divisão equitativa de nada, a não ser de tristeza.

Mas, enquanto se queixavam de sua miséria, aconteceu uma coisa estranha. Caiu do céu uma estrela muito brilhante e muito bonita. Ela escorregou pelo lado do céu, passando por outras estrelas em seu caminho, e enquanto os dois a observavam deslumbrados, ela pareceu-lhes cair atrás de uma moita de chorões que ficava bem junto a um aprisco não mais distante do que o alcance de uma pedra que arremessassem.

— Ora! Eis ali uma pilha de ouro para aquele que a achar! — gritaram eles, e saíram correndo, de tal modo ansiavam eles pelo ouro.

Um deles correu mais rápido do que o outro e passou-lhe a frente, forçando seu caminho pelos chorões até que saiu do outro lado, onde — que surpresa! — realmente havia uma coisa dourada na neve branca. Então ele correu e, curvando-se, pôs as duas mãos em cima dela: era um manto de tecido dourado, curiosamente bordado com estrelas e enrolado com muitas dobras. Ele gritou para seu companheiro que encontrara o tesouro caído do céu, e quando o camarada chegou, ambos ficaram sentados no chão e foram soltando as dobras do manto, a fim de dividirem as moedas de ouro. Mas ai!, não havia lá dentro nem ouro, nem prata, nem tesouro de espécie alguma, mas apenas uma criancinha adormecida.

Disseram então um ao outro:

— Esse é um final amargo para nossas esperanças, e nem sequer boa fortuna nós temos, pois que adianta uma criança a um homem? Vamos deixá-la aqui e continuar nosso caminho, pois nós somos pobres e já temos nossos próprios filhos, cujo pão não podemos dar a outros.

Mas seu companheiro respondeu:

— Não, é um ato de maldade deixar a criança para morrer aqui na neve, e muito embora eu seja tão pobre quanto você, e tenha muitas bocas para alimentar, e muito pouco na panela, mesmo assim eu o levarei para casa, e minha mulher há de cuidar dele.

E com muito carinho pegou a criança, enrolou o manto em volta dela para protegê-la do vento impiedoso e foi descendo a colina para a aldeia, com seu camarada espantado diante de sua imensa tolice e da moleza de seu coração.

Quando chegaram à aldeia, o camarada disse:

— Você ficou com a criança, então me dê o manto, pois é justo que compartilhemos tudo.

Porém o outro respondeu:

— Não, pois o manto não é nem seu nem meu, mas da própria criança. — E desejando-lhe que fosse com Deus, foi para sua casa e bateu à porta.

Quando sua mulher abriu e viu que o marido voltara para casa a salvo, ela jogou os braços em torno do pescoço dele e o beijou, tirou-lhe das costas o feixe de lenha, limpando a neve de suas botas e pediu-lhe que entrasse.

Porém ele disse a ela:

— Encontrei uma coisa na floresta e trouxe para que você cuide dela. — E não arredou pé da soleira da porta.

— O que é? — exclamou ela. — Mostre-me, pois a casa está vazia e temos necessidade de muitas coisas.

E ele, atirando o manto para as costas, mostrou-lhe a criança adormecida.

— Ai, marido! — murmurou ela. — Será que já não temos bastantes filhos, e você ainda precisa trazer um enjeitadinho para nossa lareira? Quem sabe se ele não pode nos trazer má sorte? Quem zelará por nós? E quem nos alimentará?

— Ora, Deus cuida até dos pardais e os alimenta — respondeu ele.

— E os pardais não morrem de fome no inverno? — perguntou a mulher. — E não é inverno agora? — E o marido não respondeu nada, mas não arredou pé da soleira da porta.

Um vento cortante entrou pela porta aberta, fazendo a mulher tremer. Ela teve um arrepio e disse:

— Por que não fecha essa porta? O vento que entra está gelado, e eu estou com frio.

— Na casa em que o coração é duro não é sempre gelado o vento? — perguntou ele.

A mulher não respondeu nada, mas chegou mais perto do fogo.

Depois de algum tempo ela olhou para ele, com os olhos marejados de lágrimas, e ele logo entrou e colocou a criança nos braços dela; ela a beijou, colocando-a na caminha onde estava deitado o caçula do casal. Na manhã seguinte, o Lenhador pegou o curioso manto dourado e colocou-o em uma grande arca; também guardou um grande fio de contas de âmbar que estava no pescoço da criança.

* * *

E, assim, o Filho da Estrela foi criado com os filhos do Lenhador, sentando-se à mesma mesa que eles, sendo seu companheiro de brincadeiras.

A cada ano ele ficava mais bonito, de modo que todos os que moravam na aldeia ficavam maravilhados, pois enquanto os outros eram morenos de cabelos negros, ele era branco e delicado como marfim lavrado, e seus cachos pareciam

pétalas de junquilhos. Seus lábios também pareciam pétalas de alguma flor rubra, e seus olhos eram como violetas que nascem junto ao regato de água pura, e seu corpo era como o narciso que cresce no campo onde não chega a foice.

Porém essa beleza o fez mau, pois tornou-o orgulhoso, cruel e egoísta. Os filhos do Lenhador e as outras crianças da aldeia ele desprezava, dizendo que eram de pais humildes, enquanto ele era nobre, já que nascera de uma Estrela; e por isso dizia-se amo de todos eles, tratando-os como seus servos. Não tinha piedade para com os pobres, ou os que eram cegos, aleijados, ou de algum modo deficientes, antes atirando pedras neles para espantá-los em direção à estrada, dizendo-lhe que fossem mendigar seu pão em outra parte. De modo que ninguém, a não ser os bandidos, costumava vir à aldeia para pedir esmolas. Ele parecia, na verdade, enamorado da beleza, debochando dos fracos e feios, menosprezando-os de todo modo. Mas amava a si mesmo, e no verão, quando não havia vento, ficava deitado junto ao poço do pomar do padre, olhando para o fundo a fim de ver seu próprio rosto, rindo do prazer que sentia em ser tão belo.

Muitas vezes o Lenhador e sua mulher o repreenderam, dizendo:

— Nós não o tratamos como você trata os outros que estão desamparados e não têm quem os socorra. Por que razão é tão cruel para com todos aqueles que precisam de piedade?

Mas o Filho da Estrela não dava atenção às suas palavras, e franzindo a testa e fazendo um muxoxo, voltava para a companhia dos outros meninos, para ser o chefe. Seus companheiros o seguiam, pois ele era lindo, rápido na corrida, sabia dançar, tocar flauta e fazer música. Onde quer que o Filho da Estrela os levasse, eles o seguiam, e o que quer que o Filho da Estrela lhes mandasse fazer, eles faziam. Quando ele furava com um junco pontudo os olhos da toupeira, eles riam; e quando ele atirava pedras em algum leproso, eles também riam. Em todas as coisas era ele quem os guiava, e seus corações foram ficando tão duros quanto o dele.

Certo dia passou pela aldeia uma pobre mendiga. Suas roupas estavam rasgadas e estragadas, seus pés sangravam por causa das más condições da estrada por onde viajara, e estava realmente em péssima situação. Estando

muito cansada, ela se sentou debaixo da castanheira para descansar. Mas quando o Filho da Estrela a viu, disse a seus companheiros:

— Olhem! Lá está sentada uma mendiga imunda debaixo daquela linda castanheira, com suas folhas verdes. Venham, vamos expulsá-la daqui, pois é feia e mal-ajambrada.

Então ele se aproximou, atirou-lhe umas pedras e caçoou dela; ela ficou apavorada, mas nem por um instante tirou dele o seu olhar. Quando o Lenhador, que estava cortando lenhas ali por perto, viu o que o Filho da Estrela estava fazendo, veio correndo e repreendeu-o, dizendo:

— Você tem mesmo um coração de pedra e não sabe o que é a piedade, pois que mal lhe fez essa pobre mulher para que você a trate desse modo?

O Filho da Estrela ficou rubro de raiva, bateu com o pé no chão e disse:

— Quem é você para questionar o que eu faço? Eu não sou seu filho para ter de lhe obedecer.

— É verdade — respondeu o Lenhador —, mas eu tive pena de você quando o encontrei na floresta.

Quando a mendiga ouviu essas palavras, deu um grito e caiu desmaiada. O Lenhador carregou-a para sua casa, sua mulher cuidou dela, e quando ela voltou a si do desmaio eles puseram comida e bebida na frente dela e disseram que se reconfortasse.

Sem querer comer nem beber, disse ela ao Lenhador:

— O senhor não disse que a criança foi achada na floresta? E não faz hoje exatamente dez anos?

Então disse o Lenhador:

— Sim, foi na floresta que o encontrei, e faz hoje exatamente dez anos.

— E que sinais encontrou com ele? — gritou ela. — Não trazia ele no pescoço um colar de âmbar? Não estava ele enrolado em manta de tecido de ouro bordado com estrelas?

— É verdade — respondeu o Lenhador —, foi exatamente assim como disse. — E, pegando o colar e a manta na arca, mostrou-os a ela.

Ao vê-los ela chorou de alegria e disse:

— Ele é o meu filhinho que perdi na floresta. Peço-lhe que mande logo chamá-lo, pois eu tenho andado por todo o mundo à procura dele.

Então o Lenhador e sua mulher saíram e chamaram o Filho da Estrela, dizendo-lhe:

— Entre em casa, e lá há de encontrar sua mãe, que o espera.

Ele entrou correndo, espantado e muito alegre. Porém, ao ver quem o esperava lá dentro, ele riu com desdém, dizendo:

— Bem, onde está minha mãe? Pois aqui não vejo ninguém senão essa mendiga.

E a mulher respondeu-lhe:

— Sou eu a sua mãe.

— Está louca, como pode dizer uma coisa dessas? — gritou o Filho da Estrela, com raiva. — Eu não sou filho seu, pois você não passa de uma mendiga. É muito feia e andrajosa, portanto, saia já daqui, e não me deixe tornar a ver sua cara horrenda.

— Pois você na verdade é o meu filhinho, a quem dei à luz na floresta — gritou ela, e caiu de joelhos, estendendo os braços para ele. — Ladrões tiraram-no de mim, e eu fui deixada lá para morrer — murmurou ela —, porém eu o reconheci ao vê-lo, e também reconheci os sinais, a manta de tecido dourado e o colar de âmbar. Portanto, eu peço que venha comigo, pois tenho andado pelo mundo inteiro à sua procura. Venha comigo, meu filhinho, pois eu preciso muito do seu amor.

Mas o Filho da Estrela não saiu do lugar e fechou a ela as portas de seu coração. Nenhum som se ouviu mais, a não ser o do pranto de dor da mulher.

Finalmente ele dirigiu a palavra à mãe, porém com voz dura e amarga.

— Se na verdade você é minha mãe — disse ele —, melhor seria que se mantivesse afastada, ao invés de aparecer aqui para me envergonhar, considerando que eu julgava ser filho de uma Estrela, e não de uma mendiga, como agora você me diz que sou. Portanto, vá-se embora e não deixe que eu jamais torne a vê-la.

— Ai, ai, meu filho! — chorou ela. — Não podia ao menos dar-me um beijo antes de eu ir embora? Sofri muito para encontrá-lo.

— Não — disse o Filho da Estrela. — Você é por demais horrenda de se olhar, eu antes beijaria uma serpente ou um sapo do que você.

Então a mulher se levantou e foi embora para a floresta chorando amargamente, e quando o Filho da Estrela viu que ela já tinha ido, ficou

contente e correu de volta para seus companheiros, a fim de brincar com eles.

Porém, quando eles o viram aproximar-se, caçoaram dele, dizendo:

— Ora, você é tão horrendo quanto um sapo e tão repugnante quanto a serpente. Vá-se embora, pois não vamos permitir que brinque conosco. — E expulsaram-no do jardim.

O Filho da Estrela franziu a testa e disse para si:

— Que história é essa que eles estão me dizendo? Eu vou até o poço olhar a água, para que esta me diga o quanto sou bonito.

E ele foi realmente até o poço e olhou lá para dentro, mas que surpresa! Seu rosto era de sapo e seu corpo estava todo escamado, como o de uma serpente. Então ele se atirou na relva e chorou, dizendo a si mesmo:

— Não há dúvida de que isso me aconteceu porque eu pequei. Pois reneguei minha mãe, mandei-a embora, sendo orgulhoso e cruel. Por isso eu irei procurá-la pelo mundo todo e não descansarei enquanto não a encontrar.

A filhinha do Lenhador aproximou-se dele e, pousando a mãozinha sobre seu ombro, disse:

— O que importa que você tenha perdido sua beleza? Fique conosco, pois eu não hei de caçoar de você.

E ele respondeu:

— Não, eu fui cruel com a minha mãe, e foi como castigo que esse mal se abateu sobre mim. É por isso que tenho de partir, andar pelo mundo até encontrá-la e conseguir o seu perdão.

A seguir ele fugiu para a floresta, chamando e pedindo que a mãe viesse ter com ele, mas não obteve resposta. Chamou por ela o dia inteiro e, quando o sol se pôs, deitou-se para dormir em um leito de folhas. Os pássaros e os animais fugiram dele, pois se lembravam de suas crueldades, de modo que ele ficou sozinho, a não ser pelo sapo que ficou ali, olhando, e a serpente, que passou serpenteando por ele.

De manhã ele se levantou, colheu uns bagos amargos das árvores, comeu-os e tomou o caminho da grande floresta, chorando amargamente. A todos os que encontrava, indagava se acaso haviam visto sua mãe.

Disse ele à Toupeira:

— Você sabe andar debaixo da terra. Pode me dizer se é lá que minha mãe está?

A Toupeira respondeu:

— Você cegou meus olhos. Como poderia eu saber?

Disse ele ao Pintarroxo:

— Você voa acima do topo das mais altas árvores e pode ver o mundo inteiro. Diga aqui, será que consegue ver a minha mãe?

E o Pintarroxo respondeu:

— Você cortou minhas asas para se divertir. Como poderei eu voar?

Ao Esquilinho que morava no tronco do pinheiro e estava solitário ele perguntou:

— Onde está minha mãe?

E o Esquilo respondeu:

— Você matou a minha. Será que está procurando a sua para matá-la também?

O Filho da Estrela chorou, curvou a cabeça, pediu perdão às criaturas de Deus e continuou pela floresta, procurando a mendiga. No terceiro dia ele chegou ao outro lado da floresta e desceu para a planície.

Em todas as aldeias por que passava as crianças caçoavam dele, e os camponeses nem permitiam que ele dormisse nos celeiros, com medo que ele mofasse o trigo, tão nojento parecia, e seus empregados expulsavam-no da terra, sem que ninguém tivesse piedade dele. Tampouco conseguiu, em lugar algum, notícias de sua mãe, embora já fizesse três anos que ele andava pelo mundo, e muitas vezes lhe parecesse vê-la na estrada logo adiante dele, quando então corria pela estrada toda de pedras, o que lhe deixava os pés em sangue. Mas nunca conseguia alcançá-la, e os que moravam ao longo da estrada negavam que a tivessem visto, ou qualquer pessoa que se parecesse com ela, e ainda caçoavam de seu sofrimento.

Durante três anos ele andou pelo mundo, e no mundo não havia para ele nem amor nem caridade, nem solidariedade ou caridade, pois assim era o mundo que ele construíra para si nos dias de seu grande orgulho.

Certa noite, chegou ele aos portões de uma cidade fortemente murada, perto de um rio, e, cansado e com os pés machucados como estava, tentou entrar. Mas os soldados que estavam de guarda cruzaram suas alabardas fechando a entrada e disseram, com brutalidade:

— Quais são os seus negócios nesta cidade?

— Estou buscando minha mãe — respondeu ele — e rogo que me deixem passar, pois pode ser que ela esteja nesta cidade.

Porém eles caçoaram do menino, e um deles, sacudindo a barba preta, pousou seu escudo e gritou:

— Para falar a verdade, sua mãe não há de ficar muito contente ao vê-lo, pois você tem aspecto pior do que o do sapo no pântano, ou do que a serpente que se arrasta no charco. Vá-se embora. Sua mãe não mora nesta cidade.

Um outro, que tinha na mão uma bandeira amarela, disse-lhe:

— Quem é a sua mãe, e por que anda à sua procura?

Ele então respondeu:

— Minha mãe é mendiga como eu, e eu a tratei muito mal. Rogo que me deixem passar para que ela possa me conceder seu perdão, se acaso estiver na sua cidade.

Porém eles não deixaram, e ainda o espetaram com suas lanças.

Quando já ia se afastar, chorando, um outro rapaz, cuja armadura era incrustada com flores douradas e cujo elmo possuía, ao alto, deitado, um leão alado, aproximou-se e perguntou aos soldados quem estava querendo entrar. E eles lhe responderam:

— É um mendigo, filho de uma mendiga, e nós o mandamos embora.

— Ora essa — exclamou ele rindo —, vamos vender esse monstrengo como escravo, e seu preço nos comprará um copázio de vinho doce!

Um velho mal-encarado que passava gritou:

— Eu o compro por esse preço.

Depois de pagar, pegou o Filho da Estrela pela mão e entrou com ele na cidade.

Depois de passarem por muitas ruas, eles chegaram a uma portinha em uma parede coberta por um pé de romãs. O velho tocou a porta com um anel de jaspe lavrado, ela se abriu, e então eles desceram cinco degraus para um jardim cheio de papoulas negras e jarros verdes de argila queimada. O velho então tirou do turbante um lenço de seda estampada, vendou com ele os olhos do Filho da Estrela e então caminhou, guiando o menino à sua frente. Quando o lenço foi tirado de seus olhos, o Menino-Estrela viu-se em um calabouço, iluminado por uma lanterna de chifre.

O velho então colocou à sua frente um pedaço de pão mofado em um prato e disse “Coma”, e um pouco de água amarelada em um copo e disse “Beba”; e quando ele acabou de comer e beber, o velho saiu, trancando a porta atrás de si com uma corrente de ferro.

* * *

No dia seguinte, o velho, que na verdade era o mais hábil mágico da Líbia e aprendera sua arte de um outro, que habitava os túmulos do Nilo, aproximou-se dele e, com o cenho franzido, disse:

— Em um bosque perto das portas desta cidade de Giaours há três moedas de ouro. Uma é de ouro branco, outra de ouro amarelo, e a terceira de ouro vermelho. Hoje você tem de me trazer a de ouro branco, e se não trouxer eu o espancarei com cem chibatadas. Vá logo, e ao anoitecer eu estarei à sua espera na porta do jardim. Traga logo o ouro branco, pois de outro modo as coisas irão mal para você, que é meu escravo, comprado pelo preço de um copázio de vinho doce.

E, vendando os olhos do Filho da Estrela com o lenço de seda estampada, ele o guiou pela casa e através do jardim de papoulas, até o alto dos cinco degraus de bronze. Depois de abrir a porta com seu anel, colocou-o na rua. O Filho da Estrela saiu pela porta da cidade e entrou pelo bosque de que o Mágico falara.

O bosque era muito lindo quando visto de fora, parecia cheio de pássaros que cantam e de flores docemente perfumadas, e o Filho da Estrela entrou por ele alegremente. Mas aquela beleza não lhe adiantou muito, pois em todo canto que ia havia urzes e espinhos que brotavam do chão e o rodeavam, urtigas maldosas que o aferroavam, e cardos que o furavam com seus espigões, deixando-o ferido e assustado. Ele nem conseguia encontrar qualquer moeda de ouro branco, como lhe descrevera o Mágico, muito embora a procurasse desde de manhã até o meio-dia, e do meio-dia ao anoitecer. Quando o sol se pôs, ele caminhou para casa, chorando amargamente, pois sabia o que o esperava.

Mas ao chegar à periferia do bosque ele ouviu, de uma moita, alguém que chorava de dor. Esquecendo-se de seu próprio sofrimento, ele correu até lá e

viu uma Lebre pequena apanhada em uma armadilha que uma caçadora montara para ela.

O Filho da Estrela sentiu piedade e libertou-a, dizendo:

— Eu mesmo sou escravo, mas posso dar-lhe sua liberdade.

E a Lebre respondeu:

— Você me deu minha liberdade. O que posso dar-lhe em recompensa?

E lhe disse o Filho da Estrela:

— Estou procurando uma moeda de ouro branco, mas não a encontro em lugar nenhum, e se eu não a levar para casa meu amo vai me espancar.

— Venha comigo — disse a Lebre — e eu o levarei até ela, pois sei onde está escondida, e por quê.

E então o menino foi com a Lebre, e que surpresa! Na forquilha do tronco de um grande carvalho ele viu a moeda de ouro branco que procurava. Muito contente, ele a pegou e disse à Lebre:

— O serviço que eu prestei a você me foi muitas vezes recompensado, e a bondade que mostrei você me pagou mais de cem vezes.

— Não — disse a Lebre —, mas assim como você me fez, eu fiz a você. — E saiu correndo.

A Estrela foi para a cidade.

Na porta da cidade estava sentado um leproso. Sobre o seu rosto estava pendurado um capucho de linho cinzento, e através de dois buracos seus olhos brilhavam como duas brasas rubras. Ao ver chegar o Filho da Estrela, ele bateu em seu prato de madeira e sacudiu sua campainha, dizendo-lhe:

— Dê-me algum dinheiro, senão eu morro de fome. Pois eles me expulsaram da cidade, e ninguém tem piedade de mim.

— Ai, ai! — exclamou o Filho da Estrela. — Eu só tenho uma moeda em minha bolsa, e se eu não entregá-la a meu amo ele vai me espancar, pois sou seu escravo.

Porém o leproso pediu e rogou até o Filho da Estrela ter piedade e dar-lhe a moeda de ouro branco.

Quando chegou à casa do Mágico, este o fez entrar e perguntou-lhe:

— Está com você a moeda de ouro branco?

E o Filho da Estrela respondeu:

— Não, não está.

O Mágico atirou-se sobre ele e o surrou, e pondo-lhe na frente de um prato vazio, disse "Coma", e de um copo vazio, disse: "Beba"; e tornou a atirá-lo no calabouço.

Na manhã seguinte, o Mágico chegou para ele e disse:

— Se hoje você não me trouxer a moeda de ouro amarelo, continuará para sempre meu escravo, e eu lhe darei trezentas chibatadas.

Então o Filho da Estrela foi para o bosque e procurou o dia inteiro a moeda de ouro amarelo, mas não a encontrou em lugar nenhum. Ao pôr do sol ele se sentou e começou a chorar, mas, enquanto chorava, a Lebre que ele salvara da armadilha apareceu.

E a Lebre perguntou:

— Por que está chorando? E o que está procurando aqui no bosque?

O Filho da Estrela respondeu:

— Estou procurando uma moeda de ouro amarelo que está escondida aqui, e se eu não achar meu amo me bate e me fará para sempre seu escravo.

— Venha comigo — gritou a Lebre, e saiu correndo até chegar perto de um laguinho.

No fundo do lago estava a moeda de ouro amarelo.

— Como poderei agradecer-lhe? — disse o Filho da Estrela. — Pois sabe que esta é a segunda vez que me socorre.

— Ora, primeiro você teve pena de mim — disse a Lebre, e saiu correndo.

O Filho da Estrela pegou a moeda de ouro amarelo, botou-a em sua bolsa e correu para a cidade. Mas o leproso o viu chegando e correu ao seu encontro, caindo de joelhos e exclamando:

— Dê-me algum dinheiro, senão eu morro de fome.

O Filho da Estrela disse:

— Na minha bolsa eu só tenho uma moeda de ouro, e se eu não entregar a meu amo ele vai me bater e me manter como escravo para sempre.

Mas o leproso implorou tanto, e com tanta tristeza, que o Menino-Estrela teve piedade dele e deu-lhe a moeda de ouro amarelo.

Quando ele chegou na casa do Mágico, este lhe abriu a porta, deixou-o entrar e perguntou: "Trouxe a moeda de ouro?" E o Filho da Estrela respondeu: "Não, não trouxe." O Mágico caiu de pancada em cima dele, surrou-o e prendeu-o com muitas correntes, atirando-o novamente no calabouço.

Na manhã seguinte, o Mágico chegou para ele e disse:

— Se hoje você me trouxer a moeda de ouro vermelho, eu o libertarei, mas se não trouxer, pode ter a certeza de que o matarei.

Então o Filho da Estrela foi para o bosque e o dia inteiro ele procurou a moeda de ouro vermelho, mas não a encontrou em parte alguma. Ao pôr do sol ele se sentou e começou a chorar, mas, enquanto estava chorando, apareceu a pequena Lebre.

E disse-lhe a Lebre:

— A moeda de ouro vermelho que você está procurando está na caverna que fica atrás de você. Portanto, não chore mais, alegre-se.

— Como a recompensarei? — exclamou o Filho da Estrela. — Pois eis que esta é a terceira vez que você me socorre.

— Ora, antes você sentiu pena de mim — disse a Lebre, e saiu correndo rápido.

E o Filho da Estrela entrou na caverna e no último recanto ele encontrou a moeda de ouro vermelho. Então ele a enfiou em sua bolsa e correu para a cidade. O leproso, ao vê-lo chegar, postou-se no meio da estrada e, chorando, disse-lhe:

— Dê-me a moeda de ouro vermelho senão eu vou morrer.

E o Filho da Estrela apiedou-se novamente dele, dando-lhe a moeda de ouro vermelho e dizendo:

— Você precisa mais do que eu.

Mas seu coração estava pesado, porque sabia o triste destino que o aguardava.

Porém ele teve uma grande surpresa, pois, quando passou pela porta da cidade, os guardas se curvaram diante dele e comentaram:

— Como é lindo o nosso senhor!

E uma multidão de cidadãos o seguiu, gritando:

— Sem dúvida, não há ninguém mais bonito neste mundo!

E o Filho da Estrela chorou, dizendo para si mesmo:

— Estão caçoando de mim, fazendo pouco da minha desgraça.

Mas a quantidade de gente era tamanha que ele errou o caminho e se achou, de repente, em uma grande praça, onde havia um castelo e um Rei.

Os portões do palácio se abriram, e os sacerdotes e os administradores da cidade vieram recebê-lo. Fazendo profundas reverências diante dele, disseram:

— Eis que chegou o nosso senhor, por quem estávamos esperando, o filho do nosso Rei.

Mas o Filho da Estrela respondeu dizendo:

— Eu não sou filho de rei, mas sim de uma pobre mendiga. E como podem dizer que sou bonito, quando eu sei que sou repugnante ao olhar?

E, então, aquele cuja armadura era incrustada de flores douradas e tinha um leão deitado e alado em seu elmo levantou seu escudo e gritou:

— Como pode o meu senhor dizer que não é lindo?

O Filho da Estrela olhou e ficou surpreso de ver seu rosto como fora antes e que ele era novamente atraente. Mas em seus olhos havia algo que jamais houvera antes.

Os sacerdotes e os altos administradores da cidade ajoelharam-se e disseram:

— Foi profetizado há muito tempo que neste dia chegaria aqui aquele que viria a ser o nosso governante. Portanto, deixem que o nosso senhor tome a coroa e o cetro, e que com justiça e misericórdia ele venha a ser o nosso Rei.

Porém ele respondeu:

— Eu não sou digno, pois reneguei a mãe que me deu a vida, e não poderei descansar enquanto não a encontrar e conseguir o seu perdão. Portanto, permitam que eu me vá, pois tenho de perambular por todo o mundo, e não posso ficar aqui, nem que me deem a coroa e o cetro.

Ao falar, ele virou o rosto para a rua que levava às portas da cidade e, de repente, no meio da multidão que se comprimia atrás dos soldados, ele viu a mendiga que era sua mãe, ao lado do leproso que ficava sentado junto à estrada.

Um grito de alegria escapou-lhe dos lábios, e ele correu, e, ajoelhando-se, beijou as feridas dos pés de sua mãe, molhando-os com suas lágrimas. Ele curvou a cabeça até o chão e, soluçando como se seu coração estivesse a ponto de se partir, disse:

— Mãe, eu a reneguei na hora de meu orgulho. Por favor aceite-me na hora de minha humildade. Mãe, eu lhe dei ódio, peço que me dê amor. Mãe, eu a rejeitei, agora peço que receba seu filho.

Mas a mendiga não disse uma só palavra.

Ele então estendeu as mãos e, agarrando os pés brancos do leproso, disse-lhe:

— Por três vezes eu lhe dei minha misericórdia. Por favor, peça a minha mãe que me fale ao menos uma vez.

Mas o leproso não lhe respondeu uma só palavra.

E o menino soluçou novamente e disse:

— Mãe, meu sofrimento é maior do que posso suportar. Dê-me o seu perdão e permita que eu volte para a floresta.

A mendiga pousou a mão sobre a cabeça dele e disse-lhe:

— Levante-se.

E o leproso também pousou a mão sobre a cabeça dele e disse-lhe:

— Levante-se.

Ele então se pôs de pé e, para sua grande surpresa, eles eram um Rei e uma Rainha.

E a Rainha lhe disse:

— Este é o seu pai, a quem você socorreu.

E o Rei disse:

— E esta é sua mãe, cujos pés você lavou com suas lágrimas.

E eles enlaçaram seu pescoço, beijaram-no e levaram-no para o palácio; vestiram-no com trajes belos e colocaram uma coroa em sua cabeça e um cetro em sua mão, e ele reinou sobre a cidade junto ao rio, da qual veio a ser o senhor. Justiça e misericórdia mostrou ele sempre para com todos, mas baniu o Mágico mau e mandou ricos presentes ao Lenhador e sua mulher, trazendo honrarias a seus filhos. E nunca mais permitiu que ninguém fosse cruel para com pássaros ou animais, ensinando o amor, o carinho e a caridade, dando pão aos pobres e roupas aos nus, e trazendo paz e fartura à sua terra.

Mas não reinou por muito tempo, pois tão grandes haviam sido os seus sofrimentos, tão intenso o fogo de sua provação, que ao fim de três anos ele morreu. E o que veio a reinar depois dele reinou com maldade.

O Pescador e sua Alma

Todas as tardes o jovem Pescador saía para o mar e atirava na água as suas redes. Quando o vento soprava da terra, ele não pegava nada ou, na melhor das hipóteses, muito pouco, pois esse era um vento de asa negra e cortante, que provocava grandes ondas. Mas quando o vento soprava para a praia os peixes subiam lá do fundo e nadavam até a trama de suas redes, e ele os levava ao mercado para vender.

Toda tarde ele saía para o mar, e certa vez, à noitinha, sua rede estava tão pesada que ele mal conseguiu recolhê-la para o barco. Rindo-se, disse ele para si mesmo:

— Na certa apanhei todos os peixes que nadam, ou então peguei algum monstro esquisito que vai maravilhar todo o mundo, ou alguma coisa horrível que a grande Rainha há de querer.

E com toda a força que pôde reunir, puxou as cordas até que, como finas linhas de esmalte azul em torno de um vaso de bronze, levantaram-se as veias em seus braços. Ele manobrou as cordas finas, apertando cada vez mais o círculo de rodelas de cortiça, até finalmente a rede atingir a superfície da água.

Porém não havia nela nenhum peixe, nem nenhum monstro ou outra coisa aterrorizante, mas apenas uma pequena Sereia, dormindo profundamente.

Seu cabelo parecia uma pele dourada, cada fio separadamente era como um fio de ouro fino em um protetor de vidro. Seu corpo era branco como o marfim, sua cauda, de prata e pérolas. De prata e pérolas era a cauda, com verdes algas marinhas envoltas em torno dela, e suas orelhas eram como conchas, os lábios como corais. As ondas frias batiam sobre seus seios frios, e o sol brilhava em suas pálpebras.

Tão bela era ela que quando o jovem Pescador a viu ficou maravilhado e, estendendo a mão, puxou a rede para, debruçando-se sobre o lado do barco, tomá-la em seus braços. Quando ele a tocou, ela soltou um grito como o de uma gaivota assustada, despertou e olhou-o apavorada, com seus olhos lilases

de ametista, lutando para fugir. Porém, ele a segurou firmemente e não a deixou partir.

Ao ver que não tinha meios de fugir dele, ela começou a chorar, dizendo:

— Imploro que me deixe ir, pois sou a filha única de um Rei, e meu pai é idoso e sozinho.

Porém o jovem Pescador respondeu:

— Eu não a deixarei ir a não ser que me prometa que sempre que a chamar você irá cantar para mim, pois os peixes gostam de ouvir o canto da Gente do Mar, e assim minhas redes estarão sempre cheias.

— E você realmente me deixará ir, se eu prometer isso? — indagou a Sereia.

— Eu realmente a deixarei ir — disse o jovem Pescador.

Então ela lhe fez a promessa desejada e o juramento da Gente do Mar. E ele a soltou de seus braços, quando então ela afundou nas águas, trêmula e com um estranho temor.

* * *

Toda tarde o jovem Pescador saía para o mar e chamava a Sereia, que se levantava das águas e cantava para ele. Em torno dela nadavam golfinhos, e acima de sua cabeça revoavam gaivotas.

Ela cantava uma canção maravilhosa, pois contava a história da Gente do Mar, que tange seus rebanhos de caverna em caverna, carregando os filhotes em seus ombros; e a dos Tritões que têm longas barbas verdes e peitos cabeludos, e tocam conchas retorcidas quando passa o Rei; e a do palácio do Rei, que é todo de âmbar, com teto de esmeralda transparente e chão de madrepérola; e a dos jardins do mar onde balançam o dia todo os grandes leques filigranados de coral, os peixes saltam de um ponto para outro como pássaros, as anêmonas dançam agarradas nas pedras, com os filhotes de salmão borbulhando nas areias amarelas. Cantava as grandes baleias que vêm do mares do norte e têm pingentes de gelo nas nadadeiras; e as Sereias que contam coisas tão maravilhosas que os mercadores têm de tapar os ouvidos com cera para não ouvi-las, pois de outro modo iriam atirar-se nas águas e afogar-se; e as galeras naufragadas, com seus altos mastros, e os marinheiros congelados agarrados ao cordame, e os peixinhos que entram e saem nadando pelas vigias abertas; e as

pequenas cracas, que são grandes viajantes e, agarradas às quilhas dos navios, andam pelo mundo inteiro; e os chocos que moram na superfície dos penhascos e esticam seus longos braços negros e sabem fazer chegar a noite quando querem. Ela cantou o náutilo que tem seu próprio barco cavado em uma opala e guiado por uma vela de seda; e os alegres Tritões que tocam harpas e são capazes de embalar o grande Kraken; e as criancinhas que agarram os botos escorregadios, cavalgando-os e rindo; e as Sereias que boiam na espuma branca e estendem seus braços para os marinheiros; e os leões-marinhos, com suas presas retorcidas, e os cavalos-marinhos, cujas crinas flutuam.

Enquanto cantava, todos os atuns vinham do fundo ouvi-la, e o jovem Pescador atirava suas redes em volta deles e os pegava, enquanto outros peixes ele capturava com seu arpão. Quando seu barco ficava bem carregado, a Sereia mergulhava no mar, sorrindo para ele.

No entanto, ela jamais chegava tão perto que ele a pudesse tocar. Muitas e muitas vezes ele a chamou e pediu, porém isso ela não fazia. Quando tentava agarrá-la, ela mergulhava na água como mergulha uma foca, e ele não a via mais naquele dia. E cada dia o som da voz dela se tornava mais doce a seus ouvidos. Tão doce era a sua voz que ele esqueceu suas redes e sua arte, deixando de dar atenção a seu ofício. Com duas barbatanas vermelhas e seus olhos dourados, os atuns passavam em cardumes, mas ele nem lhes dava atenção. Seu arpão jazia a seu lado sem uso, e suas cestas de vime trançado ficavam vazias. Com os lábios entreabertos e os olhos obscurecidos em seu deslumbramento, ele ficava sentado e inútil em seu barco, ouvindo até a névoa marinha envolvê-lo, e a lua, em seu passeio, pratear seus braços morenos.

Certa noite ele gritou para ela:

— Sereiazinha, Sereiazinha, eu a amo. Aceite-me para seu marido, pois eu a amo.

Porém a Sereia sacudiu a cabeça.

— Você tem alma humana — respondeu ela. — Se ao menos você pudesse mandar embora sua alma, então eu poderia amá-lo.

E o jovem Pescador disse para si mesmo:

— De que me adianta a minha alma? Não posso vê-la. Não a conheço. Sem dúvida eu poderei mandá-la embora, com o que irei conquistar grande alegria.

Um grito de regozijo escapou-lhe dos lábios e, ficando de pé em seu barco pontudo, ele esticou seus braços para a Sereia.

— Eu mandarei embora a minha alma — gritou ele. — Você casará comigo, serei seu marido, e no fundo do mar nós viveremos juntos, e tudo aquilo a respeito de que você já cantou, agora poderá mostrar-me, e eu farei tudo o que você quiser, e nossas vidas jamais serão separadas.

E a Sereia riu de prazer e escondeu o rosto nas mãos.

— Mas como haverei eu de mandar embora a minha alma? — exclamou o Pescador. — Diga-me como poderei fazê-lo e pronto! Assim eu farei.

— Infelizmente eu não sei — disse a Sereia. — A Gente do Mar não tem alma.

E ela afundou nas profundezas, depois de lançar um ansioso olhar para ele.

* * *

Acontece que no dia seguinte, de manhã, antes que o sol estivesse um pouco acima das colinas, o jovem Pescador foi à casa do Padre e bateu três vezes à porta.

O noviço olhou pela janelinha e, ao ver quem era, abriu a tranca e disse:

— Pode entrar.

E o jovem Pescador entrou, ajoelhou-se na perfumada palha que recobria o chão e gritou para o Padre, que estava lendo o Livro Santo:

— Padre, eu estou apaixonado por uma moça que é Gente do Mar, e minha alma me impede de alcançar meu desejo. De que me vale a minha alma? Eu não posso vê-la. Não posso tocá-la. Não a conheço.

O Padre, batendo no peito, respondeu:

— Ai, ai, você está louco. Ou então tomou alguma erva venenosa, pois a alma é a parte mais nobre do homem, que Deus nos deu para que a usássemos com nobreza. Não há nada mais precioso do que a alma humana, e nem qualquer coisa terrena pode ser posta na balança com ela. Ela vale todo o ouro do mundo e é mais preciosa do que os rubis dos reis. Portanto, meu filho, não pense mais nisso, pois é um pecado imperdoável. E quanto à Gente do Mar, eles estão perdidos, ficando perdidos também todos os que fizerem trato com

eles. Eles são feras do campo que não sabem distinguir o bem do mal, e para eles o Senhor não morreu.

Os olhos do jovem Pescador encheram-se de lágrimas quando ele ouviu as amargas palavras do Padre e, levantando-se, disse-lhe:

— Padre, os Faunos vivem na floresta e são felizes, e nas rochas sentam-se os Tritões com suas harpas de ouro rubro. Deixe que eu seja como eles, eu imploro, pois seus dias são os dias das flores. E quanto à minha alma, de que me vale ela, se se interpõe entre mim e aquilo que amo?

— O amor do corpo é vil — gritou o Padre, franzindo o cenho —, e a vileza e o mal são as coisas pagãs que Deus permite que corram por este Seu mundo. Malditos sejam os Faunos das florestas, e malditos sejam os que cantam no mar! Eu já os ouvi à noite, e eles tentaram atrair-me para longe de meu terço. Eles batem na minha janela e se riem. Eles sussurram no meu ouvido histórias de suas perigosas alegrias. Procuram atrair-me com tentações, e quando quero rezar, fazem caretas para mim. Eles estão perdidos, eu lhe digo, estão perdidos. Para eles não há céu ou inferno, e em nenhum lugar haverão eles de louvar o nome de Deus.

— Padre — gritou o jovem Pescador —, o senhor não sabe o que diz. Certa vez em minha rede eu apanhei a filha de um Rei. Ela é mais bela do que a estrela da manhã, mais branca do que a lua. Por seu corpo eu daria a minha alma, e por seu amor eu abriria mão do céu. Dê-me alguma resposta, e deixe-me ir em paz.

— Fora! Fora! — gritou o Padre. — Sua amada está perdida, e você ficará perdido com ela. — E não lhe deu a bênção, expulsando-o de sua casa.

E o Pescador foi para o mercado, andando devagar e de cabeça baixa, como fazem os que estão sofrendo.

Quando os mercadores o viram chegar, começaram a segredar entre eles, até que um deles chamou-o e disse:

— O que tem você aí para vender?

— Eu lhe vendo a minha alma — respondeu ele. — Eu lhes peço que a comprem, pois estou cansado dela. De que me vale a minha alma? Eu não a vejo. Eu não a toco. Eu não a conheço.

Mas os mercadores caçoaram dele e disseram:

— Do que vale para nós a alma de um homem? Ela não vale sequer uma moeda de prata amassada. Venda-nos seu corpo como escravo, que nós o vestiremos de púrpura marinha, enfiaremos um anel em seu dedo e o faremos favorito da grande Rainha. Mas não nos fale em alma, que para nós não vale nada, nem possui qualquer valor para o nosso trabalho.

E o jovem Pescador disse a si mesmo:

— Que coisa estranha! O Padre diz que a alma vale todo o ouro do mundo, e os mercadores dizem que não vale nem uma moeda de prata amassada.

E, saindo do mercado, foi para a praia e começou a pensar no que haveria de fazer.

* * *

Ao meio-dia ele se lembrou que um de seus companheiros, que colhia funcho marítimo, lhe falara a respeito de certa Bruxa jovem que morava em uma caverna no alto da baía e sabia fazer umas bruxarias muito boas. Começou então a correr, tão ansioso estava ele para se livrar de sua alma, e uma nuvem de poeira o seguia enquanto corria pela areia da praia. Pelo comichão na palma de suas mãos a jovem Bruxa soube que ele estava chegando, e então riu-se e soltou seus cabelos vermelhos. Com estes em torno dela, ficou esperando na porta da caverna, tendo na mão um ramo de cicuta selvagem em flor.

— O que quer? O que quer? — gritou ela, quando ele chegou sem fôlego na entrada e se curvou diante dela. — Peixe para a sua rede em dia de vento mau? Eu tenho uma flautinha de bambu, e quando a toco os peixes vêm todos saltando na baía. Mas tudo tem seu preço, meu menino bonitinho, tudo tem seu preço. O que quer? O que quer? Sei de uma flor que cresce no vale, e só eu a conheço. Ela tem folhas roxas e uma estrela no coração, e seu suco é branco como leite. Se você tocar com essa flor os duros lábios da Rainha, ela o seguirá pelo mundo todo. Ela sairia da cama do rei para segui-lo pelo mundo afora. Mas tudo tem seu preço, meu menino bonitinho, tudo tem seu preço. O que quer? O que quer? Eu posso socar um sapo em um pilão, fazer com ele um caldo, e no caldo eu junto a mão de um morto. É só salpicar tudo em seu inimigo que ele vira uma víbora negra e será morto pela própria mãe. Com uma roda eu posso carregar a Lua para fora do céu e mostrar a você a morte em

um cristal. O que quer? O que quer? Diga-me o seu desejo que eu o concedo, desde que você pague o meu preço, menino bonito, desde que pague o meu preço.

— Meu desejo é coisa pouca — disse o jovem Pescador. — No entanto o Padre está zangado comigo e me expulsou. É coisa pouca, mas os mercadores caçoaram de mim e negaram meu pedido. Portanto, vim procurar você, embora digam os homens que você é má. Seja qual for o seu preço, eu o pagarei.

— E o que deseja? — perguntou a Bruxa, aproximando-se dele.

— Queria mandar embora a minha alma — respondeu o Pescador.

A Bruxa empalideceu e estremeceu e escondeu o rosto em seu manto azul.

— Menino bonito, menino bonito — resmungou ela —, isso é uma coisa horrível de se fazer.

Ele sacudiu seus cachos castanhos e riu.

— Minha alma não me vale nada — respondeu. — Não posso vê-la. Não posso tocá-la. Não a conheço.

— O que me dará se eu lhe contar? — perguntou a Bruxa, baixando o olhar para ele, com seus olhos lindos.

— Cinco moedas de ouro — disse ele — e minhas redes, a casa de junco trançado onde moro e o barco pintado em que navego. Mas ao menos me diga como hei de me livrar de minha alma, e lhe darei tudo o que possuo.

Ela riu, caçoando, e bateu nele com seu ramo de cicuta.

— Eu posso transformar as folhas do outono em ouro — respondeu — e trançar raios de lua para fazer prata, se quiser. Aquele a quem sirvo é mais rico do que todos os reis da terra e é senhor de todos os seus domínios.

— Então o que hei de lhe dar se o seu preço não for ouro nem prata? — gritou ele.

A Bruxa acariciou os cabelos dele com sua fina mão branca.

— Terá de dançar comigo, meu belo — murmurou ela, sorrindo-lhe enquanto falava.

— Só isso? — gritou o Pescador, assombrado, levantando-se.

— Só isso — respondeu ela, tornando a sorrir.

— Então, ao pôr do sol, em algum local secreto, nós haveremos de dançar juntos — disse ele —, e depois que nós dançarmos você me diz aquilo que eu

estou querendo saber.

Ela sacudiu a cabeça.

— Quando a lua estiver cheia, quando a lua estiver cheia — resmungou ela.

Depois ela espiou em volta e ficou ouvindo. Um pássaro azul saiu voando, aos gritos, de seu ninho, fez um círculo sobre as dunas, e três pássaros malhados sobrevoaram a relva cinza e assoviaram um para o outro. Não houve mais som algum, a não ser o das ondas rolando as pedrinhas no fundo do mar. Ela esticou a mão, puxou-o para junto de si e colocou seus lábios secos bem junto ao ouvido dele.

— Hoje à noite você precisa ir até o topo da montanha — sussurrou ela. — Hoje é o Sabá, e Ele estará lá.

O jovem Pescador assustou-se e olhou para ela, que riu, mostrando-lhe seus dentes brancos.

— Quem é esse "Ele" de quem está falando? — perguntou.

— Não importa — respondeu ela. — Vá lá hoje à noite, fique em pé debaixo da bétula e espere que eu chegue. Se um cão preto correr na sua direção, bata-lhe com uma vara de chorão, que ele irá embora. Se uma coruja falar com você, não responda nada. Quando a lua estiver cheia eu me encontro com você, e nós dançaremos juntos, na relva.

— E jura que me dirá como poderei me ver livre da minha alma? — perguntou ele.

Ela saiu para o sol, e o vento fez balançar seus cabelos vermelhos.

— Pelas patas do bode, eu juro — foi sua resposta.

— Você é a melhor das bruxas! — exclamou o Pescador. — E sem dúvida dançarei com você esta noite no alto da montanha. Eu bem que queria que você me tivesse pedido ouro ou prata. Porém o preço que pediu é o que terá, pois é coisa pouca.

E tirando o boné, fez um grande cumprimento e saiu correndo para a cidade, muito contente.

A Bruxa ficou olhando ele afastar-se, e quando não estava mais ao alcance de seus olhos, voltou para a caverna, tirou um espelho de uma caixa de cedro esculpido, armou-o em uma moldura e diante dele queimou verbena em um fogo de carvão. Depois de algum tempo ela apertou raivosamente as mãos.

— Ele devia ser meu — resmungou ela —, eu sou tão bonita quanto ela.

Naquela noite, depois que nasceu a lua, o jovem Pescador subiu até o topo da montanha e lá ficou, de pé debaixo dos ramos da bétula. Como uma chapa de metal polido, o mar se estendia a seus pés, enquanto as sombras dos barquinhos de pesca moviam-se na pequena baía. Uma grande coruja, com olhos amarelos cor de enxofre, chamou seu nome, porém ele não respondeu. Um cão preto correu para ele, rosnando, mas o Pescador bateu nele com um ramo de chorão, e o cão saiu ganindo.

À meia-noite as bruxas chegaram, voando pelos ares como morcegos.

— Uuuuui!!! — gritaram elas, ao pousar no chão. — Há alguém aqui que não conhecemos!

E ficaram farejando e conversando e fazendo toda espécie de sinais umas para as outras. Finalmente chegou a jovem Bruxa, com seus cabelos vermelhos voando ao vento. Usava um vestido de lamê dourado bordado com penas de pavão, e na cabeça tinha uma touquinha de veludo verde.

— Onde está ele? Onde está ele? — gritaram as bruxas ao vê-la. Porém ela apenas sorriu, correu até a bétula, pegou o Pescador pela mão e, levando-o para o luar, começou a dançar.

Eles rodopiaram e rodopiaram, e a Bruxinha pulava tão alto que dava para ver os saltos vermelhos de seus sapatos. De repente, atravessando o próprio local onde eles dançavam, passou o som de um cavalo a galope, mas como não se viu nenhum cavalo, ele ficou com medo.

— Mais depressa — gritou a Bruxa, e atirou os braços em torno do pescoço dele, chegando seu hálito quente junto ao rosto do homem. — Mais depressa! Mais depressa! — tornou a gritar ela.

A terra parecia rodar a seus pés. Ele foi ficando com a mente perturbada e se sentiu tomado de terror, como se alguma coisa malévola o estivesse observando, até que finalmente se deu conta de que debaixo da sombra de uma rocha havia uma figura que não estava lá antes.

Era um homem vestido com uma roupa de veludo preto, à moda espanhola. Seu rosto era de uma palidez estranha, mas seus lábios lembravam uma orgulhosa flor vermelha. Parecia cansado, e estava recostado, brincando distraidamente com o punho de sua adaga. Na relva, a seu lado, estava um chapéu de plumas, um par de grandes luvas para montar, com pontas de renda dourada, bordadas com curioso desenho de pérolas de arroz. Um manto curto,

forrado de martas, pendia de seu ombro, e suas delicadas mãos brancas estavam rebrilhando com as gemas dos anéis. Pálpebras pesadas pendiam sobre seus olhos.

O jovem Pescador ficou a olhá-lo, como alguém sob a influência de algum encantamento. Finalmente seus olhos se encontraram, e mesmo que a dança o levasse para os mais variados pontos, o olhar do homem estava sempre no dele. Ele ouviu a Bruxa rir, tomou-a pela cintura e rodopiou alucinadamente com ela.

De repente um cão ganiu na floresta, e os dançarinos pararam; avançando dois a dois, ajoelharam-se e beijaram a mão do homem. Quando o faziam, um leve sorriso aflorava em seus lábios orgulhosos, como a asa do pássaro que toca na água e a faz sorrir. Porém o sorriso era desdenhoso. E ele continuava a olhar para o jovem Pescador.

— Venha! Vamos adorar — sussurrou a Bruxa, e o conduziu para a frente.

E ele foi tomado por um grande desejo de fazer o que ela queria que ele fizesse, e por isso ele a seguiu. Porém, ao chegar mais perto, e sem saber por que o fazia, ele fez o sinal da Cruz e invocou o santo nome.

Mal o fez, as bruxas gritaram como falcões e voaram para longe, enquanto o pálido rosto que o vinha observando contorceu-se com um espasmo de dor. O homem foi para um pequeno bosque e assoviou. Um ginete ajaezado em prata veio correndo ao seu encontro, e quando ele saltou para a sela ainda olhou para trás uma vez, lançando ao jovem Pescador um olhar de tristeza.

A Bruxa dos cabelos vermelhos também tentou fugir, porém o Pescador a prendeu pelos pulsos e segurou-a com firmeza.

— Solte-me — gritou ela — e deixe que eu vá embora. Pois você disse o nome que não podia ser dito e fez o sinal que não pode ser visto.

— Nada disso — respondeu ele. — Eu não a largarei enquanto não me contar o segredo.

— Que segredo? — disse a Bruxa, lutando com ele como um gato selvagem e mordendo os lábios salpicados de espuma.

— Você sabe — respondeu ele.

Os olhos verdes dela ficaram marejados de lágrimas, e ela disse ao Pescador:

— Peça-me tudo, menos isso!

Ele riu e agarrou-a com mais força ainda.

Quando ela percebeu que não podia se libertar, sussurrou para ele:

— Por certo eu sou tão bela quanto a filha do mar, tão atraente quanto as que vivem nas águas azuis. — E tentou agradá-lo e chegar seu rosto para junto do dele.

Ele, porém, empurrou-a para trás, dizendo:

— Se você não mantiver sua promessa, eu a matarei por ser uma bruxa falsa.

Ela ficou cinzenta como uma flor da árvore-de-judas e estremeceu.

— Assim seja — murmurou ela. — A alma é sua, e não minha. Faça com ela o que quiser.

E tirando do cinto uma faquinha com cabo de pele de uma víbora verde, deu-a a ele.

— De que me serve isso? — perguntou ele, pensativo.

Ela ficou em silêncio por alguns momentos, depois um esgar de pavor cobriu seu rosto. Então, empurrando o cabelo para deixar descoberta a testa e sorrindo de modo estranho, ela lhe disse:

— O que os homens chamam a sombra do corpo não é a sombra do corpo, mas o corpo da alma. Fique na praia, junto ao mar, de costas para a lua, e corte sua sombra bem junto a seus pés, pois ela é o corpo de sua alma, e se pedir à alma que o deixe, ela o fará.

O jovem Pescador estremeceu.

— Isso é verdade? — murmurou ele.

— É verdade, e eu desejava não ter contado a você — gritou ela, e caiu chorando, agarrada aos joelhos dele.

Ele a afastou de si, deixou-a na relva molhada, e quando chegou à beira da encosta, guardou a faquinha no cinto e começou a descer.

Sua Alma, que estava com ele, disse assim:

— Ouça! Todos esses anos eu fiquei junto a você e tenho sido sua criada. Não me mande agora para longe, pois que mal lhe fiz eu?

Mas o jovem Pescador riu-se.

— Você não me fez mal algum, porém eu não preciso de você — respondeu ele. — O mundo é grande, e há o Céu também, e o Inferno, e toda aquela escura casa crepuscular que fica entre os dois. Vá para onde preferir, mas não me aborreça, pois o meu amor está me chamando.

Sua Alma implorou pateticamente que a guardasse, porém ele não lhe deu atenção e continuou pulando de pedra em pedra, pois era tão firme nos pés quanto um cabrito-montês, chegando finalmente ao chão e às areias amarelas junto ao mar.

Bronzeado e bem-feito de corpo, como alguma estátua esculpida por um grego, ele parou na areia, de costas para a lua, e da espuma saíram braços brancos que o chamavam, enquanto das ondas saíram formas que lhe prestavam homenagens. À sua frente estava sua sombra, corpo de sua alma, enquanto que atrás dele pairava no céu a lua em meio a uma atmosfera amarelada.

E disse-lhe a sua Alma:

— Se em verdade é preciso que você me expulse de si, não me deixe partir sem coração. O mundo é cruel, dê-me o seu coração para que eu o leve comigo.

O Pescador atirou a cabeça para trás e sorriu:

— Com que haveria eu de amar meu amor se eu lhe desse o meu coração? — exclamou.

— Não! Seja misericordioso — disse-lhe a Alma. — Dê-me o seu coração, pois o mundo é muito cruel, e estou com medo.

— Meu coração é do meu amor — respondeu ele. — Portanto, não fique aí à espera, pode ir-se embora.

— Então não poderei amar também? — perguntou-lhe sua Alma.

— Vá-se embora, que não preciso de você — exclamou o jovem Pescador.

E pegando a faquinha de cabo de pele de víbora verde, cortou a sombra, separando-a dele bem junto a seus pés. Esta levantou-se, ficou de pé na frente dele e viu que eram perfeitamente iguais.

Ele recuou, enfiou a faca no cinto e foi tomado por um sentimento de pavor.

— Vá-se embora — murmurou ele — e não deixe que eu jamais torne a ver o seu rosto.

— Não, nós teremos de nos encontrar de novo — disse a Alma, cuja voz era suave como uma flauta e cujos lábios mal se moviam quando falava.

— Como iremos nos encontrar? — gritou o Pescador. — Você não há de me seguir até as profundezas do mar…

— Uma vez por ano eu virei até este lugar e chamarei por você — disse a Alma. — É possível que você venha a precisar de mim.

— Para o que haveria eu de precisar de você? — gritou o Pescador. — Porém, que seja como você quiser. — E mergulhou na água.

Os Tritões tocaram suas trompas, e a Sereiazinha subiu para encontrá-lo, enrolou os braços em torno de seu pescoço e beijou-o na boca.

A Alma ficou na praia, desolada, observando-os, e quando eles afundaram no mar, ela saiu chorando para os pântanos.

* * *

Ao fim de um ano, a Alma tornou a ir à praia e chamou o Pescador, até que ele subiu à superfície e perguntou:

— Por que está me chamando?

E a Alma respondeu:

— Venha mais perto, para eu poder conversar com você, pois eu tenho visto coisas maravilhosas.

Então ele se aproximou, ficou deitado onde a água era rasa e, apoiando a cabeça sobre a mão, escutou.

Disse-lhe a Alma:

— Quando eu o deixei, voltei meu rosto para o Leste e saí viajando. Do Leste vem tudo o que é sábio. Viajei por seis dias, e na manhã do sétimo cheguei a uma colina que é o país dos Tártaros. Sentei-me à sombra de uma árvore de tamarindos para me abrigar do sol. A terra estava seca e torrada pelo calor. As pessoas andavam pela planície como moscas que se arrastam em uma chapa de cobre polido.

"Ao meio-dia, uma nuvem de poeira vermelha levantou-se lá nos limites da terra. Ao vê-la, os Tártaros armaram seus arcos pintados e, saltando para a sela de seus cavalinhos, galoparam para encontrá-la. As mulheres fugiram aos gritos para as carroças, escondendo-se atrás das cortinas de feltro.

"Ao cair da tarde, os Tártaros voltaram, porém cinco deles estavam faltando, e dos que voltaram alguns estavam feridos. Eles atrelaram seus cavalos às carroças e partiram apressadamente. Três chacais saíram de uma toca e

espiaram. Depois cheiraram bem o ar com suas narinas afiadas e saíram trotando na direção oposta.

"Quando a lua nasceu, eu vi uma fogueira queimando na planície e me dirigi para lá. Um grupo de mercadores estava sentado em tapetes, em torno dela. Seus camelos estavam em fila atrás deles, e os negros que eram seus criados estavam armando na areia tendas de pele curtida e fazendo uma cerca alta de opúncias.

"Quando me aproximei, o chefe dos mercadores levantou-se, tirou sua espada e perguntou-me o que eu queria.

"Respondi que era Príncipe em minha própria terra, e que estava fugindo dos Tártaros que haviam tentado escravizar-me. O chefe sorriu e mostrou-me cinco cabeças enfiadas em pontas de bambus.

"Então eles me perguntaram quem era o profeta de Deus, e eu respondi que era Maomé.

"Ao ouvir o nome do falso profeta, ele curvou-se ante mim e, tomando-me pela mão, colocou-me a seu lado. Um negro me trouxe um pouco de leite de égua em um prato de madeira e um pedaço de carneiro assado.

"Ao nascer do dia nós partimos em nossa viagem. Eu cavalguei um camelo avermelhado ao lado do chefe, e um batedor ia à nossa frente, carregando uma lança. Os guerreiros andavam a cada lado, e as mulas vinham atrás, com as mercadorias. Havia quarenta camelos na caravana, enquanto as mulas eram duas vezes quarenta.

"Nós passamos do país dos Tártaros para o daqueles que maldizem a Lua. Vimos os Grifos guardando seu ouro em rochas brancas, e Dragões escamados dormindo em suas cavernas. Ao passar sobre as montanhas, prendemos a respiração para que as neves não caíssem sobre nós, e usamos uma máscara de gaze sobre os olhos. Quando passamos pelo vale, os Pigmeus atiraram flechas contra nós do alto das árvores, e de noite ouvimos os tambores dos selvagens. Quando chegamos à Torre dos Macacos, espalhamos frutas na frente deles, de modo que não nos fizeram qualquer mal; e ao chegar à Torre das Serpentes demos-lhes leite morno em tigelas de latão, e elas nos deixaram passar. Três vezes em nossa jornada chegamos às margens do Oxus. Para cruzá-lo, usamos jangadas de madeira sustentadas por quatro bolas de couro infladas. Os

cavalos-marinhos nadavam à nossa volta, tentando matar-nos. Quando os camelos os viram, tremeram.

"Os reis de cada cidade exigiam pedágios de nós, mas nem assim permitiam que entrássemos por seus portões. Eles nos atiravam pães por cima das muralhas, bolinhos de milho assados em mel e bolos de farinha muito fina recheados de tâmaras. Por cada cem cestas nós tínhamos de dar-lhes uma cota de âmbar.

"Quando os habitantes das aldeias nos viam chegando, eles envenenavam os poços e fugiam para as colinas. Lutamos com os Magados, que nascem velhos e vão ficando cada ano mais moços, morrendo criancinhas; e com os Lactrois, que dizem ser filhos de tigres e se pintam de amarelo e preto, e com os Aurantes, que enterram seus mortos no alto das árvores, enquanto vivem em cavernas escuras para que o Sol, que é o seu deus, não os mate; e com os Criminianos, que adoram um crocodilo, a quem dão brincos de relva verde e alimentam com manteiga e aves frescas; e com os Agozobais, que têm cara de cachorro; e com os Sibães, que têm pés de cavalo, e correm mais do que estes. Um terço de nosso grupo morreu em batalhas, outro terço morreu de fome. Os que restaram falavam contra mim, dizendo que eu lhes trouxera má sorte. Eu peguei uma serpente chifruda debaixo de uma pedra e deixei que me picasse. Quando os outros viram o que fiz sem ficar sequer doente, ficaram com medo.

"No quarto mês chegamos à cidade de Ilele. Era noite quando atingimos o bosque fora das muralhas da cidade, e o ar era abafado, pois a Lua estava entrando em Escorpião. Nós colhemos romãs das árvores e, abrindo-as, sorvemos seu suco. Depois deitamo-nos em nossos tapetes e esperamos pela aurora.

"Quando o sol nasceu, nós batemos às portas da cidade. Eram trabalhadas em bronze avermelhado, esculpidas com dragões marinhos e dragões alados. Os guardas olharam do alto das ameias e perguntaram o que queríamos lá. O intérprete da caravana respondeu que vínhamos da ilha da Síria com muita mercadoria. Tomando reféns, eles disseram que nos abririam as portas ao meio-dia, pedindo que esperássemos até então.

"Ao meio-dia foram abertas as portas e, quando entramos, uma multidão saiu das casas para nos olhar, enquanto um arauto percorria a cidade fazendo sua proclamação através de uma grande concha. Nós ficamos na praça do

mercado, e os negros desataram as trouxas de tecidos decorados e abriram as arcas de sicômoro. Terminadas essas tarefas, os mercadores apresentaram suas estranhas mercadorias, linho encerado do Egito, linho pintado da terra dos etíopes, esponjas roxas de Tiro e cortinas azuis de Sidon, taças de frio âmbar, finas garrafas de vidro e curiosas garrafas de barro queimado. Do telhado de uma casa um grupo de mulheres nos observava. Uma delas usava uma máscara de couro dourado.

"No primeiro dia os sacerdotes vieram e fizeram trocas conosco; no segundo vieram os nobres, e no terceiro os artesãos e os escravos. Tais são seus hábitos em relação a todos os mercadores que estejam na cidade.

"Lá nós ficamos durante uma lua, e quando ela ficou no minguante eu me cansei e saí andando pelas ruas até chegar ao jardim do deus. Os sacerdotes com suas vestes amarelas moviam-se silenciosamente por entre as árvores verdes, e sobre um chão de mármore negro ficava a casa cor-de-rosa onde morava o deus. Suas portas eram de laca sarapintada, com touros e pavões lavrados e relevos de ouro polido; o teto azulejado era de porcelana verde-mar, e os beirais salientes eram guirlandados com guizos. Quando as pombas brancas passavam voando, batiam nos guizos fazendo-os tintinar.

"Em frente ao templo havia um lago de água límpida, revestido de ônix raiado. Deitei-me junto a ele, e com meus dedos pálidos toquei uma das folhas largas. Um dos sacerdotes veio na minha direção e ficou de pé atrás de mim. Usava sandálias, uma delas de macia pele de cobra, a outra de plumagem de pássaros. Em sua cabeça havia uma mitra de feltro negro decorada com crescentes de prata. Sete tons de amarelo eram entretecidos em seu manto, e seus cabelos frisados eram manchados com antimônio.

"Após algum tempo ele se dirigiu a mim, indagando o que eu desejava.

"Disse-lhe que meu desejo era ver o deus.

"'O deus está caçando', disse o sacerdote, olhando-me de modo estranho com seus pequenos olhos inclinados.

"'Diga-me em que floresta, que eu cavalgarei com ele', respondi.

"Ele penteou as suaves franjas de sua túnica com suas unhas longas e pontudas. 'O deus está dormindo', murmurou ele.

"'Diga-me em que leito, e eu o velarei', respondi.

"'O deus está no banquete', exclamou ele.

"'Se o vinho for doce eu o beberei com ele, e se for amargo também o beberei com ele', foi minha resposta.

"Ele curvou a cabeça, espantado, e tomando-me pela mão levantou-me e conduziu-me ao templo.

"E na primeira sala eu vi um ídolo sentado em um trono de jaspe, arrematado com grandes pérolas orientais. Ele era esculpido em ébano e tinha a estatura de um homem. Na testa havia um rubi, e um óleo grosso gotejava de seu cabelo até suas coxas. Seus pés estavam rubros como o sangue de um cabrito recém-abatido, e na cintura ele tinha um cinto de cobre cravejado com sete berilos.

"Perguntei eu ao sacerdote: 'É este o deus?' E ele respondeu-me: 'Este é o deus.'

"'Mostre-me o deus', gritei, 'pois senão eu o matarei.' E quando lhe toquei a mão, ela secou.

"E o sacerdote implorou-me, dizendo: 'Se o senhor curar a minha mão, eu lhe mostrarei o deus.'

"Então eu soprei-lhe a mão com meu hálito, e ela tornou a ficar boa. Tremendo, ele guiou-me até a segunda sala, onde vi um ídolo sentado em um lótus de jade carregado de esmeraldas. Ele era esculpido em marfim, e sua estatura era duas vezes a de um homem. Em sua testa havia uma crisólita, e seu peito era lambuzado com mirra e canela. Em uma das mãos, segurava um cetro retorcido de jade, e na outra uma esfera de cristal. Usava botas de bronze, e seu grosso pescoço era rodeado por um arco de selenitas.

"E eu perguntei ao sacerdote: 'É este o deus?' E ele me respondeu: 'Este é o deus.'

"'Mostre-me o deus', gritei, 'ou senão eu o matarei.' E quando toquei seus olhos, ele ficou cego.

"E o sacerdote implorou-me, dizendo: 'Se o senhor curar este seu criado, ele lhe mostrará o deus.'

"Então soprei seus olhos com meu hálito, e a visão voltou a eles. Ele novamente tremeu, e conduziu-me à terceira sala, onde, vejam só!, não havia qualquer ídolo, nem imagem de qualquer espécie, mas apenas um espelho de metal circular colocado sobre um altar de pedra.

"E disse eu ao sacerdote: 'Onde está o deus?'

“E respondeu-me ele: ‘Não há deus senão este espelho que agora vê, pois este é o Espelho da Sabedoria. Ele reflete todas as coisas que existem entre o céu e a terra, com exceção do rosto daquele que o mira. Isso ele não reflete, para que aquele que o mira possa ser sábio. Há muitos outros espelhos, porém são espelhos da Opinião. Este é o único Espelho da Sabedoria, e os que o possuem sabem tudo, e nada fica deles oculto. E os que não o possuem não têm Sabedoria. Portanto, ele é o deus, e nós o adoramos.’ E eu olhei para o espelho e vi que tudo era como ele dizia.

“E então fiz algo estranho, porém o que fiz não importa, pois em um vale que fica apenas a um dia de viagem daqui eu escondi o Espelho da Sabedoria. É só você permitir que eu volte para dentro de você para ser seu criado que você será mais sábio do que todos os homens sábios, e a Sabedoria será sua. Permita que eu volte para você, e ninguém será mais sábio do que você.”

Mas o jovem Pescador riu.

— O Amor é melhor do que a Sabedoria — exclamou ele —, e a Sereiazinha me ama.

— Não, não há nada melhor do que a Sabedoria — disse a Alma.

— O Amor é melhor — respondeu o jovem Pescador, e mergulhou no mar, e a Alma voltou chorando para o pântano.

* * *

Quando terminou o segundo ano, a Alma voltou à praia e chamou o jovem Pescador, e ele saiu do mar e perguntou:

— Por que está me chamando?

E respondeu a Alma:

— Chegue mais perto, para eu poder falar com você, pois eu andei vendo coisas maravilhosas.

E então ele se aproximou, deitou-se onde a água era rasa e, apoiando a cabeça sobre uma das mãos, ouviu.

* * *

Disse-lhe a Alma: “Quando eu o deixei, voltei meu rosto para o Sul e parti. Do Sul vem tudo o que é precioso. Viajei por seis dias pela poeira vermelha da estrada que leva à cidade de Ashter, seguindo o caminho que os peregrinos costumavam tomar, e quando, na manhã do sétimo dia, levantei os olhos, eis que a cidade estava a meus pés, já que ela fica em um vale.

“A cidade tem nove portas, e na frente de cada uma fica um cavalo de bronze que relincha quando os Beduínos descem das montanhas. As muralhas são recobertas de cobre, e as torres de vigília que delas sobem têm telhados de bronze. Em cada torre fica um arqueiro com um arco na mão. Ao nascer do sol ele acerta uma flecha em um gongo, e ao pôr do sol ele soa uma trompa de chifre.

“Quando tentei entrar, os guardas me pararam e perguntaram-me quem eu era. Respondi que era um Dervishe a caminho da cidade de Meca, onde havia um véu verde no qual o Corão foi bordado em letras prateadas por mãos de anjos. Eles ficaram maravilhados e pediram-me que entrasse.

“Lá dentro é como se fosse um bazar. Sem dúvida você deveria ter ido comigo. Ao longo das ruas estreitas, alegres lanternas de papel agitam-se como imensas borboletas. Quando o vento sopra nos telhados, elas sobem e descem como bolas pintadas. Na frente de suas tendas os mercadores ficam sentados em tapetes de seda. Têm longas barbas pretas e lisas, e seus turbantes são cobertos de paetês dourados, e longos fios de âmbar e caroços de pêssego entalhados deslizam por seus dedos frios. Alguns vendem gálbano e nardo, e curiosos perfumes das ilhas do Oceano Índico, além do pesado óleo de rosas vermelhas, mirra e pequenos cravos-da-índia do feitio de uma unha. Quando se para, a fim de se falar com algum deles, sempre atiram pitadas de incenso em um braseiro para tornar o ar mais doce. Vi um sírio que trazia nas mãos uma vara fina como um junco. Fios cinzentos de fumaça saíam dela e, ao queimar, exalava perfume de amêndoas doces na primavera. Outros vendem braceletes de prata encrustados com pedras azuis de turquesa, enfeites para os tornozelos, de bronze, com franjas de pequenas pérolas, ou garras de tigre encastoadas com ouro, garras daquele gato dourado, o leopardo, também montadas em ouro, ou brincos de esmeraldas perfuradas e anéis de jade sagrado. Das casas de chá vem o som de guitarras, e os fumadores de ópio, com seus rostos brancos e sorridentes, ficam olhando quem passa.

“Em verdade você deveria ter ido comigo. Os vinhateiros se acotovelam em meio à multidão com seus grandes odres negros nos ombros. A maioria vende vinho de Shiraz, que é doce como mel. Eles o servem em copinhos de metal e salpicam-no com pétalas de rosa. No mercado ficam os que vendem toda espécie de fruta: figos maduros, com sua carne roxa amassada, melões cheirando a almíscar e amarelos como topázios, cidras, maçãs rosadas e cachos de uvas brancas, laranjas redondas de um vermelho dourado e limões ovais de um ouro verde. Certa vez, vi um elefante passar. Sua tromba estava pintada de vermelho e açafrão, com uma rede de rubros fios de seda sobre as orelhas. Ele parou junto a uma das barracas e começou a comer as laranjas, mas o vendedor só riu. Não imagina que gente esquisita eles são. Quando contentes, procuram um vendedor de passarinhos e compram uma avezinha na gaiola, soltando-a para que sua alegria possa ser ainda maior, enquanto que, quando tristes, eles se açoitam com espinhos para que sua dor não diminua.

“Certa noite encontrei uns negros carregando um pesado palanquim pelo bazar. Era feito de bambu dourado, e as travas eram de laca rubra encrustada com pavões de bronze. Nas janelas havia cortinas de musselina bordadas com asas de besouro e perolinhas de arroz mínimas e, ao passar, uma Circassiana de rosto pálido olhou para fora e sorriu para mim. Segui-os; os negros apressaram o passo e fizeram cara feia, mas não me importei. Fui tomada de imensa curiosidade.

“Finalmente eles pararam defronte a uma grande casa branca e quadrada. Não tinha janelas, só uma portinha, como a de um túmulo. Eles pousaram o palanquim e bateram três vezes com um martelo de cobre. Um Armênio com um caftan de couro verde espiou por uma janelinha e, ao vê-los, abriu a porta e estendeu um tapete no chão. A mulher saltou e, virando-se, tornou a sorrir para mim. Jamais vi tamanha palidez em alguém.

“Quando a lua apareceu, eu voltei ao mesmo local e procurei a casa, porém ela não estava mais lá. Quando dei por isso, soube quem era a mulher e por que razão ela me sorria.

“Por certo você deveria ter ido comigo. Na festa da Lua Nova, o jovem Imperador saiu do palácio e foi orar na mesquita. Seus cabelos e barba eram tingidos com pétalas de rosa e suas faces empoadas com fina poeira de ouro. As solas dos pés e as palmas das mãos eram pintadas de amarelo com açafrão.

"Ao nascer do sol ele saiu do palácio com roupas prateadas, e ao pôr do sol voltou com roupas douradas. O povo atirou-se no chão, escondendo seus rostos, mas assim não fiz eu. Fiquei ao lado da barraca de um vendedor de tâmaras e esperei. Quando o Imperador me viu, levantou suas sobrancelhas pintadas e estancou. Fiquei imóvel, sem fazer qualquer cumprimento. O povo ficou espantado diante de minha ousadia, e todos me aconselharam a fugir da cidade. Não lhes dei atenção mas, em vez disso, fui sentar-me com os vendedores de deuses estranhos, abominados em função de sua arte. Quando lhes contei o que havia feito, cada um me deu um deus e pediu-me que os deixasse.

"Naquela noite, deitada em almofadas na casa de chá da Rua das Romãs, os guardas do Imperador entraram e levaram-me para o palácio. Quando ia entrando, eles iam fechando uma a uma as portas por que eu passava, trancando-as com correntes. Do lado de dentro havia um grande pátio cercado em todos os lados por uma arcada. As paredes eram de alabastro branco, enfeitadas aqui e ali com ladrilhos azuis e verdes. As colunas eram de mármore verde, e o chão de uma espécie de mármore cor de pêssego. Jamais vira nada sequer parecido com aquilo tudo.

"Quando atravessava o pátio, duas mulheres veladas olharam-me do alto de um balcão e me maldisseram. Os guardas apertaram o passo, e suas lanças reboavam ao bater no chão polido. Eles abriram uma porta de marfim lavrado e vime em um jardim cheio de lagos, em sete terraços. Era plantado com tulipas, flores-da-lua e aloés prateados. Como esbelto junco de cristal, um repuxo pairava no ar crepuscular. Os ciprestes pareciam tochas já queimadas, e em um deles cantava um rouxinol.

"No fundo do jardim ficava um pequeno pavilhão. Quando nos aproximamos, dois eunucos saíram para receber-nos. Seus corpos gordos balançavam quando andavam, e olhavam-me com curiosidade com seus olhos de pálpebras amarelas. Um deles levou o capitão da guarda para um lado e falou baixinho com ele. O outro estava mastigando umas pastilhas perfumadas, que pegava de uma caixinha oval de esmalte, com gestos afetados.

"Após alguns instantes, o capitão da guarda dispensou os soldados. Eles voltaram para o palácio, com os eunucos seguindo lentamente atrás, colhendo

amoras doces das árvores ao passar. Uma única vez o mais velho dos dois virou-se para trás e sorriu-me um sorriso malévolo.

"Nessa altura, o capitão da guarda fez um gesto indicando a entrada do pavilhão. Eu avancei sem tremer e, afastando para um lado a pesada cortina, entrei.

"O jovem Imperador estava estirado em um divã de pele de leão, com um falcão pousado no punho. Atrás dele estava postado um Núbio com turbante de bronze, nu da cintura para cima, com pesados brincos em suas orelhas partidas. Sobre uma mesa ao lado do divã estava uma poderosa cimitarra de aço.

"Ao ver-me, o Imperador franziu o cenho e perguntou: 'Qual é o seu nome? Será que não sabe que sou o Imperador desta cidade?' Eu, porém, não respondi.

"Ele apontou para a cimitarra, o Núbio tomou-a e, avançando velozmente, atingiu-me com grande violência. A lâmina passou através de mim, porém não me feriu. O homem caiu esborrachado no chão e, ao levantar-se, seus dentes batiam de terror, e ele escondeu-se atrás do divã.

"O Imperador levantou-se de um salto e, tomando de uma lança que estava em uma estante de armas, atirou-a em mim. Eu apanhei-a no ar e parti-a em dois. Ele desferiu uma flecha na minha direção, porém eu a parei no ar. Ele então puxou uma adaga de um cinto de couro branco e cortou a garganta do Núbio, para que o escravo não pudesse falar de sua desonra. O homem contorceu-se como uma cobra pisada, e uma bola de espuma vermelha saiu de seus lábios.

"Tão logo ele morreu, o Imperador voltou-se para mim e, depois de limpar o brilhante suor de sua testa com um pequeno lenço debruado com seda púrpura, disse-me: 'Será que você é algum profeta, que eu não consigo ferir, ou filho de algum profeta, que não posso atingir? Peço-lhe que deixe a minha cidade esta noite, pois enquanto permanecer aqui não sou mais senhor dela.'

"Eu respondi: 'Irei por metade de seu tesouro. Dê-me metade de seu tesouro que eu irei embora.'

"Ele tomou-me pela mão e levou-me para o jardim. Ao ver-me, o capitão da guarda ficou intrigado, enquanto os eunucos ficaram com os joelhos trêmulos e caíram ao chão, de medo.

“Há uma sala no palácio que tem oito paredes de pórfiro vermelho e um teto de escamas de bronze todo ornado com lanternas pendentes. O Imperador tocou em uma das paredes, e ela se abriu, deixando que passássemos para um corredor iluminado por um sem-número de tochas. Em nichos, a cada lado, ficavam grandes potes de vinho cheios até a boca de moedas de prata. Quando atingimos o meio do corredor, o Imperador disse a palavra que não pode ser dita, e uma porta de granito abriu-se para uma fonte secreta, enquanto ele punha as mãos na frente dos olhos, a fim de não ficar ofuscado.

“Você nem ia acreditar como o lugar era maravilhoso. Havia imensos cascos de tartarugas cheios de pérolas e pedras da lua enormes, escavadas, cheias de rubis vermelhos. O ouro era guardado em cofres de pele de elefante, e o pó de ouro em garrafas de couro. Havia opalas e safiras, as primeiras em taças de cristal, as últimas em taças de jade. Redondas esmeraldas verdes estavam arrumadas em cima de finos pratos de marfim; em um canto havia sacos de seda, alguns cheios com turquesas, outros com berilos. Cornucópias de marfim estavam atulhadas de ametistas roxas, enquanto as de bronze carregavam calcedônias e sardônicas. As colunas, de cedro, eram enfeitadas com fios de pedras amarelas brilhantes como os olhos do lince. Nos escudos ovais e planos havia carbúnculos cor de vinho e cor de relva. E mesmo assim não lhe contei nem um décimo do que havia lá.

“Ao retirar as mãos da frente do rosto, disse-me o Imperador: ‘Esta é a casa do meu tesouro, e metade do que está nela é sua, como eu lhe prometi. Eu lhe darei camelos e quem os cuide, que farão o que lhes mandar e carregarão sua parte do tesouro para qualquer parte do mundo aonde queira ir. E isso será feito esta noite, pois eu não gostaria que o Sol, que é meu pai, visse que há na minha terra um homem a quem não posso matar.’

“Porém, eu lhe respondi: ‘O ouro que aqui há é seu, e a prata também é sua, como suas são as joias preciosas e os objetos de alto preço. Quanto a mim, não preciso de nenhum deles. Nem lhe tirarei o que quer que seja, a não ser esse anelzinho que está usando em seu dedo.’

“E o Imperador franziu o cenho. ‘É apenas um anel de latão’, exclamou ele, ‘não tem qualquer valor. Portanto, tome metade de meu tesouro e saia da minha cidade’.

"'Não', respondi, 'não hei de ficar com nada senão esse anel de latão, pois sei o que está escrito dentro dele, e por que razão.'

"Tremendo, o Imperador implorou-me, dizendo: 'Leve todo o tesouro e saia da minha cidade. A minha metade será sua, também.'

"E eu fiz uma coisa estranha, porém não importa o que eu fiz, pois em uma caverna que fica a apenas um dia de viagem daqui eu escondi o Anel das Riquezas. Fica só a um dia de viagem deste lugar, e espera a sua chegada. Quem tem o Anel será mais rico do que todos os reis do mundo. Venha, tome-o, e todas as riquezas do mundo serão suas."

Porém, o jovem Pescador apenas riu.

— O Amor é melhor do que a Riqueza — gritou ele —, e a Sereiazinha me ama.

— Não, não há nada melhor do que a Riqueza — disse a Alma.

— O Amor é melhor — respondeu o jovem Pescador, e mergulhou no mar profundo, e a Alma saiu chorando para os pântanos.

Ao final do terceiro ano, a Alma foi até a beira do mar e chamou o jovem Pescador, que apareceu das profundezas e disse:

— Por que me chama?

E respondeu a Alma:

— Chegue mais perto, para eu poder falar-lhe, pois vi coisas maravilhosas.

Então ele se aproximou, deitou-se na água rasa, apoiou a cabeça em uma das mãos e ouviu.

* * *

Disse-lhe a Alma: "Em uma cidade que conheço, há uma hospedaria que fica junto a um rio. Lá sentei-me com marinheiros que bebiam dois vinhos de cores diferentes, enquanto comiam pão de centeio e peixinhos salgados servidos em folhas de louro com vinagre. Enquanto estávamos ali, nos divertindo, apareceu-nos um velho carregando um tapete de couro e um alaúde com duas pontas de âmbar. Depois de abrir o tapete no chão, ele tocou com uma palheta feita de pena as cordas metálicas do instrumento, e uma moça entrou correndo e começou a dançar diante de nós. Seu rosto estava coberto pelo véu de gaze, porém seus pés estavam nus. Assim, nus, seus pés moviam-se

pelo tapete como duas pombas. Jamais vi algo tão maravilhoso, e a cidade onde ela dança fica só a um dia de viagem daqui."

Ao ouvir as palavras de sua Alma, o jovem Pescador lembrou-se que a pequena Sereia não tinha pés e não podia dançar. Um enorme desejo apossou-se dele, fazendo-o dizer consigo mesmo:

— É só um dia de viagem, e poderei voltar para o meu amor.

E, rindo, ele se levantou no meio daquela água rasa e caminhou para a praia.

Ao chegar na praia ele tornou a rir e abriu os braços na direção da Alma, que, soltando um grande grito de alegria, correu até ele, entrou nele, e o jovem Pescador viu estender-se diante de si, na areia, a sombra do corpo que é o corpo da Alma.

E disse-lhe a Alma:

— Não embrome, vamos logo embora daqui, pois os Deuses do Mar são ciumentos e têm monstros para cumprir suas determinações.

* * *

Então eles se apressaram, e durante a noite toda viajaram ao luar, e durante todo o dia seguinte eles viajaram à luz do sol, e à noitinha chegaram a uma cidade.

E o jovem Pescador disse à sua Alma:

— É esta a cidade em que dança aquela de quem você me falou?

Respondeu-lhe a Alma:

— Não, esta é outra cidade. Porém mesmo assim podemos entrar.

Eles entraram, passaram por muitas ruas, e, ao chegarem à Rua dos Joalheiros o jovem Pescador viu uma linda taça de prata exposta em uma barraca. E disse-lhe sua Alma:

— Pegue a taça de prata e esconda-a.

Então ele a pegou e escondeu-a nas dobras de sua túnica, e os dois saíram depressa da cidade.

Quando já estavam a mais de uma légua dali, o jovem Pescador aborreceu-se, atirou para longe a taça e disse à sua Alma:

— Por que me fez pegar a taça e escondê-la, se isso não se faz?

Porém, a Alma respondeu:

— Fique em paz, fique em paz.

Na segunda noite, eles chegaram a uma cidade, e perguntou o jovem Pescador à sua Alma:

— É esta a cidade em que dança aquela de quem você me falou?

Respondeu-lhe a Alma:

— Não, esta é outra cidade. Porém mesmo assim podemos entrar.

Eles entraram, passaram por muitas ruas, e, ao chegarem à Rua das Sandálias, o jovem Pescador viu uma criança de pé, junto a uma jarra d'água.

Disse-lhe então a Alma:

— Bata naquela criança. — E ele bateu até a criança chorar.

Logo depois os dois saíram depressa da cidade.

Quando já estava a mais de uma légua dali, o jovem Pescador, que ficara indignado, disse à sua Alma:

— Por que me fez bater na criança, se isso não se faz?

Porém, a Alma respondeu:

— Fique em paz, fique em paz.

Na noite do terceiro dia, eles chegaram a uma cidade, e perguntou o jovem Pescador à sua Alma:

— É esta a cidade em que dança aquela de quem você me falou?

Respondeu-lhe a Alma:

— Pode ser que seja, e portanto vamos entrar.

Eles entraram, passaram por muitas ruas, porém em parte alguma conseguiu o Pescador encontrar o rio ou a hospedaria que ficava junto a ele. Toda a gente da cidade o olhava com muita curiosidade. Ele foi ficando com medo e disse à sua Alma:

— Vamo-nos embora, pois aquela que dança com pés brancos não está por aqui.

Porém, a Alma respondeu:

— Não, fiquemos mais um pouco, pois a noite está escura e há ladrões na estrada.

Então ele se sentou na praça do mercado e descansou.

Depois de algum tempo, passou por ali um mercador encapuçado que tinha um manto de tecido da Tartária e levava uma lanterna feita de chifre furado na ponta de um junco. E disse-lhe o mercador:

— Por que fica aí sentado no mercado, quando todas as barracas estão fechadas e as trouxas amarradas?

E respondeu-lhe o jovem Pescador:

— Não encontrei nenhuma hospedaria na cidade, nem tenho aqui parente que me possa abrigar.

— Não somos todos parentes? — disse o mercador. — Não foi um só Deus que nos fez a todos? Portanto venha comigo, pois tenho um quarto para hóspedes.

Então o jovem Pescador levantou-se e seguiu o mercador até sua casa. Depois de passar por um jardim de romãs, eles entraram, e o mercador trouxe-lhe água de rosas em uma bacia de cobre para que pudesse lavar as mãos, melões maduros para que pudesse matar a sede, e ainda colocou um prato de arroz e um pedaço de cabrito assado à sua frente.

Quando acabou, o mercador levou-o para o quarto de hóspedes, rogando-lhe que dormisse e ficasse em paz. O jovem Pescador agradeceu e beijou o anel na mão do mercador, atirando-se nos tapetes de pele de cabra. Depois de cobrir-se com uma colcha de lã de carneiro preto, ele adormeceu.

Três horas antes da aurora, quando ainda era noite, sua Alma o despertou e disse-lhe:

— Levante-se, vá ao quarto do mercador, o quarto em que ele dorme, mate-o e tire dele seu ouro, do qual eu necessito.

O jovem Pescador levantou-se, arrastou-se para o quarto do mercador, a cujos pés havia uma espada curva. Em uma bandeja ao lado do mercador estavam nove sacolas de ouro. Esticando a mão, ele tocou na espada e, ao fazê-lo, assustou o mercador, que, despertando, deu um salto e pegou ele próprio a espada e gritou para o Pescador:

— Em troca do bem você dá o mal e paga com derramamento de sangue a bondade que lhe mostrei?

Disse sua Alma ao jovem Pescador:

— Bata nele. — E ele bateu de tal modo que o mercador desmaiou.

O homem agarrou as sacolas de ouro e fugiu correndo pelo jardim das romãs, sempre com o rosto voltado para a entrada que anuncia a manhã.

Quando já estavam a mais de uma légua dali, o jovem Pescador, batendo no peito, disse à sua Alma:

— Por que me pediu que matasse o mercador e tirasse seu ouro? Estou certo de que você é má.

Porém, sua Alma respondeu-lhe:

— Fique em paz, fique em paz.

— Não — exclamou o jovem Pescador —, não posso ficar em paz, pois odeio tudo o que você me fez fazer. Também odeio você e imploro que me diga por que razão agiu dessa forma para comigo.

E respondeu-lhe a sua Alma:

— Quando você me mandou embora por este mundo, recusou-se a me dar um coração, de modo que aprendi a fazer todas essas coisas.

— O que está dizendo? — murmurou o jovem Pescador.

— Você sabe — respondeu a Alma —, sabe muito bem. Já se esqueceu de que não me deu um coração? Duvido. Portanto não se preocupe nem consigo nem comigo, mas fique em paz, pois não há dor que você não vá levar aos outros, nem prazer que você não venha a ter.

Quando o jovem Pescador ouviu tais palavras, tremeu e disse à sua Alma:

— Palavra que você é muito má, pois me fez esquecer meu amor, me tentou com toda espécie de tentação e voltou meus passos para o caminho do pecado.

Respondeu-lhe a Alma:

— Você não esqueceu que me mandou para o mundo sem me dar um coração. Venha, vamos a uma outra cidade divertirmo-nos, pois agora temos nove sacolas de ouro.

Porém o Pescador pegou as sacolas de ouro, atirou-as no chão e pisoteou-as.

— Nunca — exclamou ele —, pois não terei nada a ver com você, nem hei de viajar para lugar nenhum com você, mas do mesmo modo que a mandei embora antes, tornarei a mandar agora, pois você não me fez qualquer bem.

E dando as costas à lua, com sua faquinha de cabo de pele de cobra verde, ele lutou para cortar, junto a seus pés, a sombra do corpo que é o corpo da Alma.

Mas sua Alma não se arredou dele, nem deu ouvidos às suas ordens, e ainda lhe disse:

— O encantamento que a Bruxa lhe ensinou não vale mais nada, pois não poderei deixá-lo, nem você poderá me enxotar. Uma vez na vida um homem

pode mandar embora sua Alma, porém quem a recebe de volta tem de ficar com ela para sempre, o que é sua punição e sua recompensa.

O jovem Pescador empalideceu e, torcendo as mãos, exclamou:

— A Bruxa era falsa, já que não me disse nada disso.

— Ao contrário — respondeu a Alma —, ela foi fiel a Ele a quem adora, e cuja serva ela será para sempre.

Quando o jovem Pescador se deu conta de que não poderia mais livrar-se de sua Alma, e que esta era malévola e ficaria com ele para sempre, caiu no chão e chorou amargamente.

Quando já era dia, o jovem Pescador levantou-se e disse à sua Alma:

— Vou amarrar minhas mãos para não poder fazer o que me pede, selar meus lábios para não poder dizer as suas palavras e voltar ao lugar onde mora aquela que eu amo. Voltarei para o mar, na verdade, e para a enseada onde ela costuma cantar, para chamá-la e contar-lhe o mal que fiz e o mal que você me fez.

E a Alma, para tentá-lo, disse:

— Quem é o seu amor, que valha a pena você voltar para ela? O mundo tem muitas mais belas do que ela. Há as dançarinas de Samaris, que dançam como todos os pássaros e animais. Seus pés são pintados com hena, e nas mãos elas têm badalinhos de cobre. Elas se riem enquanto dançam, e seu riso é claro como as águas. Venha comigo, que eu as mostrarei a você. Pois qual é esse seu problema com as coisas do pecado? Será que o que é bom de comer não foi feito para quem come? Haverá veneno no que é doce de beber? Não fique preocupado e venha comigo a outra cidade. Há uma cidadezinha bem aqui perto onde há um jardim de tulipas. Nesse lindo jardim vivem pavões brancos e pavões de peito azul. Suas caudas, quando abertas ao sol, são como rodelas de marfim ou de ouro. E aquela que os alimenta dança por prazer, às vezes apoiada nas mãos, outras vezes nos pés. Seus olhos são da cor do estíbio, suas narinas têm a forma das asas de andorinha. De uma argola em uma delas pende uma flor esculpida em uma pérola. Ela se ri quando dança, e as argolas de prata em torno de seus tornozelos badalam como guizos de prata. Portanto, não fique mais preocupado e venha comigo à cidade.

Porém, o jovem Pescador não respondeu à sua Alma, mantendo fechados os lábios com o selo do silêncio e, com as mãos amarradas com um cordão

apertado, viajou para o local de onde viera, exatamente para a enseada onde seu amor costumava cantar. Durante todo o caminho sua Alma ficou a tentá-lo, mas ele não respondeu, nem fez nenhuma das maldades que ela procurava levá-lo a executar, tão grande foi a força do amor que ele levava dentro de si.

Chegando à beira-mar, ele soltou o cordão de suas mãos, retirou o selo do silêncio de seus lábios e chamou a pequena Sereia. Porém, ela não respondeu ao seu chamado, muito embora ele chamasse e implorasse durante todo o dia.

Sua Alma caçoou dele, dizendo:

— Estou vendo que pouca alegria você tira do seu amor. Parece até quem, na hora da morte, derrama água em bilha quebrada. Você dá o que tem, mas não recebe nada de volta. Seria melhor para você ir comigo, pois eu sei onde fica o Vale do Prazer, como sei de tudo o que se faz por lá.

O Pescador, no entanto, não respondeu à sua Alma, mas, em uma reentrância da rocha, construiu uma cabana de juncos trançados, onde morou durante um ano. Todo dia de manhã ele chamava a Sereia, e de novo ao meio-dia, e toda noite ele dizia seu nome. Ela, porém, nunca saiu das águas para vir ao seu encontro, nem lhe foi possível encontrá-la em qualquer ponto do mar, embora a buscasse nas cavernas, nas águas verdes, nas poças nascidas das marés e nos poços que há no fundo das profundezas.

E a Alma, sempre e sempre, tentava com o mal, sussurrando-lhe coisas terríveis. Porém jamais conseguiu vencê-lo, tão grande era o poder de seu amor.

Ao fim de um ano, pensou a Alma consigo mesma: "Já tentei meu amo com o mal, e seu amor foi mais forte do que eu. Agora vou tentá-lo com o bem, e talvez consiga que venha comigo."

E dirigindo-se ao jovem Pescador, disse-lhe:

— Já lhe falei das alegrias do mundo, e você ficou surdo ao que eu disse. Agora permita-me que eu lhe fale das dores do mundo, e é possível que a isso você dê ouvidos. Pois em verdade a dor é o Senhor deste mundo, e não há ninguém que escape de sua teia. Há aqueles a quem falta roupa, há aqueles a quem falta pão. Há viúvas vestidas de púrpura, outras vestidas de trapos. De um lado para outro nos pântanos caminham os leprosos, que são cruéis uns com os outros. Os mendigos perambulam pelas estradas, e suas bolsas estão vazias. Pelas ruas das cidades anda a Fome, enquanto a Peste senta-se às suas portas. Venha, vamos sair e corrigir tais coisas, a fim de fazer com que

desapareçam. Por que haveria você de ficar aqui chamando pelo seu amor, vendo que ela jamais responde ao seu chamado? E o que é o amor, para que você lhe atribua tal valor?

Porém o jovem Pescador não lhe deu resposta, tamanho era o poder de seu amor. E toda manhã ele chamava a Sereia, e novamente ao meio-dia, e toda noite ele dizia o seu nome. Ela, porém, jamais saiu do mar para vir ao seu encontro, nem lhe foi possível encontrá-la em qualquer ponto do mar, embora a buscasse pelos rios, nos vales que há por debaixo das ondas, nas águas que a noite torna púrpuras e que a aurora deixa cinzentas.

Ao fim do segundo ano, disse a Alma ao Pescador quando, ao anoitecer, estava ele sozinho sentado em sua casa de junco:

— Escute! Agora eu já o tentei com o mal e já o tentei com o bem, mas seu amor foi mais forte do que eu. Por isso eu não o tentarei mais, mas pedirei apenas que me deixe entrar em seu coração, para que eu possa novamente estar em harmonia com você.

— É claro que pode entrar — disse o jovem Pescador —, pois nos dias em que você andou pelo mundo sem coração, deve ter sofrido muito.

— Ai, ai! — gritou a Alma. — Não consigo encontrar entrada, tão repleto de amor está esse seu coração.

— Pois bem que eu gostaria de poder ajudá-la — disse o Pescador.

Enquanto falava, veio do mar um imenso grito de lamento, exatamente igual ao grito que se ouve quando morre alguém da Gente do Mar. E o jovem Pescador deu um salto, deixou sua cabana e correu para a praia. E as ondas negras vieram rápidas para a praia, trazendo consigo uma carga mais branca do que a prata.

Era branca como a espuma, e batida pelas ondas como uma flor. As ondas a tomaram das águas, e a espuma a tomou das ondas, e a praia recebeu-a, até que, a seus pés, o jovem Pescador viu o corpo da pequena Sereia. Ela estava morta a seus pés.

Chorando, como se golpeado pela dor, ele atirou-se ao lado dela e beijou a rubra boca fria, e brincou com o âmbar encharcado de seus cabelos. Ele se atirou a seu lado na areia, chorando, trêmulo de alegria, e em seus braços ele a apertou de encontro ao peito. Seus lábios estavam frios, porém mesmo assim ele os beijava. Estava salgado o mel de seus cabelos, mas ele os saboreava com

amarga alegria. Ele beijou as pálpebras fechadas, mas as gotas selvagens que enchiam as órbitas eram menos salgadas do que suas lágrimas.

Àquela figura morta ele se confessou. Nas conchas de seus ouvidos ele derramou o vinho rascante de sua narrativa. Colocou as mãos em volta de seu pescoço, e com os dedos tocou a esguia garganta. Mais do que amarga era sua alegria, plena da mais estranha felicidade era a sua dor.

O mar negro chegou mais perto, a espuma branca gemeu como um leproso. Com garras brancas a espuma se agarrava à praia. Do palácio do Rei do Mar chegou de novo o grito de lamento, e lá longe, no mar alto, os grandes Tritões soaram roucamente suas trompas.

— Fuja — disse-lhe a Alma —, pois o mar está cada vez mais perto, e se você ficar aí ele vai matá-lo. Fuja, pois estou com medo, vendo que o seu coração me é fechado em razão da grandeza do seu amor. Fuja para algum lugar seguro. Por certo você não há de querer mandar-me para o outro mundo sem um coração!

O jovem Pescador, no entanto, não deu ouvidos à sua Alma, mas, chamando a pequena Sereia, disse-lhe:

— O amor é melhor do que a sabedoria, mais precioso do que a riqueza e mais belo do que os pés das filhas dos homens. O fogo não o destrói, nem pode a água apagá-lo. Eu a chamei de manhã, e você não respondeu ao meu chamado. A lua ouviu seu nome, mas nem mesmo assim você me atendeu. Pois eu agi mal quando a deixei, e andei por aí só ferindo a mim mesmo. Mas mesmo assim o seu amor ficou sempre comigo e permaneceu sempre forte, sem que nada prevalecesse contra ele, mesmo que eu tenha sido exposto ao mal e ao bem. E agora que você está morta, não há dúvida de que eu também morrerei com você.

A Alma tentou convencê-lo a ir-se embora, mas ele se recusou, tão grande era o seu amor. E o mar foi chegando mais perto e tentou cobri-lo com suas ondas; e quando ele sentiu que o fim estava chegando, beijou com lábios enlouquecidos os lábios frios da Sereia, e o coração dentro dele se partiu. E quando, pela plenitude de seu amor, seu coração partiu-se, a Alma encontrou um meio de entrar e ficou em harmonia com ele, como acontecia antes. E o mar cobriu o jovem Pescador com suas ondas.

De manhã o Padre saiu para abençoar o mar, que estivera tão revolto. E com ele foram os monges e os músicos e os que carregavam as tochas e os que balançavam os turíbulos, e mais uma grande multidão.

Quando o Padre chegou à praia, viu o jovem Pescador afogado na arrebentação e, preso em seus braços, o corpo da pequena Sereia. Ele se afastou aborrecido e, persignando-se, gritou bem alto:

— Não abençoarei o mar nem nada que está nele. Maldita seja a Gente do Mar, e malditos todos aqueles que se derem com ela. E quanto a ele, que por seu amor abandonou a Deus, e aí jaz com sua amante, morto pelo julgamento de Deus, peguem seu corpo e o de sua amante e os enterrem no Campo dos Pisoeiros, e não deixem nada marcando o local, nem qualquer sinal, para que ninguém saiba onde eles repousam. Pois malditas foram as suas vidas, e malditos também serão na morte.

E foi feito como ele ordenou: em um canto do Campo dos Pisoeiros, onde não crescia nenhuma erva boa, foi cavado um buraco bem fundo, onde colocaram os mortos.

Depois que se passou o terceiro ano, em dia que era dia santo, o Padre foi até a capela para poder mostrar ao povo as chagas do Senhor e falar-lhes a respeito da ira de Deus.

Depois de se paramentar, ele entrou e se curvou diante do altar, quando viu que o altar estava coberto com estranhas flores que jamais vira antes. De aspecto inusitado e curiosa beleza, seu esplendor o perturbou e, ao sentir a doçura de seu perfume em suas narinas, ele sentiu-se alegre, porém sem compreender por que razão.

Depois de abrir o tabernáculo e de envolver com incenso o ostensório que este abrigava, tendo mostrado a hóstia ao povo e a ocultado novamente atrás do véu dos véus, começou a falar ao povo, pois queria fazer-lhe uma prédica sobre a ira de Deus. Porém, a beleza das flores brancas o perturbou; seu perfume era doce em suas narinas, e uma outra palavra veio-lhe aos lábios, que o fez falar não da ira de Deus, mas do Deus cujo nome é Amor. E assim falou ele, sem saber.

Quando acabou sua prédica, o povo chorou, e o Padre foi para a sacristia com os olhos marejados de lágrimas. E os diáconos chegaram e começaram a

remover-lhe os paramentos, tirando-lhe a alba e o cinto, o manípulo e a estola. E ele ficou ali, parado, como se sonhasse.

Depois de tirados todos os paramentos, ele olhou para os que o cercavam e disse:

— Que flores são essas que estão no altar, e de onde vieram elas?

Eles responderam:

— Que flores são, não sabemos, mas elas vieram de um canto do Campo dos Pisoeiros.

O Padre estremeceu, voltou para sua casa e rezou.

Na manhã seguinte, ainda durante a madrugada, ele saiu com os monges e os músicos e os que levavam tochas e os que balançavam os turíbulos, e mais uma grande multidão. Chegando na praia ele abençoou o mar, e todas as coisas selvagens que nele vivem. Os Faunos também ele abençoou, e as coisinhas pequenas que dançam nos bosques, e as coisinhas de olhos brilhantes que espiam através das folhas. Todas as coisas no mundo de Deus ele abençoou, e o povo ficou feliz e inspirado. No entanto, nunca mais apareceram flores de qualquer espécie naquele canto do Campo dos Pisoeiros, que ficou tão estéril quanto sempre fora. Nem nunca mais a Gente do Mar apareceu na baía, como antes costumava, porque toda ela se mudara para uma outra parte dos mares.

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editora Responsável
Ana Carla Sousa

Produção Editorial
Adriana Torres
Carolina Rodrigues

Revisão
Carolina Leocadio
Luisa Suassuna
Marcela de Oliveira
Mariana Hamdar
Pedro Staite
Alessandra Volkert
Rachel Rimas

Capa
Victor Burton

Diagramação
Filigrana

Produção de ebook
S2 Books